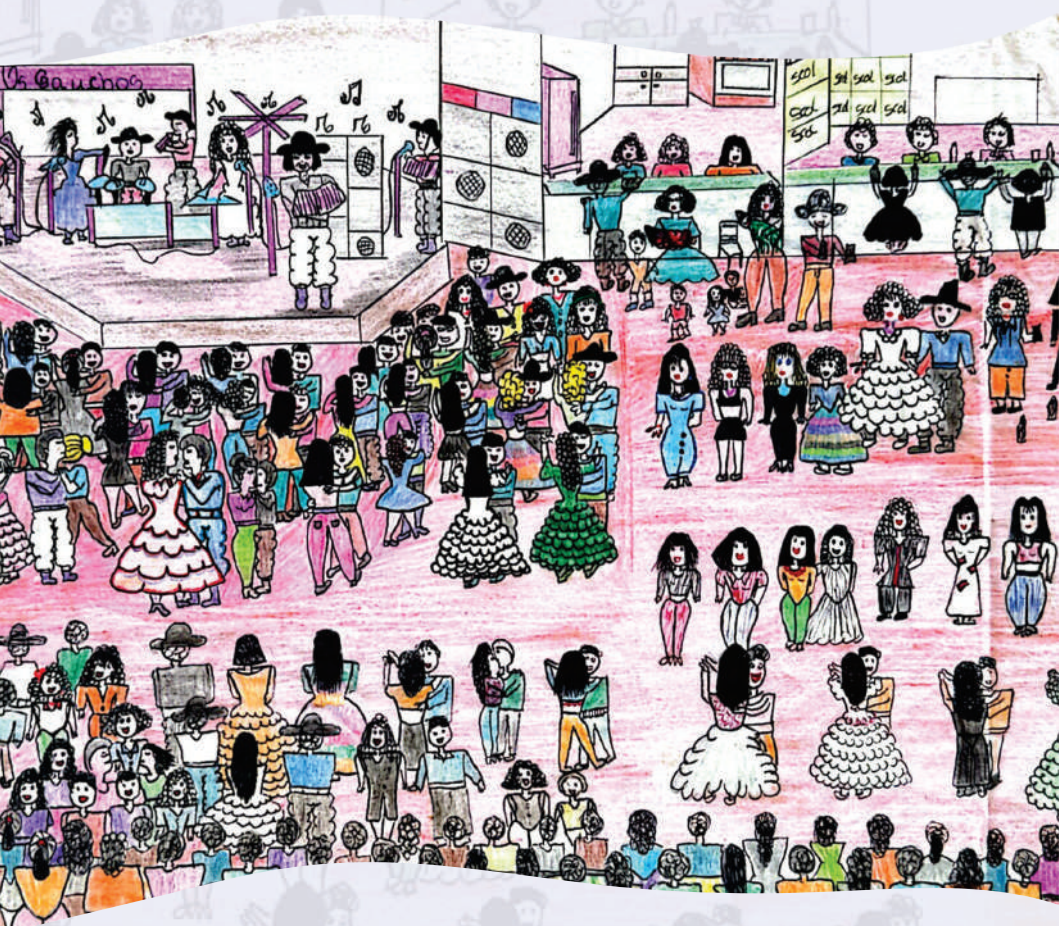


Gabrielle Audrey de Sousa Costa
Guilherme do Val Toledo Prado
Liana Arrais Serodio
Organizadores



Como me chamam?

Movimentos, vivências, pesquisas
e narrativas em educação



Pedro & João
editores

Como me chamam?
**Movimentos, vivências,
pesquisas e narrativas em
educação**



Gabrielle Audrey de Sousa Costa

Guilherme do Val Toledo Prado

Liana Arrais Serodio

(Organizadores)

Como me chamam?

Movimentos, vivências, pesquisas e narrativas em educação

Faculdade de Educação (FE)

Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP)



Copyright © Autoras e autores

Todos os direitos garantidos. Qualquer parte desta obra pode ser reproduzida, transmitida ou arquivada desde que levados em conta os direitos das autoras e dos autores.

Gabrielle Audrey de Sousa Costa; Guilherme do Val Toledo Prado; Liana Arrais Serodio [Orgs.]

Como me chamam? Movimentos, vivências, pesquisas e narrativas em educação. São Carlos: Pedro & João Editores, 2025. 242p. 14 x 21 cm.

ISBN: 978-65-265-1964-6 [Impresso]

978-65-265-1965-3 [Digital]

1. Educação. 2. Pesquisa; narrativa. 3. Ciências humanas. 4. Estudos Bakhtinianos. I. Título.

CDD – 370

Capa: Nadir Vidal

Ficha Catalográfica: Hélio Márcio Pajeú – CRB - 8-8828

Diagramação: Gabrielle Audrey de Sousa Costa

Editores: Pedro Amaro de Moura Brito & João Rodrigo de Moura Brito

Conselho Editorial da Pedro & João Editores:

Augusto Ponzio (Bari/Itália); João Wanderley Geraldi (Unicamp/Brasil); Hélio Márcio Pajeú (UFPE/Brasil); Maria Isabel de Moura (UFSCar/Brasil); Maria da Piedade Resende da Costa (UFSCar/Brasil); Valdemir Miotello (UFSCar/Brasil); Ana Cláudia Bortolozzi (UNESP/Bauru/Brasil); Mariangela Lima de Almeida (UFES/Brasil); José Kuiava (UNIOESTE/Brasil); Marisol Barenco de Mello (UFF/Brasil); Camila Caracelli Scherma (UFFS/Brasil); Luís Fernando Soares Zuin (USP/Brasil); Ana Patrícia da Silva (UERJ/Brasil).



Pedro & João Editores

www.pedroejoaoeditores.com.br

13568-878 – São Carlos – SP

2025

Contranarciso

Paulo Leminski¹

*em mim
eu vejo o outro
e outro
e outro
enfim dezenas
trens passando
vagões cheios de gente
centenas
o outro
que há em mim
é você
você
e você
assim como
eu estou em você
eu estou nele
em nós
e só quando
estamos em nós
estamos em paz
mesmo que estejamos a sós*

¹ Contribuição de Thiago Antonio Felipe em 19/04/2024
Leminski, Paulo. Contranarciso. In **Toda poesia**. São Paulo, Companhia das
letras, 2013.

SUMÁRIO

Prefácio	9
Um encontro entre autor, personagem e ouvintes na construção de uma narrativa autobiográfica	28
O que é Narrativa	36
Como me chamam	49
Corpos que narram, corpos em execução	58
O que é narrativa para você	65
Narrar	72
Carol, como te chamam?	74
Narrar parecia movimentar uma história dentro de mim	84
Como me chamam! Uma composição de subentendidos, entrelaçada em texturas e ritmos e edificada na inspiração	90
Narrativa autobiográfica	98
Quem sou eu?	103
“PROXEXÔ”	108
Narrativa “como me chamam”?	112
Narrativa: nós, os outros, eu e o mundo em palavras	118
Sobre narrativas, teias e incertezas	137
A insustentável leveza do ser. Uma Jornada de nomes e laços afetivos	143
Dominada como dominante: apoiando-me no “nós” escrevo para me realizar na palavra	152
Como me chamam. Reflexões sobre identidade e Narrativa	164

A narrativa é uma linha com a qual costuramos a nossa história	169
Um grande aprendizado sobre e com narrativas	176
Carta para quem encontra similaridades e divergências narrativas. Recortes de uma história de vida negra nas praças públicas periféricas	183
“Regina”, “Gininha”, “Gina”, “Rê”	198
As diversas formas de dizer o simples	202
Como me chamam	208
Matrioska	212
Juntando tudo: a narrativa final	218
A arte da capa	225
Referências	227
Sobre os(as) autores(as)	233

Prefácio

Gabrielle Audrey de Sousa Costa

Para começo de conversa

"Como me chamam?" é uma pergunta aparentemente simples, mas que ecoa nos labirintos da existência e da linguagem. O nome é uma marca, um vestígio sonoro do que fomos, somos e do que esperam que sejamos. Nomear é, também, narrar. Nomear é convocar memórias, afetos e histórias entrelaçadas nos fios da linguagem, do tempo e da cultura.

Este livro nasce desse chamado, desse convite ao contar-se, ao narrar-se e, nesse movimento, inscrever-se na trama de vozes que se entrecruzam. Fruto de uma disciplina da pós-graduação ministrada na Faculdade de Educação da Unicamp pelos professores Guilherme do Val Toledo Prado e Liana Arrais Serodio, as narrativas aqui reunidas têm como disparador essa pergunta que ressoa de maneira singular em cada sujeito que se propõe a respondê-la. Além dessas vozes, somam-se os ecos de narrativas de outros tempos, como uma minha de 2023, escrita em uma aula conduzida por Liana para a

turma ingressante no mestrado profissional, além de uma *metanarrativa*.

Aprendi com Bakhtin e seu círculo que a linguagem é essencialmente dialógica, que todo enunciado é atravessado pelo outro. Em suas palavras,

Todo enunciado concreto é um elo na cadeia da comunicação discursiva de um determinado campo. [...] Os enunciados não são indiferentes entre si nem se bastam cada um em si mesmos; uns conhecem os outros e se refletem mutuamente uns nos outros. (Bakhtin, 2020, p. 297)

Assim, as narrativas aqui apresentadas são marcas de uma existência que só se faz no encontro, na tensão entre a voz própria e a do outro.

Paulo Freire (2019), ao destacar a dimensão dialógica da educação, nos lembra que a palavra só ganha força na relação, no movimento de troca e de reinvenção do mundo. Dessa forma, a narrativa não é um relato estático, mas um ato de existência. Já sobre a metanarrativa, gosto de retomar o texto de Serodio et. Al. (2016) que a discute como um recurso que permite a reflexividade sobre a experiência vivida, articulando-a com a compreensão do mundo e das relações intersubjetivas.

Percebo que o diálogo entre narrativa e identidade emergem nos textos a seguir que, como já mencionei, foram escritos também em uma disciplina após a provocação “Como me chamam” ...

A narrativa

O caso do feijão²

Gabrielle Costa

17 de março de 2023

Eu detestava feijão. Na minha casa sempre deixei claro que no meu prato deveria ir só o caldinho, mas na escola... Não tinha como separar!

Então, eu sempre pedia só o arroz e a proteína – e às vezes nem ela.

Tudo estava bem até que a minha professora do 3º ano começou a reparar no meu prato. Por pelo menos três vezes na semana ela se sentava na minha mesa e dizia:

– E ai, José! Cadê o feijão?

² Os nomes nessa narrativa são fictícios.

Eu, que não queria feijão, apenas sorria e enfatizava:

– É que eu não gosto do caroço...

Mas ela não parou de se sentar comigo e eu gostava de me sentar com ela. Quando ela não ia eu pedia para ir. Até que uma vez ela me disse:

– José, vamos fazer um combinado? Se nessa semana você tentar comer feijão eu te dou umas figurinhas... E aí?

Aceitei. Eram figurinhas do Homem-Aranha! Durante a semana eu pedia para a tia da cozinha colocar “beeeem” pouquinho de feijão no meu prato... Comecei a receber elogios e gostei muito da atenção que eu recebia da professora. Ela parecia gostar de mim.

Quando chegou a próxima segunda-feira eu ganhei as figurinhas e na semana seguinte ganhei mais. Mas não me lembro quando eu parei de ganhar... Isso porque eu já não precisava! O meu prato passou a ser cheio de feijão, arroz, salada e proteína e a professora não parou de se sentar comigo. Conversávamos bastante e fiquei cada vez mais próximo dela.

Na última semana de aulas no terceiro ano eu chorei porque não queria férias e nem ir para o quarto ano... Será que eu estava com medo das mudanças?

No ano seguinte, já em fevereiro, a professora foi se despedir da gente. Ela estava deixando a escola... O que eu poderia fazer ou dizer? Pensei que a melhor coisa seria prometer que eu continuaria comendo feijão.

A Metanarrativa

Gabrielle Costa

Março/2023

Quando narro faço escolhas, além das do vivido (não que eu não narre enquanto vivo...). Ao selecionar recortes de uma determinada situação evidencio o que valorizo, penso no meu leitor e o construo de maneira idealizada: ele deverá ler com o “tom” que eu escrevo pois, se não for assim, ele não me compreenderá (da maneira que eu espero).

Ao solicitar que escrevêssemos em uma sexta-feira a noite, no primeiro encontro, sobre nós mesmos, Liana me desestabilizou. Deveríamos falar sobre nós em uma narrativa,

mas não de qualquer maneira: sem “oi eu sou fulana, tenho tantos anos e venho dessa realidade” o desafio foi apresentar uma imagem de nós mesmos de forma contextualizada, em uma situação cotidiana – ou não – da escola.

Assim, escrevi sobre a minha despedida com minha amada turma: o terceiro ano A. Os colegas da disciplina ainda não sabiam quem eles eram, mas eu não poderia falar de mim sem falar sobre deles. Em “A metanarrativa e a relação inextricável entre os mundos da vida e o da cultura: uma aproximação entre Bakhtin e a educação” (2016) os autores discorrem sobre a vivência irrepetível e, para isso, é preciso considerar a unicidade e singularidade dos sujeitos. Penso que eu só vivo o que vivo porque sou eu vivendo.

Depois disso, o próximo desafio da professora me pareceu quase impossível: reescrever a narrativa de apresentação, mas, dessa vez, sob o olhar do outro. Isso queria dizer que deveríamos nos inventar na posição de algum participante da primeira situação e narrar imaginativamente como ele enxergaria a professora ou professor autora/autor da narrativa.

Perceba que preferi pontuar as questões da imaginação e criação. Em “Estética da criação verbal” Bakhtin nos alerta que “A contemplação estética e o ato ético não podem abstrair a singularidade concreta do lugar que o sujeito desse ato e da contemplação artística ocupada na existência” (Bakhtin, 2020, p. 22) e, mais adiante, continua que

Podemos tentar imaginar a nossa própria imagem externa, perceber-nos de fora, traduzir-nos da linguagem da autossensação interna para a linguagem da expressividade externa: nem de longe isso é tão fácil [...]” (Bakhtin, 2020, p.27).

Dessa maneira, dizer como o outro me vê não seria mais do que supor, talvez expressar algum desejo de como gostaria que ele me visse, ou como gostaria de ser, mas não seria a realidade. Eu, do meu lugar, não posso ocupar o lugar do outro, tampouco me ver como ele me vê.

Narrar em uma perspectiva de criação tão abstrata me pareceu um desafio tão grande que, quando retomo a narrativa, percebo minhas insinuações de fuga para não me comprometer com o lugar que não é meu. Onde estaria o eu-professora na visão de José? Quando digo que José narra que “gostava de me

sentar com ela” apoio-me em seus dizeres diários na insistência para que eu me sentasse com ele. Em “Será que eu estava com medo das mudanças?” coloco de maneira interrogativa pois, ao ver seu choro, me perguntava se o menino tinha medo disso.

Percebo que busquei trazer minhas memórias, verdadeiras (ou inventadas, mas não mentirosas), para construir essa narrativa que pouco diz sobre a visão de José – não há garantias disso – mas muito sobre mim. Em “diálogos entre sujeitos no tempo: uma experiencia no Parquinho da Vila Marieta – Campinas” as autoras colocam que

A narrativa benjaminiana [...] empresta de experiencias estéticas sua linguagem e suas expectativas, pois visa não à exposição de uma verdade, mas sim ao convite a experiencia narrada, provocando a emergência de memorias involuntárias e deslocamentos em sua percepção do tempo (Koyama et al., 2020, p. 31)

Dessa maneira, ao trazer esse estudante e sua história com o feijão para me apresentar, mesmo sem dizer diretamente de mim, busco trazer ao leitor a memória de uma professora que fez uma singela diferença na vida de uma criança, observando diariamente suas “insignificâncias”, evidenciando

sua não-indiferença enquanto professora na relação com os estudantes.

Assim, finalizo expressando o quão difícil e o quão valioso pode ser o ato de metanarrar. Sentada em meu computador, despretensiosamente busquei articular os textos lidos com minhas narrativas já produzidas. Através do meu excedente de visão pude completar pequenas questões que antes não me pareciam tão importantes. Trago o texto “Michel de Certeau e as pesquisas nos/dos/com os cotidianos em educação no Brasil” para dizer o que eu nãoalaria melhor: “Assim sendo, existem mil maneiras, autorizadas ou não, mas sempre disputadas, de se fazer ciência” (Ferraço et al., 2017, p. 12).

Para finalizar

Lendo o que escrevi, lembro-me da poesia de Manoel de Barros, que enaltece “as coisas desimportantes” e faz da “insignificância” um material valioso para a existência. Posso afirmar que os autores e autoras deste livro resgatam os rastros do que é cotidiano, do que poderia passar despercebido, mas

que carrega em si um universo de significados. Afinal, como nos diz o poeta, "a maior riqueza do homem é a sua incompletude"³.

Quando recebi com imensa alegria o convite de Liana e Guilherme para escrever este prefácio, percebi que este convite era também um desafio: mergulhar nessas narrativas, atravessá-las e, ao mesmo tempo, ser atravessada por elas. A leitura deste livro me transportou para múltiplos espaços de memória, onde o nome é não apenas uma identidade fixa, mas um campo de disputas, afetos e recriações. Em "Como me chamam?", Alexandre José de Melo Neto reflete sobre os diversos nomes que o constituem – Alexandre, Dedé, Alemão – e como cada um deles carrega consigo diferentes relações e momentos de sua vida. A identidade, longe de ser estática, é um processo contínuo de significação.

As narrativas deste livro evidenciam que nomear-se é também um ato político e existencial. Em "O que é narrativa?",

³Esse trecho é atribuído a Manoel de Barros e, embora seja uma citação amplamente divulgada, não há consenso sobre a exata origem desse verso dentro de um poema específico do poeta.

Anita Burth Kurka compartilha a potência dos afetos e da história familiar ao pensar a relação entre nome e pertencimento, trazendo à tona o contexto sociocultural que molda nossa percepção do que somos. De maneira semelhante, Carolina Nóbrega resgata em sua escrita a importância da memória na constituição da identidade, refletindo sobre a tradição e os deslocamentos que atravessam a formação do sujeito. A leitura desses textos me lembrou que a palavra, como aprendi com Volóchinov, nunca é neutra, “todo signo surge entre indivíduos socialmente organizados no processo de sua interação” (Volóchinov, 2019, p.109), “a situação integra o enunciado como uma parte necessária da sua composição semântica” (Volóchinov, 2019, p.120).

Além disso, a provocação das narrativas presentes neste livro me fez revisitar minhas próprias experiências com a escrita. Ao ler Breno Carneiro de Menezes, que problematiza a materialidade da narrativa e sua relação com o corpo, percebi o quanto o ato de contar algo está intimamente ligado à forma como nos movemos no mundo. Narrar não é apenas descrever

fatos; é dar corpo à experiência, transformar a existência em linguagem.

Textos tão diferentes, singulares e escritos a partir de uma mesma pergunta disparadora. Alexandre, Anita, Aparecida, Breno, Carlos, Carolina, Danyella, Edna, Francisco, Gabriel, Gustavo, Leandro, Leiliane, Luciene, Maria Tereza, Maria Natalina, Márcia Alves, Patrícia, Raphael, Regina, Ruy, Samantha, Thiago, Vanessa e Vidal conseguiram escrever textos tão diversos porque, como ensina Bakhtin (2011), todo enunciado é essencialmente dialógico e situado em um contexto único, onde cada sujeito, ao falar, responde a múltiplas vozes que o atravessam.

Assim, a pergunta "Como me chamam?" não é um ponto fixo, mas um convite à criação que ressoa, de forma singular, em cada experiência vivida – que também pode ser dolorosa.

As narrativas carregam os ecos de outras vozes – da família, da escola, da sociedade – e se refaz na relação com o outro, compondo um mosaico de sentidos irrepetíveis. É nessa multiplicidade de tons e perspectivas que podemos lembrar de Manoel de Barros, que dizia ter "o privilégio de não saber quase

tudo", ressaltando a potência do inacabado, do reinventado, do que se diz e se reconta sempre de modo diferente.

Dessa forma, espero que este livro seja lido como um convite à escuta, como um passeio pelas vozes que habitam nossos nomes, nossos gestos e nossas memórias. Que nele possamos encontrar não apenas as histórias dos que escreveram, mas também os vestígios de nossas próprias trajetórias.

E, assim, tenho certeza de que Liana irá seguir provocando: como te chamam?

Apresentação

Dos encontros nas aulas surge a proposta do livro

*Guilherme do Val Toledo Prado*⁴

*Liana Arrais Serodio*⁵

*Gabrielle Audrey de Sousa Costa*⁶

Como me chamam? é o título de uma das duas atividades narrativas da disciplina da pós-graduação na Faculdade de Educação UNICAMP, denominada ED817:

⁴Professor da Faculdade de Educação da Unicamp. Pesquisador do GEPEC e coordenador do Nozoutres - Círculo Narrativo de Estudos em Educação. A formação de professores e a pesquisa em educação a partir das narrativas é o que me deixa feliz e energizado para seguir trabalhando na contemporaneidade pandêmica. toledo@unicam.br

⁵Foi como professora de música no ensino básico que cheguei às narrativas e aos estudos bakhtinianos (GruBakh-GEPEC). Hoje, professora, doutora em educação, pesquisadora-colaboradora, me vejo de volta à música, às linguagens e às artes que acontecem esteticamente nas relações do ensino nas escolas. E-mail: serodio@unicamp.br

⁶Professora da educação básica, yogini, tecidista e futura nadadora. Amo estar na escola, rir e fazer bagunça com as crianças, principalmente as bem pequenas, e foi assim que cheguei aos estudos bakhtinianos (GruBakh-GEPEC). Atualmente sou mestranda no Mestrado Profissional em Educação Escolar do Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). E-mail: costa.gabrielleas@gmail.com

Teorias Narrativas em Educação. À época não sabíamos que tais atividades constituiriam este livro.

A primeira delas foi pensada de antemão, porque temos o costume de nos apresentar e convidar cada participante também a apresentar-se, mas já sabemos que, para sermos esteticamente produtivos, portanto, escrevermos narrativas dialógicas, precisamos do outro. O eu só se constitui no encontro com o outro, como nos lembra Bakhtin (1999). Nos apresentar dizendo de nós mesmos alimenta o capitalismo, pois tem sido mais um exercício de individualismo e reforço da meritocracia, levando-nos à armadilha mortal da identidade, conforme aponta Ponzio (2010), implantada por todos os meios de que dispõe o 1% mais rico do planeta para manutenção do controle da economia e dos bens de produção e consumo de nossas forças e emoções. Em contrapartida, quando nos dizemos através do olhar do outro, há um deslocamento da consciência para um processo mais humanizador.

O que é narrativa até agora? foi o exercício proposto depois de um mês e meio, aproximadamente seis aulas, para que abrissemos as aulas para as teorias narrativas mais

presentes na educação na atualidade. Tinha uma data prevista para a entrega, mas o tempo foi estendido praticamente até o final das aulas e emendou com o último trabalho da disciplina: uma reflexão narrada sobre as leituras, as conversas, as escrituras e as compreensões das vivências na expressão compartilhada (Volóchinov, 2017, p. 204), de quem quisesse ficar junto o resto da existência dentro do mesmo livro...

No calor das conversas, o entendimento da proposta, de produzir uma outra narrativa sobre o tema frequente em nossos encontros, pela potência do narrar e do narrar posicionado como autor/a, não de um mundo indiferente às consciências, mas, pelo contrário, por encontrarem uma metodologia de pesquisa em que a pesquisa é orientada pelas histórias das vidas nela contadas. Não pelo avesso, não pelas costas, mas pelo reconhecimento do valor de cada consciência. Não minha, sujeito isolado cercado pelo consumo por todos os lados, mas sujeito que me torno ao olhar, à empatia, à amorosidade por vezes implicante e crítica, do outro que nos recebeu quando nascemos e nos enterrará quando já não pudermos dar conta desse trabalho.

Freire (1987) nos lembra que ninguém educa ninguém, ninguém se educa sozinho, os homens se educam em comunhão. O processo de escrita narrativa aqui empreendido é um exercício dessa educação dialógica, onde as histórias não são apenas contadas, mas escutadas e recriadas coletivamente. A palavra que narra é também a palavra que transforma, que, como poesia, "transver o mundo" (Barros, 2004).

Ao longo das narrativas do e-book, percebemos a potência da palavra na constituição das identidades. As histórias de como cada um é chamado evidenciam o caráter dialógico do discurso, pois, segundo Bakhtin (1992), a linguagem nunca é neutra; ela é sempre carregada de valores, ideologias e histórias preexistentes. Os nomes que recebemos, os apelidos que nos acompanham e as formas como nos dirigem dizem muito sobre as relações sociais em que estamos inseridos. "Eu queria dar um nome para as coisas sem nome", disse Manoel de Barros (2010), e talvez seja esse o grande gesto de quem narra: dar existência ao que poderia permanecer invisível.

As reflexões narrativas do livro também dialogam com o conceito freiriano de "palavra-mundo" (Freire, 1987). As experiências compartilhadas não são meros relatos individuais, mas vozes que se entrelaçam na tessitura de um conhecimento coletivo. O sujeito que se diz se inscreve na história do outro e, ao mesmo tempo, se transforma no processo. Como afirma Freire, "a leitura do mundo precede a leitura da palavra" (1996, p. 107), e, nesse sentido, cada narrativa do livro é um ato de leitura da própria existência coletiva.

Além disso, ao lermos os textos, percebemos que as histórias ali contadas carregam um sentido de alteridade profunda. Os nomes que nos dão e os nomes que escolhemos para nós são atravessados pelo olhar do outro, somos embebidos da ideia de que só podemos nos compreender plenamente através da visão externa que o outro nos oferece (Bakhtin, 2003). Dessa forma, cada texto do livro é, ao mesmo tempo, um exercício de autorreflexão e um convite à palavra do outro, com o outro.

Manoel de Barros nos lembra que "palavra poética tem que chegar ao grau de brinquedo para ser séria" (Barros, 2013).

O jogo com a linguagem e os sentidos é fundamental para a construção narrativa, e muitos textos do e-book brincam com os sons, as etimologias e as memórias dos nomes. Essa dimensão lúdica nos ensina que a identidade não é fixa, mas algo em constante reinvenção.

Como me chamam? e *O que é narrativa?* ficaram misturadas, por decisão pessoal, ou foram organizadas em sequência, ou escolheram ofertar só uma delas... Não importa. A palavra, em seu movimento, já não pertence ao autor. Em sua dialógica, ela se torna, inevitavelmente, uma travessia.

Um encontro entre autor, personagem e ouvintes na construção de uma narrativa autobiográfica

Alexandre José de Melo Neto

Inicialmente é importante dizer que, enquanto autor, elaboro esse texto no final do semestre já um tanto quanto cansado da intensidade dos últimos 5 meses intensos vividos em Campinas após a mudança para realizar o doutorado. Acompanha-me, no entanto, junto a este cansaço uma imensa alegria-força dos encontros-acontecimentos – parafraseando a Liana (Serodio; Prado, 2017) – que tem nos bagunçado a cabeça e alimentado a alma.

Professores e colegas de turma que no primeiro momento em que tive que apresentar esse texto ainda não me constituíam (e nem me chamavam) e eram para mim muito mais como um público onde precisava pensar bem sobre o que apresentaria do subentendido, hoje passaram a compor o grupo dos ouvintes do que agora tento escrever. Mais que isso, se apresentam em relação direta também com o meu personagem ao também passarem a compor o conjunto de “outros-eus” que também me chamam e me constituem (Volóchinov, 2021).

Lembro bem um dia depois da aula onde a Liana brincou comigo me chamando de “Dedé”, adentrando o meu espaço-tempo familiar e se aproximando de forma tão íntima do meu personagem que me emocionou (obrigado!).

Enfim, diante disso reapresento abaixo o texto inicial apresentado no início do semestre e a partir dele tento ampliar um pouco minhas reflexões. Perdoem-me, entretanto, o cansaço que, como parte fundamental do contexto, é determinante nos limites do conteúdo, forma e entonação apresentados.

Pensar o como me chamam é uma tarefa complexa devido ao conjunto de “nomes” que constituem este universo do me chamar. Inicialmente, posso dizer que, como de início meu pai não assumiu a minha paternidade, minha mãe retornou a casa de seus pais e, diante.

Como me chamam?⁷

Pensar o como me chamam é uma tarefa complexa devido ao conjunto de “nomes” que constituem este universo do me chamar. Inicialmente, posso dizer que como de início

⁷Texto inicial apresentado no início do semestre (com algumas notas de rodapé).

meu pai não assumiu a minha paternidade, minha mãe retornou a casa de seus pais e, diante de todo o apoio que recebeu do seu pai “Alexandre José de Melo”, resolveu batizar-me, como primeiro neto, de “Alexandre José de Melo Neto”. Nome forte e importante na família ao ponto de outros 2 primos também receberem o nome de meu avô materno. E junto do nome veio o legado familiar do que meu avô representava, só tendo tomado consciência disso já na idade adulta para assumir enquanto minhas as características deste legado, mas também abandonar aquilo que não me constituía.

Apesar de ter recebido esse nome e gostar da sonoridade do mesmo – Alexandre – é provavelmente uma das formas que menos escutei ao longo da vida enquanto me chamavam. Lembro de escutá-lo principalmente nas chamadas da escola e em estabelecimentos oficiais. Dentre as pessoas mais próximas, só me recordo do meu pai e minha avó paterna me chamarem assim na maior parte do tempo.

Dentro da família tanto do meu pai como de minha mãe, o mais comum de escutar-me chamando é de “Dedé”, alcunha trazida por minha irmã do meio, 3 anos mais nova que eu e

nascida após meus pais resolverem casar-se. Este apelido se tornou a principal referência de como me chamam a vida toda na família por tios, avós e primos. Alguns tios ou primos construíram seu jeito próprio de me chamar, como “Xande” e “Branco”, mas predominantemente é “Dedé” que escuto a maior parte do tempo no ambiente familiar.

Já entre os amigos, logo cedo na escola – em torno da segunda série – devido a ter nascido muito “galego” para a minha região, começaram a me chamar de “Alemão”. E o apelido pegou e me acompanhou durante todo o período escolar que se deu na mesma escola. Ao entrar no cursinho e depois na universidade, bastava uma pessoa que havia se relacionado comigo chamar-me de “Alemão” que automaticamente se tornava quase que obrigatória a associação entre este ‘nome’ e a minha pessoa. E assim, chamado de Alemão, percorri toda universidade e o nome junto comigo passou a compor a minha identidade de liderança estudantil, tornando ainda maior a associação.

Ao terminar o curso mudei de estado para fazer a residência médica e, mesmo no Rio Grande do Sul, bastou

apenas um colega chamar-me de “Alemão” que passei a ser assim conhecido entre os demais colegas e preceptores, exceto na unidade de saúde onde atendia onde tornei-me o “Dr. Melo” na agenda oficial já que já existia um preceptor chamado de Alexandre.

Voltei a João Pessoa enquanto professor e, na presença dos amigos do movimento estudantil, rapidamente voltei a ser o “Alemão”, agora “professor Alemão” entre os docentes e entre os estudantes. Estes últimos ao assim me chamar nas unidades de saúde em que iam comigo atender tornaram-me entre os profissionais das equipes e pacientes o “Dr. Alemão”.

Assim, “Alemão” e seus prenomes têm sido o nome que mais comumente é utilizado pelos que me chamam. Constitui hoje parte de minha identidade pessoal e profissional.

Mas, se alguém que não me conheça se aproximar e perguntar meu nome, até hoje ainda ousou responder de forma convicta: “Prazer, sou Alexandre.” Porém, quando estou mais displicente, também é verdade que às vezes ainda me escapa um “sou Alexandre Alemão”.

Definir o que é narrativa com base na narrativa inicial e no texto ⁸

A segunda tarefa é pensar a definição de narrativa no diálogo entre a narrativa escrita acima e o texto lido “A palavra na vida e a palavra na poesia: para uma poética sociológica”.

De início, na construção da narrativa, foi interessante perceber que para construir uma narrativa literária – ou mesmo poética ou científica – assim como nos foi falado no texto, não era possível deixar tantos subentendidos como é feito da palavra no cotidiano. Isto se dá pela necessidade de tornar a narrativa passível de ser entendida pelo ouvinte – o professor e a turma – mas também levando em conta o que se quer e que é possível falar dos personagens, inclusive o próprio autor, sobre a narrativa enunciada.

Esta perspectiva nos distancia da perspectiva de objetivação – ou fetichização – do objeto trazida pela ciência tradicional e uma determinada sociologia da arte.

Construir a narrativa é de dar conta de que se está escrevendo sobre alguém ou algo com o que se existe alguma relação e que, para além disso, na própria relação do autor com o ouvinte ou do “objeto-personagem” com o ouvinte é preciso escolher o que enunciar do subentendido e o que manter privadamente guardado.

Portanto, a escrita narrativa – literária ou científica – é a corporificação através de palavras de uma interação relacional existente entre um autor/cientista com determinado personagem/objeto direcionado a um determinado ouvinte/público, surgindo do conjunto destas relações a escolha da forma, conteúdo e até mesmo do toma ser dado ao que vai ser enunciado. Além disso, não é possível que estas interrelações estejam desconectadas do seu espaço-tempo, fazendo com que este contexto se revele como uma outra dimensão daquilo que está sendo revelado. Portanto, a escrita narrativa é a tomada de consciência da ilusão positivista de que é possível separar-nos do objeto a ser estudado e revelado, desvelando, em contrapartida, a intensa inter-relação e interdependência entre os diversos elementos existentes no

processo de construção e elucidação da realidade – poética ou científica.

O que é narrativa

Anita BurthKurka

Na minha família de origem sou Anita, Yentel, em homenagem a minha bisavó da Rússia. Quando menina era gordinha e muito clara, filha de imigrantes europeus, era chamada de “gringa”, influência do meu meio social. Também era paparicada pelas tias, que me chamavam carinhosamente de Trum trum.

A narrativa supõe o enunciado do cotidiano.

“A análise imanente (não sociológica) da essência da literatura e das suas leis autônomas internas deve preceder a análise sociológica” (Volóchinov, 2019, p. 111).⁹

Escrever com os afetos, trazendo os sentidos da experiência vivida que chega à memória, como a arte e a literatura com uma estrutura imanente, construída a partir do meu conteúdo e forma.

Há uma beleza poética na narrativa, trazida da essência do humano.

⁹ No caso desta narrativa, mantivemos a formatação da autora que trouxe as citações diretas com intenções não convencionais.

“Entretanto, o “artístico” em sua totalidade não se encontra no objeto nem no psiquismo do criador ou do contemplador abordados de modo isolado: o “artístico” abarca todos os três aspectos. Ele é *uma forma específica da interrelação entre o criador e os contempladores fixada na obra artística.*” (Volóchinov, 2019, p. 115)

...” a obra artística é simplesmente um objeto físico ou um exercício linguístico, pois ela se torna artística apenas graças à interação entre o criador e o contemplador, ou seja, como aspecto essencial no acontecimento dessa interação.” (Volóchinov, 2019, p. 116).

“... analisar mais detalhadamente alguns aspectos do enunciado verbal fora da arte: no discurso ***cotidiano comum***, pois nele já se encontram os fundamentos, as potências (as possibilidades) da futura forma literária. A essência social da palavra se apresenta aqui com mais precisão e clareza, assim como a análise da relação entre o enunciado e o meio social circundante torna-se mais fácil.” (Volóchinov, 2019, p. 117).

A narrativa [pode ser vista] como um trabalho artístico que envolve quem escreve e quem lê, na relação com o

cotidiano, onde se encontram as potências e possibilidades das EXPERIÊNCIAS sempre do cotidiano que determinam a forma literária.

A presença da palavra (narrativa sobre o meu nome por exemplo) descortina aspectos de um cotidiano vivido ao longo da vida. São situações “extraverbais” que se manifestam em cada expressão narrativa.

Diferenças de afetos e envolvimento com a família, o contato com a história maior ao trazer minha bisavó, já na primeira linha, de origem russa, judia, morta na segunda guerra mundial, assim como toda família na época. Uma maneira de seguir a tradição de não só homenageá-la como forma de inspiração e desejo para a minha vida. Nesse momento descobro que queria saber mais sobre a minha bisa, como era? Quais eram seus interesses, projetos em vida? Suas características, amores e dores? Me conformei com a visão de uma “mãe” de família ao invés de uma mulher trabalhadora com desejos e afetos.

Narrei o que sempre acreditei: que ANITA era a tradução para o português de Yental, mas não acho nenhuma

comprovação. Mas será que isso muda alguma coisa? No meu cotidiano sou um pouco Yental de minha bisavó (desejo de família). Isso sempre me deu um lugar de privilégio, como neta primogênita de meu avô, e a homenagem à sua mãe, seguindo a tradição judia ashkenazim de nomear os filhos segundo os antepassados mortos, para não só homenageá-los, como uma forma de inspiração e desejo cujas qualidades os pais gostariam de ver renascidas e emuladas em sua própria criança.

..." a palavra na vida não é autossuficiente. Ela surge da situação cotidiana extraverbal e mantém uma relação muito estreita com ela. Mais do que isso, *a palavra é completada diretamente pela própria vida e não pode ser separada dela sem que o seu sentido seja perdido.*" (Volóchinov, 2019, p. 117).

"Costumamos atribuir as seguintes características e avaliações aos enunciados cotidianos: "é mentira", "é verdade", "é corajoso", "não podia ter dito isso", e assim por diante... incluem muito mais do que se encontra nos aspectos verbal e linguístico do enunciado: *as avaliações englobam, junto com a palavra, a situação extraverbal do enunciado.* Essas opiniões e avaliações se referem a um certo todo, no qual a palavra entra

em contato direto com o acontecimento cotidiano, fundindo-se com ele em uma unidade indivisível. A própria palavra, quando abordada de modo isolado, como um fenômeno puramente linguístico, não pode, é claro, ser nem verdadeira, nem falsa, nem ousada, nem tímida.” (Volóchinov, 2019, p. 117, 118)

Este é exatamente o contexto extraverbal da palavra ANITA, meu nome, e Yentl, como origem.

“Esse *contexto extraverbal* do enunciado é composto por três aspectos: 1) o *horizonte espacial comum* dos falantes (a unidade do visível: o quarto, a janela etc.); 2) o *conhecimento e a compreensão da situação comum aos dois*; e finalmente 3) a *avaliação comum* dessa situação.” (Volóchinov, 2019, p. 118, 119).

Imagino o diálogo entre minha mãe e meu pai e a presença dos meus avós sem um quarto na maternidade em Botafogo, Rio de Janeiro, onde nasci. A homenagem não veio da parte de meu pai, e sim de minha mãe (antepassados de minha mãe). Isso é especial, já que na família judia patriarcal, primeiro vive-se o desejo por um filho homem depois a definição do nome também pelo pai? Perguntas que não tenho resposta no

espelho da minha memória, pois não sei.... A relação com o espaço, uma maternidade no Rio de Janeiro, Brasil, na relação com a família distante já dizimada na Rússia. Sentimentos vividos pelos quatro adultos, diante de uma menininha recém-nascida. A avaliação e concordância de todos. Era um bom nome, uma homenagem a quem merecia ser lembrada....

...” o enunciado cotidiano como um todo, como um todo consciente, é composto por duas partes: 1) a parte verbalmente realizada (ou atualizada) e 2) a subentendida. “(Volóchinov, 2019, p. 120).

“Aquilo que eu sei, que eu vejo, que eu quero e que eu amo não pode ser subentendido. Apenas aquilo que todos nós, os falantes, conhecemos, vemos, amamos e reconhecemos, aquilo que une todos nós, pode se tornar parte subentendida do enunciado “(Volóchinov, 2019, p. 120).

A narrativa é explícita na relação com o narrador e o interlocutor, no conteúdo subentendido que é de conhecimento comum dos dois devido ao contexto social e cultural. Até mesmo espacial, estando no mesmo lugar geográfico.

“A particularidade dos **enunciados da vida** (enunciados do cotidiano) consiste justamente no fato de que eles estão entrelaçados por mil fios ao contexto extraverbal da vida e, ao serem isolados dele perdem praticamente por completo o seu sentido: quem não conhece o seu contexto da vida mais próximo não irá entendê-los. No entanto, o contexto mais próximo pode ser mais ou menos amplo...”. (Volóchinov, 2019, p. 121).

Hoje recebo associações do meu nome com a cantora famosa e na maioria das vezes pelos que não me conhecem me chamam de senhora, o que não gosto muito. A professora Anita chegou há mais de 10 anos. Gosto de ser chamada assim, mas sou lembrada do meu lugar institucional, o que me implica....

Meus contextos em que se dão os enunciados da minha vida com as mudanças de nomes a cada etapa, tempo, cronologia, espaço. Passa em minha mente como um filme. Começa antes de mim perpassa o meu corpo e minha existência.... cada nome e pessoas uma circunstância. De trás pra frente, Professora, Anita, quenza, Burthinha, Yental....Tanto a influência da cultura de um tempo, a cantora Anita, por

exemplo, como algo distante, mas na minha memória, a guerra, minha bisavô, a Rússia, verdade ou mentira. Como se deu realmente? Importa saber?

Entretanto, aquele horizonte único (no caso da presença do interlocutor, em diálogo), sobre o qual se fundamenta o enunciado pode ampliar-se tanto no espaço quanto no tempo: *existe o "subentendido" de uma família, de uma linhagem, de uma nação, de uma classe, ou dos dias, dos anos e de épocas inteiras.* Na medida em que se ampliam esse horizonte geral e o grupo social correspondente, os aspectos subentendidos do enunciado se tornam cada vez mais *constantes*. Acontece que todas as avaliações sociais fundamentais geradas diretamente pela existência econômica do grupo em questão não costumam ser enunciadas, pois entraram na carne e no sangue de todos os representantes desse grupo; elas organizam os atos e as ações, é como se elas se unissem aos objetos e fenômenos que lhes correspondem, e por isso não precisam de formulações verbais especiais. (Volóchinov, 2019, p. 122).

A entonação que o meu nome é pronunciado está ligada às relações que estabeleço com os "falantes" ou interlocutores.

Sejam meus amigos, meu marido, filhos, netos, alunos, amigas.... posso reescrever minha narrativa lembrando da entonação dada todas as vezes que sou chamada. Esta chama, lembra os contextos e os subentendidos

A entonação sempre está no limite entre o verbal e o extraverbal, entre o dito e o não dito. Na entonação, a palavra entra em contato direto com a vida. E inicialmente, o falante entra em contato com os ouvintes justamente por meio da entonação: a entonação é social par excellence. Ela é especialmente sensível em relação a todas as oscilações do ambiente social que circunda o falante. (Volóchinov, 2019, p. 123).

“A entonação e o seu tom principal claro e seguro apoiaram-se no caráter compartilhado e subentendido das avaliações. O caráter partilhado das avaliações principais subentendidas é o tecido no qual o discurso humano vivo borda os seus desenhos entonacionais.” (Volóchinov, 2019, p..124).

“A entonação soa como se o mundo que circunda o falante ainda estivesse repleto de forças animadas: ela ameaça, revolta-se ou ama e acaricia os objetos e os fenômenos inanimados, ao passo que a maioria das metáforas comuns da

linguagem falada perdeu sua essência, e por isso as palavras são semanticamente pobres e prosaicas.” (Volóchinov, 2019, p. 126)

“... toda palavra realmente pronunciada (ou escrita conscientemente) e não adormecida no léxico é a expressão e o produto da interação social entre os três: o falante (autor), o ouvinte (leitor) e aquele (ou aquilo) sobre quem (ou sobre o quê) eles falam (o personagem). A palavra é um acontecimento social; ela não é autossuficiente como uma grandeza linguística abstrata e nem pode ser deduzida, de modo psicológico, da consciência subjetiva do falante tomada isoladamente.” (Volóchinov, 2019, p. 128).

Não é possível considerar a palavra pronunciada como suficiente, está incluso um acontecimento social.

Recentemente depois de ser chamada de mãe quase que exclusivamente, por algum tempo, fui rebatizada de vovó. Lugar de uma atenção diferenciada e de um amor profundo.

No tocante a forma artística da poesia e seu conteúdo:

“A forma deve ser estudada justamente nessas duas direções: em relação ao conteúdo, como sua avaliação

ideológica, e em relação ao material, como realização técnica dessa avaliação.” (Volóchinov, 2019, p. 133).

“Já para nós, não é importante o aspecto psicológico da questão nem quais forças psíquicas específicas participam na criação e na percepção cocriativa da forma, mas a significação dessas vivências, seu caráter ativo e sua orientação para o conteúdo.” (Volóchinov, 2019, p. 133).

“Ao mesmo tempo em que não passa para o conteúdo, a forma não deve perder a sua relação ou o seu vínculo com ele; caso contrário, ela se torna um experimento técnico, privado de qualquer sentido artístico efetivo.” (Volóchinov, 2019, p. 133)

“A inter-relação entre o autor e o personagem nunca é apenas uma inter-relação exclusiva entre os dois: a forma sempre considera um terceiro, o ouvinte, que exerce uma influência essencial em todos os aspectos da obra. Em qual direção o ouvinte pode determinar o estilo do enunciado poético?” (Volóchinov, 2019, p.138, 139).

“De fato, não é assim. Pelo contrário, é possível propor que o ouvinte nunca é igual ao autor. Ele tem seu o lugar *insubstituível* no acontecimento da criação artística, devendo

ocupar uma *posição especial* e ainda *bilateral* nesse acontecimento: em relação ao autor e em relação à personagem, e essa posição determina o estilo do Enunciado.” (Volóchinov, 2019, p. 139).

Não explicitarei em minha narrativa e enunciado que meu nome foi dado em homenagem a minha avó judia, que eu também sou, diante do momento histórico que vivemos, tive medo.

Esse ouvinte, junto com o autor e o personagem, é um aspecto necessário e interior da obra e nunca coincide com o assim chamado “público”, que se encontra fora dela, e cujos gostos e exigências artísticos podem ser conscientemente considerados. (Volóchinov, 2019, p. 142).

“Até o momento, tocamos apenas naqueles aspectos que determinaram a forma na sua relação com o conteúdo, isto é, como avaliação social encarnada justamente desse conteúdo, e concluímos que cada aspecto da forma é um produto da interação social. No entanto, mostramos que a forma deve ser compreendida também de outro ângulo: como forma realizada por meio de um *determinado material*. Isso suscita uma longa série de questões relacionadas com a *técnica da forma*”. (Volóchinov, 2019, p. 145)

Se conseguimos mostrar aos menos a possibilidade de uma abordagem sociológica da estrutura imanentemente artística da forma poética, podemos considerar que o nosso objetivo foi cumprido. (Volóchinov, 2019, p. 145).

Todas as vezes que percebo que a experiência do afeto e da acolhida acontecem, não preciso de um nome. Apenas de um olhar que penetra e reconhece. Entretanto também estou em busca de novos nomes e de encontros que me redescubram. Estou à espera do novo e do simples ...

Lembrei que já fui chamada de Burtinha, meu segundo nome, de meu pai, de solteira, que sempre me encantou e encanta. Fragmentos que vão e vem....

Como me chamam

Aparecida Célia dos Santos

Levei muitos anos para me reconciliar com meu nome: Aparecida Célia. Quando entendi que meu nome era a inversão do nome da minha mãe e junção com o nome da santa de devoção do meu pai, fiquei indignada. Me lembro do olhar de reprovação do meu pai, quando falei que se ele gostava tanto desse nome deveria ter colocado no dele. Ouvir isso de uma menina de 9 anos deve ter soado como heresia. A escolha dele talvez, tenha sido feita, por um desejo de proteção sei lá...Eu era a Aparecida entre um irmão mais velho, Douglas e um mais novo, André Luís, e uma irmã, que faleceu quando eu tinha 4 pra 5 anos de nome, Oqueman. É: Oqueman. Eu tinha uma irmã com esse nome. Um dia perguntei a ele de onde vinha esse nome. Me contou, que leu uma história, em que a rainha tinha esse nome. Era uma história bonita.

Aparecida. Filha do segundo casamento de meu pai. De acordo com minha mãe decidiram, homenagear a santa de devoção dele e ela por sua vez, desejava que eu tivesse uma vida totalmente contrária à dela. Assim me tornei Aparecida

Célia. Procurei em dicionários o que poderia significar, além do verbo aparecer, o nome Aparecida. Encontrei muitas variações, rs, rs, rs? Não, certamente não encontrei. Aparecida significa a que aparece e ponto final.

Aí decidi ir atrás do Célia. Descobri que tinha significados, tais como: cega ou dos céus, ou setembro. Cega foi demais né!!! Sobrevivi e segui meu caminho.

Na infância eu era Celinha, mas também era Cida e Cidinha. Penso que por ser criança. O “Celinha” não tinha a ver com o meu... Eu era uma criança grande, mais alta e gorda. Bem diferente das crianças da minha idade. Porém confesso que havia carinho nesse chamamento. Na adolescência, penso eu, que essa mesma lógica se manteve. Eu era a Aparecida Célia que mesmo já com os pensamentos e o coração em rebuliço, por tantas questões, me achava ninguém. Um dia mexeram com meus brios. Me chamaram Cidão. Odiei. Comuniquei meu desagrado. Fui respeitada. Então virei Cidoca, mais leve. Cidão foi, agora me lembro, o nome que recebi com o sentimento de ter sido xingada. Então, me achei pensando que eu não era aquilo que me levava para um espaço de dor. Que era

exatamente o que eu vivia naquela época. Muitas situações de violência verbal, psicológica... Cidão... detesto ainda. Cidão é do tempo que perdi minha mãe. Depois nasceu a Célia. Fiquei tranquila, mas também ressabiada. Pois esse era o nome da minha mãe. Quando comecei a trabalhar, na escola onde fui parar existiam seis professoras que se chamavam Aparecida. Para não haver confusão, passei a ser chamada por meu segundo nome. E assim, nasceu a Célia. Que eu sempre gostei mais.

Fui uma criança de muitos nomes e uma adolescente também de muitos nomes.

Me chamaram também de Mary Appa Di Nigris, alegrou meu coração o Di Nigris.

O tempo é um grande professor. Certo, justo, imparcial, esclarecedor, age fazendo com que as coisas sejam mais perceptíveis.... Na poesia produzida por meu pai e minha mãe, poesia visionária e profética, vivi a confirmação de ser Aparecida (a que aparece) quando viram em mim tantas pequenas parcelas, que me renderam tantos nomes. Cida, Cidoca, Celinha todas as meninas alegres e serelepes. Cidão o

vulto, a sombra da dor. A Célia (que veio do céu, cega, setembro) essa já mais adulta que por muitas vezes esteve cega, que sabe que o mês de setembro sempre trouxe mudanças, tão inesperadas, que até pareciam, realmente vindas do céu. Minha mãe era fiadeira de seda e meu pai foi ferroviário. Agradeço, hoje. Hoje, agradeço a poesia bruta, concreta deles, que me deram um mundo pra viver, seguindo pelas linhas finas, mas resistentes, sempre em busca de um norte, um caminho, reto, de viver de acordo o mais que possível com minhas verdades, variáveis, tanto quanto as estações, por onde os trilhos de ferro me trouxeram, levam e levarão.

Eu briguei, mas tenho que concordar. Eles acertaram. A benção, Dona Célia e Seu Sebastião. Meus profetas particulares.

O que é narrativa!

No início de minha vida escolar, me ensinaram que narrativa é a mesma coisa que contar uma história. Então, como sempre fui faladeira, para mim, parecia excelente. Estava estudando algo que eu fazia com tranquilidade. Narrar é contar. Ponto. Com o passar do tempo, comecei a perceber, que existiam muitas maneiras de contar uma história, assim como,

existiam muitos jeitos de fazer isso. E depois entendi que essas histórias poderiam ser parecidas, iguais, diferentes...e entendi que o lugar de onde elas vinham influenciavam o modo como eram contadas, por vezes a idade de quem contava, trazia mais ou menos obscuridades ou subjetividades. Depois entendi que certas histórias eram modificadas ou como as de minha ancestralidade, eram deturpadas, ou enterradas, ou apagadas, diluídas...proibidas de serem repetidas.

Passei a entender que as narrativas se tornam, corporificam no humano. Ele a recebe, dentro de si, a acomoda, por vezes parcialmente, dentro do espaço pensante que é neste emitido àquela que neste momento torna-se Entidade. Tudo que posso entender, até o presente momento, em relação ao que é narrativa, passa por esse ponto. Elas todas são “entidade” seres que têm uma vida guardada, pulsante, que se entrega a quem as quiser.

Por vezes, elas não contêm em si, moral, mas por ser plástica, moldável, complacente, pode ser utilizada ao bel prazer, de quem as recolhe. Penso nas narrativas que se

utilizam as palavras e nas que utilizam as palavras sem que elas sejam ditas.

Há narrativas que se mostram intactas a tempos imemoriais. Essas falam muito de vida. São as que penso serem traduzidas, numa poética mais particular, do indivíduo. Que muitas vezes, é acometido por grandes angústias, que advém das narrativas externas. Aquelas que nada dizem a esse indivíduo, mas que o oprimem, obrigam, questionam, perturbam, desviam, o querer, desejado por ele.

Como várias carrancas assustadoras, nossas narrativas pessoais, são comumente subjugadas pelas que nada dizem a respeito de quem nós somos. Elas se apresentam em nosso mundo moderno de variadas formas. Mídia, outdoors, músicas, sabonete, chinelos, pasta de dentes... e as aceitamos quase sempre sem saber se era isso mesmo que queríamos. As tramas tecidas nos fazem acreditar em mentiras e desacreditar de verdades. Acho que falo um pouco sobre o capitalismo. O Capitalismo não aceita a poesia. A Arte é desafio constante ao que ele significa, propõe, traduz, produz...e o que seria a narrativa para esse mundo em que vivemos atualmente?

Acredito que estamos, todos, indistintamente submetidos a uma história que nos é contada cotidianamente, diariamente, rotineiramente; que nos empurra, para, através dela, a narrativa do capital, buscar valores que estão fora de nós.

“Confesso, que não consegui te entender em sua totalidade Volóchinov! Me desculpe a falta de erudição ...”

Porém, venho de uma diáspora africana e nela, nos é ensinado a perseverar. Tenho algumas poucas percepções sobre o que é narrativa e em todas elas, agora me remetem ao que consegui entender até o presente momento.

As narrativas são ENTIDADES. E como tal, precisam e tem que ser profundamente respeitadas, pois elas são vivas. Elas falam sobre valores humanos, temporais, falam sobre tradições. Nos alertam, nos desafiam. E o surgimento delas, o nascer nem sempre são exatos, mas o que carregam como saber ou saberes, esses sim, podem produzir pensamentos, ações e inércia. A narrativa em si, pertence ao ser humano, daí, as inúmeras possibilidades; de entender ou não, acreditar ou não considerar algo a se pensar ou não, desacreditar totalmente. A narrativa sempre vai trazer possibilidades. Como elas são

muitas, e vivas, se modificam e sofrem como nós a ação do tempo. Elas definem a humanidade, a sociedade e sempre se mostram pra quem quiser ver -las.

Sou uma pessoa que vivenciou e vivencia ainda, muitas narrativas, com grande presença da oralidade. E encerro esse texto, que considero raso, dado o assunto tão profundo, com uma questão que Ailton Krenak levantou sobre o episódio da chegada dos jesuítas, aqui nestas terras pindorâmicas. Os padres queriam que os indígenas aprendessem a língua deles e eles se negaram. Mas por que motivos se negaram. As palavras da língua falada por eles, se usadas como forma de comunicação, jamais poderiam traduzir a alma da língua indígena. E uma vez, que aprendessem poderiam perder uma parte da essência de quem eles eram. Assim se deu com a língua iorubá. Então, concluo, se é que posso dizer assim, que a poética das palavras precisa partir sempre da vida de quem a profere. Para que seja Entidade e traga em si, o que em iorubá chamado de *èmi*, que significa “alma”.

Me abstenho totalmente de pensar em definição para narrativa, pelo fato de que acredito que é impossível defini-la. Como já disse, narrativa é viva, é Entidade.

Corpos que narram, corpos em execução¹⁰

Breno Carneiro de Menezes

“A narrativa” é o fim de um movimento cuja natureza mesma é sempre outra. Não apreende nada além do que ela move. E o que ela move? Um corpo. Narrar é se colocar em palavras, fazer-se palavras, passar através das palavras.

A narrativa cristaliza momentos que não são nem o da história de um, nem de outro, nem de si mesmo. O que ela faz é capitalizar infinitamente na mesma fonte um sentido de existência. Narrar, portanto, o verbo, não é narrativa e não é palavra. Usa a ideia da primeira, a narrativa, como finalidade, e o instrumento da segunda, a palavra, como apoio à execução.

Convenhamos então, “narrativa” são desenhos no ar ou desenhos num papel. Narrar é outra história, é colocar-se no mundo, existir num breve espaço de tempo num lugar nem dentro nem fora, onde o real aparece. Está onde? Nos corpos de quem narra e de quem ouve, pois a narrativa é o exercício do contato.

¹⁰Como me chamam? e O que é narrativa para você? (nota da organização da publicação).

Então a narrativa é só instrumento de passagem. Ela mesma é quase nada. Por exemplo: como me chamam?

Não sou o gordo que meu irmão fala, será que para ele sou? Não sou o sumido que meu pai fala, mas talvez, para ele, eu seja. Não sou o filhote da minha mãe, mas para ela provavelmente não deixarei de ser nunca. Não sou o “Oi” da minha esposa, interlocutor extensivo a ela que nem apelido recebe. Porém posso ser a raiva, isso eu posso, e ela a raiva dela, ou, ambos também o amor, como quase sempre o é nesses casos. Tudo através da escrita ou dito, na frequência ativa, a narrativa é a história das emoções e, portanto, dos sentidos vivos. “Gordo”, “sumido”, “filhote”, “Oi”, o que são senão o ponto de apoio de um afeto qualquer.

Um colega comentou em aula passada, “a narrativa não é a vida”. Bela provocação. Certamente a narrativa não é, mas narrar talvez seja. Narrar talvez seja ser Araweté, “tornar-se outro” (Castro, 1986, p.22). Devolver o si mesmo ao lugar de onde veio. Porque o EU talvez nem exista, certamente nunca está pronto. Está sempre vindo, em ondas. O ser é música.

Narrar é musicar o ser. Ser você mesmo é musicar o ser que lhe cabe.

A narrativa nunca nasce pronta, não é a história contada, ela vem das trapalhadas de um garrafão de ar. Se soa mais perto do púbis fala “ü”, se soa mais para o estômago fala “i”, se soa mais para o peito fala “e”, mais para a garanta fala “o”, na boca fala “a”, na cabeça fala “mmmBÊ”. Narrar é usar a flauta mágica.

Volóchinov quer uma poética sociológica. Ora, ela já é. Basta colocar tudo em ordem. Se a forma da arte “é dotada de sua própria natureza e lei artísticas específicas” (Volóchinov, 2019, p.110), é porque fala de um corpo para outro, ela é um exercício de povoação, dos ritmos do corpo, dos lugares páticos do corpo. Mas há quem tente fazer dela mentalmente alguma outra coisa. Então se “o núcleo artístico, imanente da literatura possui suas próprias leis e estrutura, e é apto a uma evolução autônoma “natural”” (Volóchinov, 2019, p.110) é porque, se a mente não atrapalhar demais, a gente consegue.

De modo que há uma psicologia psicossomática da poética artística que é uma ética comunicacional respiratória,

sociológica na raiz. Respirar não é fenômeno deliberativo, de modo que o ponto de apoio já é de saída bastante fecundo e social, compartilhável por princípio. Para se chegar a uma “ciência específica” da arte como autonomia “natural” basta desenvolver a equação do EU = OUTRO. A arte “sendo imanentemente social: o meio social extra artístico, ao influenciá-la de fora, encontra nela uma imediata resposta interior” (Volóchinov, 2019, p.113), que provavelmente é um profundo suspiro, porque a arte é um brinquedo de bate e volta e sempre provoca suspiros de algum tipo.

Então, quem é o Breno de quem se fala? Um depositário do qual eu conheço talvez uma pequena parte do que vive neles do jeito deles e que os ama de outros jeitos que eles nem imaginam. Do Breno mesmo sobra pouco se não for o instrumento em uso, então ele narra por exemplo, mas podia pintar, tocar, dançar. Ele não é, não foi, nem vem a ser. Ele narra, porque ao narrar o Breno é sempre outra pessoa, porque só é possível viver através dos outros, a gente já narra tomado.

A narrativa não é nem a forma da obra como “fetiche” e nem o “psiquismo, ora do criador, ora do contemplador”

(Volóchinov, 2019, p.114) pois ela arrasta os dois ao mesmo tempo, “o “artístico” abarca todos os três aspectos” (Volóchinov, 2019, p.115): a forma, o criador e o contemplador. A forma da arte é a espacialização e a temporalização de cada um, legada à execução através dos tempos, é essencialmente forma de exercício.

“Esse procedimento é bastante compreensível, pois a palavra, quando analisada de um modo mais amplo, como um fenômeno de comunicação cultural, deixa de ser um objeto autossuficiente e já não pode ser compreendida fora da situação social que a gerou”. (Volóchinov, 2019, p.114-115)

Não só “contemplação cocriativa” (Volóchinov 2019, p.117), mas “um médium” de convocação (Volóchinov 2019, p.116). Essa seria a “situação” que “integra o enunciado” (Volóchinov, 2019, p.120), não “um horizonte espacial comum” (Volóchinov, 2019, p.118), mas espaço-temporal comum, a execução como horizonte de eventos. Se há um personagem que “permanece sem ser nomeado” (Volóchinov, 2019, p.125), ele está aí. Enfim, a narrativa é um horizonte de eventos executável.

Minha filha me perguntou aos 3 anos. “Papai, quando eu era pequenininha, você também era pequenininho?”. Claro que sim, pois a economia da criança é a de um mundo que nasce junto com ela e é criado por ela, economia poética da infância, “fórmula mágica” (Volóchinov, 2019, p.126), propulsora da vida (Volóchinov, 2019, p.125).

O “gesto complexo que envolve o corpo todo” (p.126) continua, perpetua-se na narrativa, não está perdido no arcaísmo das civilizações primordiais e através das artes sustentam seu cultivo, “relação viva e energética com o mundo” (Volóchinov, 2019, p.127).

A “relação mútua entre os falantes” (Volóchinov, 2019, p.129) é o ponto de apoio principal do fenômeno. Como se dá a troca, quais os meios e modos de execução, o que ocorre em termos de uso dos sentidos, o que é feito da impulsividade espontânea? A narrativa escrita é o gesto que pede sua reinstauração, sua reinscrição corpórea. Por isso a atenção à minha posição é a atenção à posição do outro (Volóchinov, 2019, p.129). O carácter ativo e objetivo do gesto (Volóchinov, 2019, p.127) implica uma modulação sensório-motora. A obra

como acontecimento vivo reinscreve o registro no corpo, que “ganha carne viva, somente no processo de percepção criativa”, configurando o “processo da comunicação social viva” (Volóchinov, 2019, p.135), por modos de execução que implicam “graus de proximidade” (Volóchinov, 2019, p.137), como a respiração. Assim, um dos “pontos de aplicação das forças sociais da realidade extraliterária à poesia” (Volóchinov, 2019, p.144) está na modulação dos meios, o ar, os riscos... narrar é atravessar mundos pré-humanos.

O que é narrativa para você

Carlos Alexandre Spunchiado

Narrativa vai para além da palavra contada. Narrar está em outro plano; no plano dos sentidos. E quem sente? O sujeito, que faz a capitania desta narrativa, entrelaça com a sua subjetividade e executa a narrativa em uma outra história.

Narrar algo está para além do diálogo entre duas ou mais pessoas; a narrativa cruza diferentes dimensões do sujeito e cada um – com a sua própria subjetividade e interpretação inter-relacionando – capta e transforma a palavra emitida e recebida em algo vivo e latente, dentro daquele contexto, naquele espaço de tempo.

Recordo-me nas aulas, que ao tratarmos sobre a *narrativa*, estávamos falando de outra coisa. No começo eu não consegui captar a essência, estava para além do meu saber? Ora, narrativa não é só a história contada (sujeito emite uma locução e o outro sujeito a recebe) assim, dura e concretamente; o ato de narrar vai para além desta sistematização de palavras, gestos, textuais, orais etc.

Começo a entender que a narrativa vem construída a partir de uma entonação, aqui percebida como a maneira como a gente se expressa vinculado a alguma emoção e modo como estou levando pro outro. Oferta uma interpretação. Transforma o valor da entonação do autor. A entonação dá vida a palavra.

Neste sentido, ouvindo um pouco das narrativas, uma me toca profundamente; a narrativa é uma *entidade*, que transcende os sujeitos no processo do diálogo, vai para outro campo, outra perspectiva, toma vida própria, se faz e se revela. Revela a mim mesmo, revela o outro, e vai revelando e resvalando a si própria, construindo uma história; que é diferente para mim, como para o outro, me toca de uma forma e toca o outro de outra forma.

É uma *entidade*, pensei. Está aí a resposta! A narrativa é a transcendência da palavra contada e a incorporação de uma história que é recebida e sentida, tocada, modificada, revelada, dentro de cada sujeito, ou fora de cada sujeito; é

a metáfora perfeita para a vida. O sujeito vai, a narrativa fica, se transforma, viaja pelo tempo, é ressignificada, perpassando pelos sentidos e interiores dos sujeitos, sendo

escrita (ou contada) de diferentes formas na medida que o tempo é atravessado, ou na medida que ela – a narrativa – atravessa o tempo.

Volto para a entonação, como cita o texto “A entonação se encontra no limite entre a vida e a parte verbal do enunciado, é como se ela bombeasse a energia da situação cotidiana para a palavra, atribuindo ao todo linguisticamente estável um movimento histórico vivo e um caráter irrepetível”. Deste modo, entonar uma narrativa também é um processo político, acima de tudo, é o processo que resvala sobre a arte de contar, ou seja, a narrativa se revela na entonação e cada sujeito recebe essa informação e se ancora nela, grotescamente, de forma dura, ou a transforma e a ressignifica a partir do contato com a mesma.

Ora, quando me deparei com a disciplina, logo pensei: “narrar é apenas relatar um determinado acontecimento no trecho daquela história”. Ledo engano, pobre de mim, ao pensar que o ato de narrar estava puro e cristalino no modo de contar os fatos e ser entendido da mesma forma que eu conto.

Ou seja, término aqui a minha singela reflexão sobre narrativa, de que narrar é uma arte; a arte de transcender a palavra, de tomar vida própria, é a entidade que ecoa nos sujeitos, na história, nos fenômenos, nessa dialética, que aproxima e distância, se materializa de outra forma e é recebida, perpassada, ressignificada, recontada e se modifica, vai tomando vida própria. É um ciclo infinito, político, histórico.

Vai para além do jogo de palavras e da simples locução. Narrar é um processo complexo e a narrativa que vem deste narrar se transforma, a partir do contato com cada sujeito, e incorpora em cada um, uma forma diferente, que se mistura com a realidade daquele sujeito, com a subjetividade, e se constrói de forma muito singular em cada indivíduo.

Continuando a minha prosa...

Fico me indagando de que forma poderia continuar a minha narrativa. Lembrei de que tentei dizer que a narrativa é uma arte e tentei utilizar das palavras mais eruditas possíveis, na tentativa de dar alguma estética nas minhas palavras.

Pois, na sessão seguinte desta disciplina, nos é ofertado uma leitura de um sujeito chamado Bakhtin, cujo conteúdo interno estava totalmente introjetado de materiais fecais e excrementos. Me dando a ideia de que nada adiantava a tentativa de embelezar certas coisas que são intrinsicamente, em sua gênese, dejetos e excrementos, de todas as formas, que o ser humano produziria, e ainda produz.

Daí surgiu um questionamento interno de quem voz fala. Ultimamente venho me sentindo um cocô de periquito meio a esta disciplina, cheia de gente importante, estudada, vivida, bem graduada e tão sensíveis aos conteúdos do cotidiano. Ora, quem sou eu na fila do pão senão um excremento que transgrediu as vulnerabilidades que me fora colocadas e chegou neste espaço?

Também penso que esta disciplina, ou melhor, este conjunto de sujeitos nesta disciplina, neste lugar, toda sexta-feira à tarde, se transforma na tal praça pública, com as manifestações de diferentes lugares. É o lugar para jogarmos “merda no ventilador” e embelezarmos todo o espaço com todo o tipo de material fecal possível, ora, é a tal da arte de narrar.

Também é o espaço de nos indignarmos, vociferar nossos descontentamentos com a estrutura do mundo, com a macro e micropolítica, com os sistemas cada vez mais opressores, com a ciência que nos aprisiona em caixinhas metodológicas encrustadas de conservadorismo, positivismo e capitalismo. Não nos deixam narrar! Nos silenciam o tempo todo! Que deixem-nos narrar!

Hoje não estou preocupado com métrica, textura, erudição ou a simples tentativa de me embelezar meio ao sentimento contínuo de fraude que está na academia lutando contra as forças opressoras e com todas as dificuldades que mesão colocadas dentro do meu contexto acadêmico.

Ora, só eu e Deus sabemos os sacrifícios que precisei incorporar para estar neste espaço, mas será que tudo isso vale a pena? Agora me pego numa letra musical que, neste momento, parece fazer algum sentido:

A rabada, o tutu, o frango assado

O jiló e o quiabo

Prostituta e deputado

A virtude e o pecado
Esse governo e o passado
Vai você que eu tô cansado
Tudo vira bosta¹¹

Viva Rita Lee!

¹¹<https://youtu.be/fi5p0NePxAU?si=10HLIYxCvVrHmR9L>

Narrar

Carlos Eduardo Cavalcante Barros

Narrar. É ofício de contar algo daquilo que o ato-ação da linguagem traz pela memória, expressada pelas mãos, olhares, gestos, sinais, expressões, criados com fins de traduzir ao outro num contexto de história que será emanada e/ou capturada por meio da visão, olfato, paladar, tato e/ou audição que, por sua potência criadora, cria uma ação para o entendimento através de processos sonoros, textuais, mnemônicos, arrepios, sentimentos, repetições, emoções, afetos das confluências entre os interlocutores. Narrar é o poder real na vida em trazer o fazer-se entender para o outro, possibilitando, assim, trazer outros mundos baseados naqueles que existimos / inventamos / pactuamos em nossas histórias.

Pelas narrativas, cooptamos sentires diversos de nossos interlocutores, principalmente pela entonação, sotaque, cadência e tonicidade das palavras, que servirão para estabelecer julgamentos de se a fala é coerente, dizível, intragável, verdadeira, aliciadora, sedutora, irônica,

desprezível, entre outros. A forma de dizer traz estereótipos, comportamentos, gêneros, paisagens, nacionalidades, formas.

Tal ato é ordenado desde a concepção de vida até a nossa morte: mesmo em um não dizer verbal, o bebê comunica-se através de choro e gestos ao sentir sono, fome, sede, calor, frio, dor para que atendam as suas necessidades; mesmo incapacitado de falar aquilo que sente, um doente terminal se expressa pelo rosto e fala de suas dores e incômodos, até no último suspiro.

Existimos por narrar, até porque somos sustentados e construídos pelas narrativas, elas compõem o veículo daquilo que agregamos e elaboramos como subjetividades nas nossas vidas. Através das histórias que escutamos que consolidamos a aquilo que somos, mais contextualizações.

Pensar no que é narrar já é em si narrativas, porque se configuram emaranhados de possibilidades em que essa dialogia pode ocorrer. Narrar para o outro também é narrar para si, pois dizemos de/para/sobre nós neste contexto. O cotidiano é um extenso atuar pelo narrar.

Carol, como te chamam?

Carolina Cristina dos Santos Nóbrega

Hoje eu sou testemunha da narrativa que indagava a seguinte questão: como me chamam? E, posteriormente, uma pergunta como sequência da primeira, isto é, o que é narrativa para você no diálogo com a indagação de como te chamam? A primeira ação desta forma-ação foi escrever uma narrativa em diálogo com estas inquietações, tornamo-nos, portanto, testemunhas de um percurso em que a ação do verbo aprender ganha corpo coletivo. Nesse cenário, foi necessário se despir da cronologia do tempo, rígida numa linha linear, assim sendo, essa escrita é um convite descolonizador para propor uma viagem no tempo. Como diz Jacqueline Woodson (2020), isso é memória!

O primeiro fio que puxo para este diálogo, é a importância da memória, nesse caso, para a pesquisa formação (auto)biográfica, que na caminhada de investigar, rememoramos o passado a partir das perguntas do presente, e de maneira, atenta, olhamos para os caminhos que se constroem, entendendo que o passado diz muito do presente

para agirmos no agora. Dito isso, é preciso fazer as pazes com a memória, isso é, não exigir as lembranças perfeitas. Afinal, nossos corpos são marcados com a poeira do mundo, chamados pelas marcas das rugas suaves pelo rosto, nas lendas do caminho por onde andamos, então, nós insistimos: comece pelo início, então, como te chamam?

Eu escrevi que o meu nome é Carolina, posteriormente, que as pessoas me chamam de Carol, e esse jeito de chamar, a meu ver, é uma aproximação informal. Informei a todos e todas que gosto muito dessa informalidade. Lembrei que a minha mãe Dagmar me chamava de “fi” (de filha), e quando estava com dúvida sobre algum assunto era “Carol”, e para chamar a minha atenção/dar uma bronca era “Carolina” e/ou “Carolina Nobrega”. Considerando as entonações e gestos nas minhas lembranças mobilizadas pela pergunta mencionada, eu não escrevi o contexto e as falas das personagens, de modo que o enunciado estivesse o mais próximo possível de qualquer exemplo do diálogo vivido entre mim e mamãe, contudo, a leitura do falante nos conduziu para o contato com a vida no agora compartilhando momentos passados. A palavra é um

roteiro desse acontecimento que está nos limites da memória, em seus fragmentos, numa narrativa que conta uma experiência comum; e esta poderia ser interpretada de outro modo por minha mãe, e por mim, que, particularmente, apresento a memória da infância misturada com a permanente saudade de quatro anos de ausência. É muito estranho e difícil não dizer a palavra *mãe*. “Quem passou pela vida sem pequenas tragédias?” (Woodson, 2020, p.12).

Em seguida, eu falei de minha avó Iolanda. Ela sempre me lembrava com sua sabedoria que o *nome* é o que dá existência. Cuidei deste detalhe quando fui ouvinte da minha própria narrativa. Percebi também o uso constante dos pronomes possessivos, penso ser um jeito carinhoso de ressaltar que são pessoas que tecem a nossa história e vice-versa como diferentes fios. Histórias contadas por elas, e contada por nós, e por nossas metamorfoses com os nossos eus-coletivo.

Destaquei a experiência da descolonização interna quando lembrei do meu processo inconsciente (na sexta série do ensino fundamental II) de tirar o acento do meu sobrenome. Falei da preocupação da professora (da disciplina de língua

portuguesa), pois para ela Nóbrega é uma paroxítona; e eu não me preocupava com isso, e me sentia mais feliz com Nobrega sem acento. Hoje, Nobrega era uma paroxítona. Diante dessa avaliação de conteúdo, cabe ressaltar que Nóbrega com acento é um sobrenome da família que colonizou os meus e as minhas. Seguimos até a liberdade! (Shakur, 2022).

Depois, de ser testemunha e aliada da personagem que fui, por exemplo, a Peteca na capoeira, bem como a Carol chamada pelos(as) colegas de trabalho e as poucas amigas e amigos, e de outro modo, em todos os lugares acadêmicos, consultas médicas etc., a Carolina Nóbrega. Por fim, chego a mesma conclusão, isto é, toda Carolina é chamada de Carol.

A escrita é uma aposta para a liberdade, assim, nós buscamos uma expressão adequada e a segurança no apoio coral das pessoas, sobretudo, nos diferentes vértices da verdade que a luta coletiva pela descolonização compõe no mundo que me recebeu e no qual também faço parte da costura das descobertas de seus retalhos. Somos pesquisadoras diante da vida; afinal, aprendemos a criar as estratégias de sobrevivência,

escrevendo para a liberdade. Aliás, é um acordo que fazemos com ela. Ao escrever, sentimo-nos livres.

A partir da leitura da contribuição dos autores e autoras, intitulada “Narrativas e percursos investigativos em educação: uma narrativa pedagógica do grupo de estudos e pesquisas em educação continuada – GEPEC” (2018), comecei a arriscar e riscar ideias na composição deste parágrafo, para dizer que somos corpos – narrativas onde a palavra é mo(vi)mento histórico vivo, uma fotografia da escrita, pois apresenta algo que dialoga com a experiência desiludida de qualquer verdade absoluta. A palavra é ação, entendida como este lugar político-epistêmico que eu componho com as pessoas envolvidas no desconhecido da experiência. Assim, compartilhamos a variedade do mundo criando outras formas possíveis de contar a história, de narrá-la, refletindo e assumindo o desafio de contribuir com outros sentidos no processo de forma-ação e autoforma-ação. Quero destacar a escrita de Jurema Werneck sempre assertiva em suas palavras delicadas, nos diz que o racismo “apostou que não teríamos o que dizer. Perdeu! Somos filhas, filhos da cultura em que a palavra tem muitos poderes.

Com ela, narramos o mundo que vemos e vivemos. Expomos atrocidades” (Werneck, s/p, 2019). Nesse compromisso de aprender como “motor-axé-de luta” sendo vozes da mudança (Werneck, s/p, 2019), quero dizer, que é muito difícil desintegrar a Afroprofessora Carol da Educação Antirracista, Afrorreferenciada, da problematização das Relações Étnico-raciais, das Relações Raciais, da Educação como prática da libertação quilombista etc., pois, saber como te chamam dá existência a sua trajetória, e partir do seu nome te diz que a sua história é a história de muitas.

É conhecendo como chamam o Pequeno E, na narrativa docente de Maria Teresa Cruz (2015) que percebemos o grito da urgência a respeito da valorização das diferenças na e em diálogo com a escola. Em uma aula, recebi o convite de “abraçar a teoria, o afeto e a política” (Rodrigues, 2020) de Maria Teresa, esse abraço de “beleza entusiasmada” (Woodson, 2020) com a riqueza e a sensibilidade presente que pipoca. O Pequeno E com a sabedoria gigante das crianças já sabia que não precisava crescer como fazem os adultos, isto é, crescem para se apequenar diante da vida, o Pequeno E não precisava ser, ele

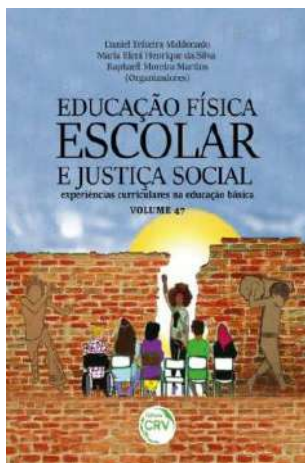
desembrulhava o presente na alegria de seu olhar Negro, na sua curiosidade epistemológica para ler o mundo, sendo, se fazendo nas relações e interações, mesmo com o peso da imposição de um ensino que busca domesticar (Lélia Gonzalez, 2018).

Sempre houve um incômodo em relação à escola, Pequeno E. o modelo eurocêntrico de educação e a forma de contar e romantizar a escola, a partir da lógica eurocêntrica, sempre foi um amargo obstáculo num passado tão presente, que ecoa no interior das escolas e nos provoca com algumas dúvidas. Por exemplo: se tivéssemos as nossas narrativas de enfrentamento, teríamos sobrevivido à educação básica de outra forma? Se soubéssemos a nossa história, a tradição Negra, teríamos erguido nossa cabeça, dito uma à outra: isso é memória, é possibilidade histórica, e mais uma vez insistiríamos até que o pertencimento Negro contribuisse para outro sentido de escola?

Como te chamam Pequeno Grande E? De alegria, de personagem principal nas peças de teatro, com o seu jeito de brilhar no cachecol rosa ou roxo, no não lugar da professora

que te condenou como insuportável (Cruz, 2015). Assim, ele nos ensinou que nós precisamos seguir até a liberdade e passar para as todas as gerações a relevância das tradições Negras da América, que eu prefiro substituir por Améfrica considerando a riqueza do legado de Lélia Gonzalez (Rios, Lima, 2020). É preciso apostar nos processos de resistência, (re)existência, considerando a centralidade da raça como dimensão estruturante do capitalismo (racial), a partir das tradições das populações Negras, conectada com a crítica do marxismo Negro do autor Cedric James Robinson e, ao mesmo tempo, a exigência do deslocamento para a centralidade da ancestralidade, na contribuição da Pretagogia (Petit, 2015), com o tronco das raízes bantu e yorubá, no qual experimentamos o que a escola mais teme: a manifestação cultural das religiões de matriz africana, que muito tem a dizer sobre a história Negra e a educação das(os) Negras(os) na história, que se dá nas famílias Negras (envolvidas com as tradições Negras), nas práticas religiosas, no canto, no batuque, na dança etc., portanto, nas fontes de conhecimento que demonstram o que as instituições educativas não querem, a liderança Negra que

educa os outros grupos na proposta de um currículo amefricano.



Em 2018, eu perturbei o conforto dos(as) cidadãos de bem numa roda de conversa de (trans)formação na Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo para falar sobre a *Representatividade das Mulheres Negras na Educação Física*. Lembro com carinho da leitura do mini currículo que falava muito sobre o meu nome ocidental, a trajetória institucional e que não diz muito sobre quem sou enquanto possibilidade histórica, pois transborda o currículo formal. Nesse lugar, eu retomo à inesquecível imagem que fiz para ilustrar a capa deste livro, em 2021. Lá estava a pronunciado Professor que falava o meu nome e sobrenome para o grupo que estava na sala, isto é, Carolina Nobrega (sem acento) e a sensação de quebrar o muro como mostra o desenho. Esse Professor que nasceu na Nigéria e que infelizmente eu não lembro o nome, então, peço

desculpas, e afirmo, que aquela pronúncia foi uma delicadeza aos meus ouvidos amefricanos. Portanto, a narrativa pode ser o encontro, aqui, nesse lugar, que palavra faz morada em mo(vi)mento histórico vivo.

Finalizo dialogando com a Jacqueline Woodson para dizer que ergui olhar para ver as pegadas no tempo, aprendendo com as escolhas que fiz, e lembrando que “nós viemos pelo caminho das memórias de nossas mães” (Woodson, 2020, p.43), pensando que de alguma maneira, em nossos corações amefricanos estamos voltando para casa. Toda possibilidade de resgatar as raízes Negras, de criar, inspirar, narrar etc., é uma forma de voltar para casa. Assim, em algum ponto, todas nós e todos nós que abraçamos o baobá de mãos dadas, nos transformamos em memória.

Narrar parecia movimentar uma história dentro de mim¹²

Danyella da Silva Barrêto

Como me chamam?

A maioria me chama de Dany,

Em casa de chamam de More, Morinho, Mamãe, Mamãe
louquinha, Mamãe sapequinha

Meus primos me chamam de Danyinha, Danoca, Danone.

Me irmão mais velho me chama de Amarela

Meu irmão mais novo e meu pai me chamam de Nega,
neguinha

Meu pai me chamava de muitos apelidos que inventava
a cada ano, mas por último, ele estava me chamando de Milô
(abreviatura de meu amor) e amava um outro nome que era:
“minha amiga particular”.

Minha irmã me chama de Thuca ou Nana

Meus sobrinhos me chamam de Tia Dany

Minha parteira me chama de Comadre

Meu afilhado, de Dinda

¹² Sugestão abelhuda!!! De tanto que adorei!

O atendente de telemarketing me chama de Senhora Danyella

Os pacientes carinhosamente me chamam de Doutora Dany

Meus alunos me chamam de Professora Dany

Os amigos me chamavam de tudo isso e mais um pouco: Bicha Doida, Avuada, Agoniada, Baiana, Arretada e Amiga.

Os desafetos me chamam de comunista e feminista.

O que é uma narrativa para mim?¹³

Na minha mente, a primeira coisa que vem ao pensar em narrar é contar, falar ou escrever algo que vivi ou que alguém viveu. No cotidiano, seja na vida profissional ou pessoal, eu buscava alguém para contar algo ou escutava algo de um outro alguém. Esse era apenas um começo e, logo em seguida, virava um diálogo ou uma escuta atenta. Esse narrar cotidiano implicava em dar passos em direção ao outro e esse encontro me impulsionava a refletir e construir novas narrativas.

¹³A alteração da cor da fonte foi uma ideia/sugestão que surgiu durante os encontros e que poderia dar a ver as mudanças realizadas ao texto original.

Na medida em que eu abria a boca ou me dispunha a ler, algo acontecia nessa interação. Ao ser recontada, a emoção parecia não ser mais a mesma e a experiência sobre o vivido parecia ter outras faces, os personagens da história pareciam ter se movimentado. Narrar parecia movimentar uma história dentro de mim. Aquilo que parecia estar quietinho em meu ser, passava a mover-se e encontrar-se com outras pessoas. Dessa forma, aquela história já não era só minha e, portanto, caminha, encontra e volta renovando as experiências.

Pensar no meu nome gerou um movimento de olhar para dentro de mim, para as pessoas que me constituíram e que seguem reverberando suas vozes internamente, para encontrar os nomes aos quais me chamavam. No texto de Volóchinov escrito no ano de 1926, ele traz figuras importantes que compõem a narrativa e vou tentar encontrar cada uma delas no meu movimento de narrar. Eu era a *Personagem* em análise buscando dentro de mim todos os nomes, apelidos carinhos e tentativas ofensivas que um dia já soaram em meus ouvidos e que me definiam de certa forma. Ao mesmo tempo em que eu pensava o motivo dos apelidos, o *Contexto* de cada um deles, eu

pensava na minha relação com aquelas pessoas internalizadas, a quem o texto do autor Volóchinov chamaria de *Ouvinte*. Mas minha mente não daria apenas mergulhos internos, dava voltas ao meu redor e eu pensava na quantidade de linhas esperadas, na tarefa solicitada, na característica dos professores e do grupo e o que de fato interessava a esse coletivo pois, nesse momento, eu me preocupava com o *Público* que iria ler ou ouvir a narrativa dos meus nomes.

A *Narrativa* então é composta de um *Autor*, aquele que narrará; um *Personagem*, que pode ser o próprio autor ou um outro que estará em relação com o autor, que pode ser uma pessoa, um fato, um evento, um comportamento etc.; um *Ouvinte* imanente, que se refere ao contexto e às relações internalizadas socialmente ou individualmente e que interferem de dentro a forma da obra; e um *Público* externo que se encontra fora da obra, que podem ser conscientemente considerados, mas que “(...) não é capaz de definir de modo imediato e profundo a forma literária no processo se sua criação” (Volóchinov, 2019, p. 142) para que ela não perca sua essência. A *Narrativa* tem seu conteúdo, sua forma de

apresentação e sua entonação influenciada por todos esses componentes e pelas suas relações de proximidade e hierárquicas (Volóchinov, 2019).

A narrativa de “como me chamam” foi um ato de me entender como autora e como personagem. Foi um gesto de olhar para os ouvintes que estão dentro de mim e que me nutrem, mas também para o público que receberia a síntese dessa reflexão.

Após pensar o conteúdo, para quem escreveria e para o coro, me questionei se a forma descrita estava correta. Eu acabei descrevendo em uma *Estrutura* livre, como escrevo minhas poesias porque parece que o grupo me permitiria porque não se apresentou como formal ou hierárquico. Pensei não apenas na distribuição das palavras no papel, mas em como deveriam se apresentar, qual a entonação e como as palavras deveriam ser expressas. A narrativa tem um conteúdo descritivo sobre o personagem e a forma de apresentar esse conteúdo é influenciada pela relação do autor com o personagem, pela relação hierárquica entre eles e pela relação de ambos com o

ouvinte e, em alguns momentos, com o público (Volóchinov,2019).

A partir da experiência de pensar como me chamam, posso dizer que *narrar* foi um movimento de duvidar sobre o que falaria, de temer, escrever, contar, alegrar-me, desejar fazer outras contações, ouvir os colegas, chorar e acolher o choro porque um personagem não existe como imanência individual, mas é entendido do lugar social, assim como a arte e a palavra (Volóchinov, 2019).

Dessa forma, narrar implicaria um outro que eu vejo, que me relaciono, me afeta e ajuda a me enxergar. Narrar seria contar uma verdade entre tantas verdades, compartilhar um vivido ou quem sabe uma experiência desse encontro. Portanto, narrar não seria um gesto solitário de um expectador passivo e alheio ao que está vendo, sentindo e contando. Portanto, narrar seria ir ao encontro do outro, permitir-se voltar modificada e contar essa história não somente do que viveu, mas do que reverberou em mim e no outro.

**Como me chamam! Uma composição de subentendidos,
entrelaçada em texturas e ritmos e edificada na
inspiração**

Edna Aparecida Beatto

Por vezes percebemos que algo tão simples e natural nos coloca diante de descobertas surpreendentes e impensáveis. Ao me dedicar a produção deste relato mergulhei em uma leitura interna que reli repetidas vezes e percebi que há texturas, calor, sonoridade, musicalidade, sensações e inúmeras emoções no som da palavra Edna.

Som esse que fez sentido desde sempre por ser minha identidade e referência, carregado de significados, mas agora somando a outra roupagem, outra estrutura e com isso permite um outro escutar, contudo firmemente convicta de sua pertença.

Então me ponho a refletir sobre o quão interessante e agradável é a experiência das boas vibrações às diversas formas e maneiras que me nomeia me percebo que *Como me chamam* instiga o criar-fazer do outro, como retalhos que vão se achegando, dando-se as mãos e, em um entrelaçar de dedos

iniciam um novo remendar coletivo, subentendidos de ritmos como um aconchego que sugere a palavra Edna, que me identifica na vida e como “a vida não cabe nas palavras” (Volóchinov, 2019), isso reforça que o *Como me chamam* está carregado de sentimentos como o de ser amada, querida e desejada por meu nascimento ao ouvir mamãe, que dominava a norma languageira (como disse o nosso professor Guilherme Prado) chamar carinhosa e pacientemente Edinha...Edinha...Edinhaaaa; sentimentos de afeto que acalma, protege e dá segurança quando ouvia mamãe: lindinha! Cuidado lindinha! Não vá se machucar. Lindinhaaaa...

A inspiração é criação dela

Calor que aquece e desperta para a lida de um novo dia, mas também atenta ao ouvir papai chamar muito sério: Edna Aparecida! Seu jeito seco, bem de acordo com a criação que recebera, mas com certeza, ainda assim amoroso. Papai chamava a todos os filhos pelo nome composto. A entonação do chamado dele nos indicava a seriedade do assunto ou bronca, o que quase sempre ocorria.

Negrinha de cabelo ruim... fui chamada assim. Chocada demais, doeu demais, chorei. Tinha entre 12 e 13 anos de idade e ao revisitar esse ocorrido triste, constato que o registrei como não tão importante. Essas memórias sempre estiveram presentes e quando apropriei das questões da negritude, entendi o porquê não havia dado a devida importância ao fato. Aprendi a lidar com as lembranças e, acredito que ao explicitar o ato em narrativa vem à tona a palavra dita, constituída no entonacional gestual e composta de sentidos, muito provavelmente, desestruturada nesse instante em que nomeio o fato. E ao nomear por meio da escrita, afronto os subentendidos e me recolo no texto de Volóchinov, uma vez que a escrita (palavra) não se encontra moldada pela narrativa, é um evento bem maior, portanto não me submeto, me rebelo e os autores que caminham o meu caminho, me revelam.

Mas, lembrem, a inspiração é a partir dela

Esse relato traz ao meu imaginário a minha não resposta na ocasião da ofensa por total desconhecimento, materializando as muitas formas em dar vida à palavra com entonação de reprovação (Volóchinov, 2019, p.123), com mais um sonoro

“puxa”, o indivíduo sente se forte colocando-se ao centro para humilhar o outro evidenciando seu estado agressivo que expõe sua postura opressora. Ou seja, ao entonar as palavras que ameaçam, fornece ao público a sua “limitação”.

Voltar às memórias, propõe a mais um narrar. Uma narrativa escrita que oferece inúmeras interpretações do sentido, de imagens de um passado que o consciente e o inconsciente amontoaram, mas que se esvaziam numa narrativa reparadora quando chega, meiga e afetuosamente, aos meus ouvidos “tia Esla, madrinha, Edinha das irmãs, irmãos e família e o mágico mamãe, mãe.

Novas amizades autorais se juntaram no caminhar e com elas novas composições; Dinha, pequena Eldna, Ed, Edína, Edininha, Dininha. E sem perder o ritmo outros compositores se achegaram e deram o seu tom; Lady, Leidoca.

Sim.....a inspiração é inspirada nela

É nesse encantar que experimento a narrativa. A narrativa que convida a permissões: a restaurar, a olhar de novo, a revisitar, a ressignificar, a se perceber. Cada contar é um narrar diferente, logo, cada ato de narrar será sempre um

único narrar, pois cada narrativa me coloca em um lugar que nunca será do mesmo lugar narrado. Narrar é um evento. Um evento feito como camadas que vamos retirando ora com muito jeito, ora despreocupado, ora apressadamente, ora sensibilizado, ora ideias transbordam, ora... acordam palavras! Acordam!

A próxima narrativa será sempre uma primeira narrativa, em um recontar cheio de possibilidades como o dos alunos/as que em sala de aula narram espontaneamente, de forma estridente, por vezes acelerados, todos juntos ao mesmo tempo que fica até difícil decifrar. E nessa mesma velocidade que vão de um assunto ao outro, totalmente sem ritmo, mas repleto de entonações. Penso que é isso que é o que dá o tom. Uma narrativa simples e interessante. A que permite. Mas o fato é que para eles o bom mesmo é narrar.

Redescobri a narrativa e creio que me empolguei. Mas não demora nada, nada, acaba Jájá. É que mais compositores chegaram. E então ouço o chamar: amiga!...garota! De um deles ouço xuxu! Apesar do subentendido é picante, bem temperado, deve ser a musicalidade na voz do meu amigo baiano. Mas há

uma...Sim. é a última. Garanto! Nesse capítulo, pelo menos. É que a composição é, realmente, peculiar e a considero a mais forte em sonoridade e ritmo. É a composição do meu amigo congolês, é como se me repatriasse ao chamar: Oaedna! Oaedna!

Sou a Professora, Pofessola, Pro, Pro Edna, Dona, Doninha...

Ah!... quanta inspiração semeada por ela

As composições criadas me identificam e representam fases da minha existência. A Edna que foi, a Edna que é e a Edna que ainda virá constituída por todas essas referências, que também me sustentam, e reforçam minha estrutura que está edificada por um tesouro valioso, uma vez que meus e minhas ancestrais são reis e rainhas, tesouro semeado ao convite da vida que propõe uma jornada inesquecível em aprendizado, conhecimento, autonomia, descobertas, escolhas. Uma experiência transformadora que se revela no ato da narrativa de “Como me chamam”. Constato que essa narrativa verbal, não verbal e repleta de sentidos, foi protagonizada por pares presentes em meu caminhar. Ouso dizer que a palavra Edna

que me nomeia na vida dá vida à palavra que se excede e não se cabe, mas a relação é mantida para atribuir sentido, não comportam as entonações criativas em suas sonoridades, mas várias produções e a não rigidez de sentidos, e isto, convida às possibilidades que o evento leitura promove, a intimidade do autor e a narrativa. Ou seja, a narrativa composta por seus subentendidos, de modo assertivo, aponta com nitidez que a obra “Como me chamam”, imprime fidelidade aos plurais Edna que habitam e que se manifestam em mim.

As narrativas que se apresentam até aqui evidenciam as muitas mulheres que foram edificadas no caminhar, constituídas na resiliência e na resistência dos meus mais velhos, envolta na vida que viveu e que, inconscientemente, se apropriou da palavra que gerou um diálogo narrado em poesia entonacional. E apoiada aos autores que coproduziram esta narrativa, emerge a mulher, não mais a negrinha, mas sim a mulher negra de atitude e de empoderamento que se apodera de seu lugar de fala, de seu direito de estar e permanecer, amparada na modesta compreensão da obra de Volóchinov, que se descortina em subentendidos que se traduz e percebe os

sentidos que a vida oferta aos autores que participam deste “ato, desta contação” para que deem o tom, a musicalidade, a sonoridade harmoniosa que vai muito além da compreensão, mas que é fundamental e, para que as relações sejam mantidas, enriquecidas para que você, ela, ele, eu, nós, possamos colorir as possibilidades que a vida nos apresenta, permitindo que a narrativa, no meu caso, constate a profundidade e que entonação da palavra: estrutura, contorna e traz encantamento a **“COMO ME CHAMAM”**.

É... a inspiração é dom, é composta, é embalada, é narrada por ela. Por ela, a autora maior, que também permitiu se narrar nas formas carinhosas por sua família. Jacinira, Zumira, Zuca...a mulher que sorria com os olhos e preenchia tudo tão completamente que quando ausente causava dor do vazio. “Mamãe”.

Narrativa autobiográfica

Francisco Jonnathan Santos Freitas

Como me chamam...

Meu nome é Jonnathan. A maioria das pessoas que tem algum tipo de aproximação pessoal me chama de Jonnathan. Apesar de algumas já terem me chamado de Jony, Jon, Jonas. Meu antigo vizinho de apelido Zezin, quando eu morava com meus pais, me chamava de “Tan” desde quando ainda era um bebê. Eu gostava bastante dele. Do vizinho. Do apelido nem tanto.

Este meu nome é engraçado. Desde pequeno tive que aprender a escrever um nome estrangeiro com uma letra duplicada a mais. Jonnathan com dois n’s eu tinha que dizer. Minha mãe disse que foi por causa do escrivão que aumentou uma letra “n” no momento do registro da certidão de nascimento. Lá vamos nós então carregar uma letra a mais sem necessidade por causa dos erros dos outros.

Já não bastava o meu nome ser estrangeiro, e seguindo um nome de santo católico muito comum nos antigos homens do interior: Francisco. Minha mãe dizia que era por ter se

apegado a São Francisco durante a gravidez. Então fico eu com um nome de santo católico muito comum no interior do estado do Ceará, sendo seguido por um nome americano devido a influência da cultura pop americana na década de 1970.

Perguntei a minha mãe de onde ela tirou aquele nome norte americano e ela prontamente afirmou que quando adolescente assistia uma série chamada “Casal 20” onde o casal de protagonistas se chamava Jonathan e Jenifer Harker. Então ela jurou que quando tivesse o primeiro filho ou filha teria o nome de um dos protagonistas da série.

Após algum tempo na adolescência venho a me apaixonar por leitura e gosto muito de um escritor de romances de nome Sidney Sheldon. Devorei muitos livros dele pegando emprestados na biblioteca pública. Só então ao ler sua biografia descubro que ele foi um grande roteirista de TV, escrevendo a conhecida série “Jenie é um gênio” e a tal série “Casal 20”. Interessante o destino, acabo me apaixonando pela obra do artista que influenciou com seu trabalho a origem de meu nome.

E é assim como me chamo, não sou nenhum detetive elegante que trabalha ao lado de uma linda esposa. Também não sou nenhum santo ou cabra da peste que vive no sertão do Ceará. Sou alguém com dois nomes de influências diferentes que se chama Jonnathan e que ainda ama seu nome e sua história.

O que é narrativa autobiográfica?

Após as interessantes aulas e discussões na disciplina sobre narrativas vim a considerar de demasiada valia a perspectiva trazida pelo autor Mikhail Bakhtin a respeito de narrativas e narrativa autobiográfica.

Num primeiro momento não estava compreendendo o conceito e a potencialidade da proposta. É tanto que num primeiro texto nas primeiras semanas de disciplina utilizei um conceito dicionarístico sobre narrativa, tal como apenas perspectiva ou ponto de vista.

Mas depois das leituras e ricos diálogos em sala de aula percebi que a narrativa autobiográfica vem de uma posição de narrador sobre si mesmo e que possibilita várias relações, tais como a de mim comigo mesmo enquanto penso e analiso

memórias, ou relações de mim com o outro enquanto este outro escuta e/ou participa de outro modo na minha narrativa.

Outro ponto que me chamou a atenção foi a aplicação do método de pesquisa narrativa para os trabalhos de pesquisa acadêmica na pós-graduação. Vários colegas professores falaram sobre as experiências com educandos e seus relatos. Sobre as narrativas de vários educadores em projetos pedagógicos formando textos para dissertações e teses. E me interessou a possibilidade de utilizar a narrativa autorizada de um pesquisado ou pesquisada para complementar um quadro experiencial sobre uma temática e fundamentar análises sobre o cotidiano das pessoas que tratam de determinado tema em suas vidas.

Ademais, em âmbito pessoal, a narrativa autobiográfica incentiva um senso de comunidade e empatia. Pois o leitor se coloca no lugar do outro a fim de compreender melhor a manifestação de pensamento trazida por um olhar próprio que não seja o seu. A empatia se dá na esfera da emoção. Em algumas vezes um ou outro dos alunos se emocionou ao trazer seus relatos e fez com que outros também vertessem lágrimas,

lágrimas de empatia. De se colocar no lugar de outro que estava narrando sobre um pouco de sua vida.

Diante destes pontos considerei a disciplina como uma forma de enxergar uma possibilidade de olhar sobre a pesquisa científica e de valorizar a experiência, a memória e as emoções humanas.

Quem sou eu?

Gabriel Spolaor

Chego cedo, estaciono o carro e logo subo uma grande rampa que dá acesso ao meu espaço de aula. Arrumo meus materiais, revejo o plano de aula do dia e sigo para buscar a turma na sala.

Andando pelos corredores já encontro alguns alunos. Alguns me cumprimentam com um aperto de mão, outros com um aceno com a cabeça e assim que me aproximo da sala que vou iniciar a aula, vejo algumas crianças olharem para o corredor à minha espera e entrarem gritando para os demais: Pessoal, o professor Gabriel chegou!!! O professor Gabriel chegou!!!

Quando eu entro na sala a turma num coro só grita: Eeee Educação Física!!!

As vezes fico na dúvida se o motivo da espera e tanto gosto pelas minhas aulas é porque eu sou um bom professor ou se é porque é aula de Educação Física... já tentei perguntar algumas vezes e as respostas se misturavam em muitos

sentidos... no fim, tanto faz, para eles e elas sou o Gabriel, professor de Educação Física...

O que é uma narrativa na Educação Física? ¹⁴

Cada conto aumenta um ponto da partida da aula de Educação Física. Aquela aula tão esperada que até o nome do professor se confunde com o nome da disciplina, lembram?

Pois bem, nesse contexto de vivências e aprendizagens, parece que corporeidade e narrativas também se misturam. Nas aulas, ao abrir espaço para que se façam presença, percebo que elas são fios de uma mesma rede, plural e instigante de se tatear, que nos constituem como corpos (Que somos? Que temos?) que estamos sendo em relação dialógica com os gestos e expressões de outros corpos (os nossos próprios, mas o de um mundo inteiro que podemos investigar) ... Meus/minhas alunos/as vem me mostrando com o passar dos anos que a corporeidade, nessa perspectiva, é um entrelace de sentidos, significados, experiências singulares e compartilhadas, que nos formam intersubjetivamente como humanidade.

¹⁴05/04/24

As narrativas, por sua vez, que no início do meu trabalho docente eram apenas uma metodologia de registro (escrito e diria, restrito...) das vivências, com o tempo passaram a se tornar o próprio modo de criação e tessitura de conhecimentos das turmas. Esse processo de deslocamento e ampliação do olhar para as narrativas só foi possível por causa das perguntas e descobertas deles/as, da escuta atenta que realizei das suas vozes... ou melhor dizendo em linguagem de Educação Física, dos seus gestos.

Ao pensar sobre isso, lembro de algumas situações marcantes...

No meu primeiro mês na escola, aula sobre esportes adaptados para deficientes visuais, caminhamos vendados por diferentes espaços. Experiência estranha para os/as alunos/as que encontravam na visão do mundo a principal referência para se movimentar. Depois, sentamos juntos no campo e começamos a contar uns para os outros sobre as nossas percepções, inquietudes... todos/as falando juntos/as... levou um tempo para começarmos a nos organizar como coletivo, falar e ouvir com calma. Essa intensidade de vozes é comum

depois de uma vivência, expressa o arrebatamento dos corpos nas propostas e talvez, seja uma das potências da nossa aula, quando eles/as se sentem com liberdade para falar de si e das experiências compartilhadas. O diálogo na roda fluiu, uma narrativa foi se conectando com a outra, mobilizando reconhecimentos e distanciamentos... alteridades que nos ajudaram a desvelar pontos de vista que antes estavam vendados. Juntos tecemos esteticamente uma relação entre gesto e palavra, narrativa e corporeidade. O erro talvez, foi a empolgação do professor de início de carreira que depois de se animar tanto com a boa aula que tinha acontecido decidiu passar uma tarefa de casa. "Mas tarefa de Educação Física???" Perguntaram os alunos... "Sim, gostaria que vocês escrevessem uma narrativa sobre a vivência de hoje!" Respondi animado... "Por quê escrever se já contamos aqui na roda???" Disse outra aluna... Minha intenção era construir um registro com fotos e textos do projeto, mas confesso que a pergunta me pegou forte na época e ainda hoje reverbera em minhas escolhas pedagógicas como professor.

Com o passar do tempo comecei a me aventurar junto com as turmas por outras linguagens, curiosos construímos outras descobertas e percebi que o corpo, suas expressões e experiências podem ser narradas de muitos modos, com textos sim, mas também com fotos, vídeos com imagens ou relatos orais, desenhos, poesias e sobretudo, com seus próprios gestos... opção não falta e cabe ao professor sentir e compor com qual delas faz mais sentido em cada momento do processo de investigação. Qual delas revela melhor o conhecimento que estamos tentando elaborar sobre o tema. O ato de narrar nesse sentido, levado na sua radicalidade corporal. No seu movimento entre o eu e o outro, entre vivência e memória... sentidos incorporados.

Em meio às negociações, entre o novo e o velho, a tradição e a singularidade tenho buscado ressignificar o lugar da Educação Física na escola, tecendo significações outras para essa disciplina que os/as alunos/as tanto gostam de vivenciar e que eu, professor Gabriel me re. conheço tanto ao atuar!

“PROXEXÔ”

Gustavo José de Santana

Que alegria escrever essa metanarrativa. Não tinha o hábito de revisitar meus escritos, como estou fazendo neste momento para compor este texto. Ah, na verdade foi essa disciplina que me proporcionou esse exercício de ler o que havia escrito, como na composição da atividade “O que é narrativa pra você?”, quando revisei minha narrativa sobre “Como me chamam” para compor a referida proposta.

É, então pelo que aprendi durante este semestre o que estou fazendo agora já é de fato um mix de narrativas que compõem quem eu sou. E numa dessas andanças de revisitação, me peguei reparando mais atentamente em como as pessoas me chamam, já no diálogo com as discussões teóricas da filosofia da linguagem de Bakhtin e Volóchinov.

Elegi a maneira mais “gostosa” de como me chamam e não teve pra ninguém, o “PROXEXÔ” da Joaquina* ganhou com certa folga (não vou mostrar esse texto pra minha esposa, porque ela vai ficar chateada comigo que o “Amorzinho” não foi eleito rsrs). Ela é uma menina de 4 anos e quando eu a

conheci no ano passado ela ainda ia fazer 3 anos. Joaquina não podia ver um brinquedo, uma pecinha, uma pedra e já ia colocando na boca... a atenção maior era quando íamos pra área externa da escola e ela se lambuzava toda de terra. Com certeza foi a criança que tive contato na escola que causou mais preocupação em engolir algo perigoso durante minhas aulas, então sempre estava de olho para não gerar nenhum tipo de acidente grave.

Ao longo do ano passado ela falou poucas palavras durante minhas aulas, mas uma palavra que logo saia de sua boca ao me ver era: “papai”. Achava engraçado, porque como não sou pai, ficava imaginando como seria essa relação caso tivesse um filho pequeno.

Na conversa com a professora referência da turma, havia uma certa preocupação, porque ela misturava as referências sociais (mãe, pai, avô), como os funcionários da escola. Então, a estimulamos para que pudesse pronunciar outros nomes, como professor e professora. No final do ano passado, ouvi o primeiro “PROXEXÔ” vindo da Joaquina. Lembro de ficar

muito feliz em ser chamado de Professor por ela, de um jeito tão único.

Esse “PROXEXÔ” foi evoluindo de tal maneira, que lembrei da narrativa do Gabriel sobre a alegria dos alunos quando sabiam que ele havia chegado na escola e a festa que faziam ao confirmarem que iam ter aula de Educação Física. Sua inquietação também é a minha (será que as crianças gostam de mim? de como sou como professor? ou só estão felizes por fazerem associações ‘positivas’ que as aulas deste componente curricular podem gerar?).

Ainda não tenho a resposta para essas inquietações, mas uma coisa que me chamou atenção ao longo deste ano, foi com a forma entusiasmada que a Joaquina passou a se referir a mim quando eu chegava na frente da sala de aula para buscar a turma: era uma tal de “o PROXEXÔ chegou, o PROXEXÔ chegou” tão empolgado que só foi aumentando com o passar do tempo.

Os motivos dessa empolgação podem ser vários, que no momento precisaria de mais reflexão para compreender quais são as suas “fontes”. Entretanto, eu só pude ter esse olhar

atento porque tive a oportunidade de estar matriculado na disciplina da pós-graduação “ED817A - Teorias Narrativas e Educação” e compartilhar os saberes com os colegas maravilhosos e os professores incríveis. É essa relação cuidadosa e dialógica com o ‘Outro’ que nos transforma constantemente e creio que uma das riquezas dessa oportunidade é conhecer um pouco sobre esses teóricos e ter uma explicação da riqueza sobre como nos relacionamos enquanto humanos e como nossas produções são potentes (vou sempre lembrar dos desenhos didáticos do Ruy pra exemplificar os conceitos da disciplina). Forte abraço!

Narrativa “como me chamam”?

Leandro Roberto Carneiro

Para tentar responder essa pergunta, iniciamos o estudo sobre teorias narrativas compondo um texto sobre “como me chamam”. Compartilhamos a leitura entre o grupo e refletimos sobre referências pessoais sobre a experiência narrativa. Após a leitura do texto “A palavra na vida e a palavra na poesia: para uma poética sociológica” de Valentin Volóchinov, nos aprofundamos nas reflexões e recebemos a tarefa para definir o que entendemos sobre narrativa trazendo elementos da nossa experiência de narrar e outras referências. Durante a aula lembrei de um trecho do livro “O cavaleiro inexistente” de Ítalo Calvino, que fala sobre a arte de escrever uma história. O livro tem um enredo em que uma freira recebe o desafio de escrever uma história e a narradora faz uma relação entre a vida e a narrativa, o real e o imaginário, a presença e a representação.

[...] tanto sobre o amor como sobre a guerra, direi de boa vontade aquilo que consigo imaginar: a arte de escrever histórias consiste em saber extrair daquele nada que se entendeu da vida todo o resto; mas, concluída a página, retoma-se a vida, e nos

damos conta de que aquilo que sabíamos é realmente nada. (Calvino, 2005, p. 53).

Compreendo essa história sobre a relação entre a realidade e a imaginação ou a arte poética. Um diálogo que não coloca a vida maior que a narrativa e nem a narrativa maior que a vida, são duas coisas importantes e que dialogam, conversam entre si, porque a narrativa é uma experiência de criação poética e que também nos ajuda a pensar e agir na realidade de maneira diferente. Digo isso porque me lembro do Manoel de Barros e como ele faz uma poesia como experiência de criação, trazendo elementos do brincar na infância, como no seu livro “Poeminha em língua de brincar”. Outro poema do mesmo autor é sobre o menino que carregava água na peneira porque se tornou poeta. “Esse menino vai ser um poeta e vai carregar água na peneira”. Conseguimos carregar água na peneira na narrativa poética, ter essa possibilidade de narrar histórias é um caminho para reinventar a vida e construir alternativas para viver.

Mas a referência que pensei em trazer é um texto do Freud, um livro de coletânea de textos sobre arte, literatura e os artistas. Um dos textos fala sobre a experiência do poeta e o

fantasiar. Ele fala sobre a criação poética e a potência criativa habitar todas as pessoas, especialmente as crianças. Infelizmente parece que perdemos essa vivência no desenrolar da vida e nos tornamos adultos, porém podemos tentar resistir a essa castração. Ele faz um paralelo entre o brincar como criação poética e o brincar como uma narrativa da criança, semelhante à perspectiva do Manoel de Barros sobre a experiência existencial da infância no mundo: do brincar da criança à narrativa poética de “memórias inventadas”. A poesia como uma infância perene que permanece na potência humana de inventar realidades ao viver experiências narrativas.

Não deveríamos procurar os primeiros indícios da atividade poética já nas crianças? A atividade que mais agrada e a mais intensa das crianças é o brincar. Talvez devêssemos dizer: toda criança brincando se comporta como um poeta, na medida em que ela cria o seu próprio mundo, melhor dizendo, transpõe as coisas do seu mundo para uma nova ordem, que lhe agrada. Seria então injusto pensar que a criança não leva a sério esse mundo; ao contrário, ela leva muito a sério suas brincadeiras, mobilizando para isso grande quantidade de

afeto. O oposto da brincadeira não é a seriedade, mas a realidade. A criança diferencia enfaticamente seu mundo de brincadeira da realidade, apesar de toda a distribuição de afeto, e empresta, com prazer, seus objetos imaginários e relacionamentos às coisas concretas e visíveis do mundo real. Não é outra coisa do que este empréstimo que ainda diferencia o “brincar” da criança do “fantasiar”. (Freud, 2021, p.54)

Entendo que ele fala sobre o jogo simbólico, o brincar da criança e a relação do real, a experiência das crianças no mundo, simbolizar o real com o brincar. Escolhi esse texto da psicanálise para falar da narrativa, da criação e da fantasia, porque na experiência psicanalítica nós narramos as nossas histórias para o terapeuta e para nós mesmos e é importante saber que essa história que contamos é uma narrativa cheia de fantasias, traumas, de materiais do inconsciente que levamos para o encontro durante a sessão. Nós narramos na psicanálise e colocamos fantasias e representações do que sentimos da nossa experiência no mundo e o terapeuta nos ajuda a se relacionar com essa arte que é “imanentemente social” (Volóchinov, 2019, p.113).

(...) a palavra na vida não é autossuficiente. Ela surge da situação cotidiana extraverbal e mantém uma relação muito estreita com ela. Mais do que isso, a palavra é completada diretamente pela própria vida e não pode ser separada dela sem que o seu sentido seja perdido. (Volóchinov, 2019, p.117)

Estou em um momento da terapia que tenho trazido a narrativa do abandono na infância de traumas muitos fortes que vivi quando era uma criança pequena e eu fantasio essas experiências e no inconsciente aconteceu, mas quando racionalizo compreendo que não foi a realidade, mas existe uma marca subjetiva tão forte que deixa triste e nos derruba. Escavar essas narrativas ajuda a compreender o que aconteceu para ressignificar e seguir adiante. É tão forte esse sentimento que determinam muitas escolhas na minha vida, o sentimento de abandono me fez escrever um projeto de pesquisa para investigar as crianças que estão vivendo experiências de privação de afeto, cuidado e carinho na família. Como as crianças estão respondendo a esses traumas no Centro de Educação Infantil, no brincar, nas relações com as outras crianças e de transferência com os adultos, as narrativas que são

escritas a partir dessas interações no sujeito gestor da creche, nas professoras, nas crianças e suas famílias e toda rede intersetorial de cuidado e proteção da infância.

Essa escolha passa pela minha vida, a minha narrativa, a maneira como eu me vejo no mundo. Possivelmente as referências podem mudar durante os estudos sobre as teorias narrativas. Hoje trouxe a relação da narrativa com a vida, como criação e intervenção no mundo, podemos inventar histórias para contar e reinventar nossas formas de viver e a psicanálise explora a experiência narrativa sobre a nossa vida e a relação com o mundo. Compreendi que o texto de Volóchinov corrobora para essa compreensão ao afirmar que a palavra é um acontecimento social, o autor explica que a narrativa é uma espécie de roteiro de um acontecimento. “O poeta escolhe as palavras não no dicionário, mas do contexto da vida, onde elas se segmentaram e se impregnam de avaliações.” (Volóchinov, 2019, p. 131).

Narrativa: nós, os outros, eu e o mundo em palavras

Leiliane Oliveira Reimberg

RESUMO: Este texto traz uma reflexão pessoal sobre o que é narrativa. Para tanto, embasa-se nas vivências da autora e no texto *A palavra na vida e a palavra na poesia*: para uma poética sociológica, de Valentin Volóchinov, e Bakhtin, a partir da obra *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento*: o contexto de François Rabelais, capítulo 2, “O Vocabulário da Praça Pública na Obra de Rabelais”, em diálogo com a narrativa de “como me chamam”, exercício realizado em sala de aula.

Palavras-chave: Narrativa. História. Vida. Poética.

A palavra na narrativa caminha ao lado de acontecimentos, tais quais citaremos como narrativa e, para mais direcionar esta reflexão, abordaremos a narrativa das histórias vividas. A narrativa põe sua vida em palavras e se você não vive, você não tem o que contar, pois não terá o conhecimento narrativo de sua própria história.

Há necessidade de se criar sua própria história como uma condição humana para se viver e, conseqüentemente, narrar seus acontecimentos, através da palavra, seja ela verbal ou por meio de gestos ou entonações. A forma desta narrativa é particular, intrínseca ao seu emissor, ao modo que irá envolver as partes, ou seja, o receptor, dessa forma a arte emergirá da comunicação.

Assim, a comunicação poderá ser cultural, aquele que conta sua história poderá estar envolvido através dos acontecimentos locais e sociais, dessa forma o seu entendimento poderá ser observado dentro daquela subjetividade social, em consonância com Volóchinov, como um fenômeno da comunicação cultural.

O autor supracitado menciona em seu ensaio que: “a palavra na vida não é autossuficiente. A palavra surge da situação cotidiana extraverbal e mantém uma relação muito estreita com a vida. Mais do que isso, a palavra é completada pela própria vida e não pode ser separada dela sem que o seu sentido seja perdido”. Ao pensar em narrativa de vida,

expressamos nossas experiências e exteriorizamos nossas emoções, conforme revivemos as narrações.

O leitor que aprecia esta narrativa julga pelo ato de ler e tem suas impressões pelas leituras analisadas mesmo se distante da história e, caso tenha vivido algo semelhante, atribui características pessoais daquilo que viveu. Como mencionado no texto refletido de Valentin Volóchinov, o leitor poderá trazer avaliações aos enunciados cotidianos: “é mentira”, “é verdade”, “é corajoso”. Considera também falas e pensamentos dos interlocutores que se identificam como “sei do que está falando”, “sei como se sente”, como se fosse desta parte que se ouve a narrativa daquele que o conta, atribuindo valores e sentimentos, através da subjetividade individual.

Volóchinov acrescenta:

[...] todo enunciado cotidiano é um entimema objetivo social. É como se fosse uma “senha”, conhecida apenas por aqueles que pertencem ao mesmo horizonte social. A particularidade dos enunciados da vida consiste justamente no fato de que eles estão entrelaçados por mil fios ao contexto extraverbal da vida e, ao serem isolados dele, perdem praticamente por completo o seu sentido: quem não conhece o seu

contexto da vida mais próximo não irá entendê-los. (Volóchinov, 1895-1936, p. 121)

Ao expressar a identidade narrativa, destaco a presença da entonação, a forma que o indivíduo contará sua própria narrativa é a palavra entrando em contato direto com a vida e com aqueles que compartilham deste momento, seja da escuta ou da leitura. Se dito pela fala com a entonação explícita torna-se sensível ao entendimento dos envolvidos, se por meio da leitura a entonação da escrita necessita de detalhes para que o leitor se aproxime do tom expressado, é a construção do enunciado de sua subjetividade individual e social. Como caracteriza Valentin Volóchinov (1895-1936), o indivíduo ocupará uma posição social presente a valores, dirigidos pela sua própria existência social ao entonar e gesticular sua própria narração.

Enquanto houver indivíduo, haverá narrativa e a identidade de narrativa, a forma como será expressa é variada e será sustentada pela linguagem estruturada daquele que o detém. A narrativa poderá ser falada, escrita, entonada, gesticulada ou uma mistura de tudo, e se dita pela sua própria vida narrada poderá ser até cantada, roteirizada, imaginada ou

poetizada. A narrativa é diversa e metamorfoseada ao depender de onde ela for narrada ou para quem ela for contada e permite ao narrador expor o seu modo de viver, sentir e pensar e no caso da identidade narrada, expõe sua autenticidade e subjetividade individual mesclada com a social. Menciono um trecho lido no ensaio estudado de Volóchinov, que elucida sobre a palavra na vida e na poesia e me direciona à narrativa reflexiva:

[...] na poesia, a palavra também é o “roteiro” do acontecimento, pois a percepção artística competente o interpreta, ao adivinhar com precisão nas palavras e formas da sua organização as inter-relações vivas e específicas do autor com o mundo representado por ele, e ao entrar nessas inter-relações como o terceiro participante, o ouvinte. Lá onde a análise linguística vê somente as palavras e as inter-relações entre os seus aspectos abstratos (fonéticos, morfológicos, sintáticos etc.), a percepção artística viva e a análise sociológica concreta revelam as relações entre as pessoas, que são somente refletidas e fixadas no material da palavra. A palavra é um esqueleto, que ganha carne viva somente no processo da percepção criativa e, por conseguinte, somente no

processo da comunicação social viva.
(Volóchinov, 2019, p. 134, 135)

A narrativa pode ser uma construção de significados expostos pelo indivíduo, que a detém. Expressado pelo conteúdo determinado pela forma, enunciado e acontecimentos cotidianos, digo que esta narrativa de vida está atrelada à cultura e às experiências vividas. Eu, a autora deste texto exponho minha narrativa que construo pelas palavras, a fim de aproximar o que sou pelo significado que tenho de mim mesma, portanto eu sou a família que me criou, o lugar em que nasci, as escolas em que me formei, os amigos que cultivei, o lugar em que moro, as viagens que fiz. Sou a junção de pedaços que podem ser verbalizados a partir de recortes que formam a narrativa de quem fui, de quem sou e de quem me tornarei. E você leitor quem é?

Dessa forma, quero dizer que ir ao encontro à narrativa é deixar os pré-conceitos à margem do juízo estabelecido e tentar se afastar dos julgamentos rotulados inconscientemente e pensar numa narrativa transgênero. Enquanto pesquisadora reflito sobre a possibilidade de entender o que é narrativa para aquele que prende minha atenção, aquele que me aproxima de

sua narração e me conduz para o conhecimento e à metanarrativa.

Volóchinov nos diz que:

o estilo do poeta não nasce do estilo do seu discurso interior incontrollável, este último é o produto de toda a sua vida social. “O estilo é o homem”, mas podemos falar que o estilo é, pelo menos, dois homens, mais precisamente, o homem e o seu grupo social na pessoa do seu representante autorizado, ou seja, o ouvinte que é um participante constante do discurso interior e exterior do homem”. (Volóchinov, 2019, p. 142-143)

Assim, trago a reflexão sobre o que é narrativa junto a metanarrativa, se ambas estão descrevendo uma história, qual será o sentido para você leitor? Qual o envolvimento do ouvinte ou leitor que prende sua atenção nas histórias narradas e a própria compreensão do narrado? E quanto à aproximação do pesquisador ou pesquisadora com a narração do seu entrevistado ou entrevistada? Nesse momento há a narração através da escrita, trata-se de um processo narrativo quanto a própria definição e produção da narrativa viva.

Aqui podemos destacar mais uma vez que sempre temos em vista o ouvinte tomado como um participante imanente do

acontecimento literário, a definir de dentro a forma da obra. Esse ouvinte, junto com o autor e o personagem, é um aspecto necessário e interior da obra e nunca coincide com o assim chamado “público”, que se encontra fora dela, e cujos gostos e exigências artísticos podem ser conscientemente considerados. A consideração consciente não é capaz de definir de modo imediato e profundo a forma literária no processo de sua criação viva. (Volóchinov, 2019, p. 134, 135)

A narração é uma forma de expressão, é a arte de se expressar na materialidade do texto oferecido a outrem para conhecimento. É a fofoca dos bastidores quando escrito ou dito na interpretação das experiências, permitindo-nos transformar a narrativa em vida, através de expressões, entonações, formas e conteúdo. Impulsiona-me a compreensão e conhecimento da palavra narrada pelo autor com o ato de escrever ou falar, que me envolve nas emoções e na curiosidade do que virá nessa dança do se expressar, que vai pra lá e vem pra cá conforme o ritmo que se dá.

A narrativa é o sujeito presente na expressão, seja autor, autora, narrador, narradora, ouvinte, leitor, leitora,

personagem, interlocutor, interlocutora, locutor, locutora. É a representação textual ou oral do que se almeja atingir subjetivamente. A narrativa é a narratologia que nos envolve enquanto sujeitos e que nos encaminha ao entendimento de acontecimentos históricos sociais e individuais.

Temos a narrativa na academia, no transporte público, nos passeios ao caminhar, no mercado, no âmbito pessoal e profissional, há sua presença no narrar ou escutar, sendo inerente ao ser humano. Quando ouvimos o outro, também construímos a narrativa daquilo que é falado.

Reflico neste texto sobre a narrativa como modalidade de crítica social, trazendo aqueles que são marginalizados e oprimidos, em histórias indiretas narradas. Volóchinov nos faz refletir sobre:

a estrutura internamente social, a criação literária é aberta de todos os seus lados às influências sociais dos outros campos da vida. As outras esferas ideológicas, principalmente a ordem sociopolítica, e, finalmente, a economia, determinam a poesia não somente de fora, mas apoiando-se nesses seus elementos estruturais interiores. E vice-versa: a interação artística entre o criador, o ouvinte e o personagem

pode exercer sua influência em
outros campos da comunicação
social. (Volóchinov, 2019, p. 144)

Respeitar a narrativa pelo outro dita é entender que há a presença da autenticidade no acontecimento narrado, é a produção de conhecimentos a várias partes. É ter empatia e entender que a história não é sua propriedade, quando narrada por outro, e ter ouvidos sensíveis das experiências narradas, que nos proporcionam novos olhares, através de diálogos e reflexões.

São tantas narrativas que ouço pelas andanças da vida e busco respeitar. Vejo-me imersa na reflexão de quais são as minhas narrativas e, nesta de pensar e repensar, cito então que possuo várias narrações dentre elas, de como me chamam, entre tantos apelidos e nomes, narro então neste momento que sou a autora deste texto, ora, então me chamam de autora, aqui sim, lá não. Onde será o lá? Dependerá de onde eu estiver. A vida é um grande narrar com denominações e sensações. E nesta de narrar sobre mim e me colocar neste texto, o professor e a professora me intimaram: “você precisa se colocar no texto”. E por isso precisei trazer este texto para a primeira pessoa, no

caso eu mesma. Me coloco aqui ao narrar, mas qual história publicar? A minha? Mas são tantas histórias, e como escolher estas tantas? Nesta de narrar, continuo a escrever sobre mim e converso com você, isso mesmo, você leitor, mas não é Brás Cubas quem narra, porque ainda estou viva, quem convosco narra, sou eu, a autora Leiliane, Leili, Lili, Lilica, Cenourão, chilena, seja como você quiser definir, ou melhor, me chamar, por favor, me chame, *se vou te atender?* Ah, *sim*. Me chame a atenção para eu começar a narrar, prosear, enquanto isso proseio aqui sobre mim, pois me falaram (narraram) que o objetivo é me colocar no texto, não pude escapar, dessa forma vamos narrar sobre esta pessoa que se expressa, eu.

Eu sou a metamorfose do meu próprio nome, pois cada lugar que passo, a cada história que construo tenho um nome ou apelido para me chamarem e assim aceito-os e vou vivendo dentro do meu próprio contexto que construo nas particularidades da vida entre passado e presente, o futuro muitas vezes se manifesta em forma de ansiedade em mim e faz as histórias imaginadas se tornarem enfáticas, fantasiosas e medonhas.

Se há forma boa de narrar, é por meio do expressar que nos leva ao conhecimento do outro e de nós mesmos, neste caso, o conhecimento será um pouco sobre mim, através de uma forma tímida e oculta, se sou tímida? Digo que sim, mas as pessoas que me conhecem dizem que não, só porque sou expansiva. Podemos ser tímidos e expansivos.

Nesta que eu pedi para você me chamar aqui no texto, o leitor pode indagar, ora, como você irá me ouvir? Eu respondo leitor, te ouvirei pelos teus olhos e darei abertura à minha imaginação.

A beleza da narrativa escrita para mim é o olhar do leitor. Olhos atentos ou dispersos, olhos profundos ou rasos, olhos da alma. Na disciplina teorias narrativas e educação, pude observar os olhares dos colegas, só não pude me atentar tanto nestes olhares quando li sobre este texto, mas confesso que tentei e assim naveguei em meus pensamentos e com as vozes da minha cabeça de como os colegas me viam ou gostariam de me chamar, foi aí que um dia na sala de aula, uma colega olhou para mim e disse que me conhecia como a menina do lado de lá, neste dia, eu não senti do lado direito de

frente para o professor, sentei do lado esquerdo e pude ouvir sobre mim como a menina do lado de lá, esta foi novidade para mim.

Como é bom narrar, bom pra mim é narrar sobre os outros, literatura ou qualquer coisa, confesso que não gosto de narrar sobre mim, como posso fazer da minha narrativa interessante para você que dispõe do tempo em ler?

Vou tentar furtar seu tempo, por meio do encantamento, a fim de te envolver nesta dança das palavras, por isso, peço gentilmente ao leitor e a leitora para se colocarem no meu texto, através de suas histórias. Tente se reconhecer no meu eu se envolvendo nas minhas histórias narradas como se você as vivesse ou de repente se reconheça em algum detalhe ou história semelhante que tenha vivido.

Ainda sobre como me chamam, em um momento da minha vida, me chamavam de apelidos ofensivos, na época não existia o bullying, era uma festa de horror de nomes pejorativos, estigmatizados e perturbadores.

Me chamavam por Magrela e Olívia Palito num tom agressivo e falavam do meu corpo ao pegarem partes e

hostilizarem, me sentia como não pertencente daquele lugar. Aquelas pessoas falavam que eu era magra demais e feia, assim como falavam de outras partes do meu corpo, expondo-o como aberração.

Me chamavam também de bruxa e me colocavam num lugar de exclusão com tons de deboches e ataques. Eu tinha apenas 11 anos.

Era um dia comum como outro da manhã na escola pública que eu frequentava, na periferia de São Paulo, mais precisamente no extremo sul da cidade, no Grajaú. Eu estava na sala de aula, sentada na mesa da professora com os pés balançando pra lá e pra cá, sozinha, lembro que chegou uma menina na minha frente, com olhar que expressava raiva e lascou um tapa na minha testa e perguntou: o que você tanto me olha, num tom alto, logo já fizeram uma roda em torno de mim e aos gritos diziam: “briga, briga, briga”. As lágrimas corriam pelo meu rosto, e o medo me abraçava, uma outra menina me puxou e gritava: “deixem ela, vem por aqui”, eu fui e ficamos amigas durante o restante do ensino fundamental até o ensino médio, chamado na época de colegial. Eis a narrativa

dolorida, essa lembrança me remeteu ao chamamento, de bruxa, era na mesma época, fui a escolhida para sofrer a perseguição e ser a distração daquelas pessoas nos momentos de hostilização. Hoje outras pessoas me chamam por bruxa, se dói? Não, fico feliz, é um outro momento, outra história. Bruxa virou um jeito amigável de tratamento entre amigas. Ressignifiquei aquilo que usavam para me ofender quando criança.

As narrações vão tomando sentido conforme se vive, neste caminho, quero narrar um tema abordado em aula em que Bakhtin, a partir da obra **A cultura popular na Idade Média e no Renascimento**: o contexto de François Rabelais que nos apresenta no capítulo 2, “O Vocabulário da Praça Pública na Obra de Rabelais”. Muito se falou das imagens verbais e as gesticulações que integravam o jogo carnavalesco: “o drama cômico que engloba ao mesmo tempo a morte do mundo antigo e o nascimento do novo”. A praça pública é o local, e o vocabulário é o meio pelo qual ocorre o “rebaixamento” material-corporal de todas as coisas, num ciclo de renovação – morre na terra e renasce da terra.

Todas essas características da cultura popular da Idade Média e do Renascimento, que vão convergir com a mediação de François Rabelais, estão permeadas pelo princípio da vida material e corporal, ou seja, ocorre um rebaixamento para o plano material e corporal de todas as coisas, esse fenômeno estético Bakhtin denomina de realismo grotesco.

A leitura nos envolveu com a presença de elementos do realismo grotesco, intrínseco à narrativa e nos deparamos com dejetos e excrementos narrados pela escrita vulgar e importante.

Na leitura sobre **A cultura popular na Idade Média e no Renascimento**: o contexto de François Rabelais, reflito sobre a corporeidade da qual apresenta Bakhtin, a partir das narrativas da intercorporeidade nas festas carnavalescas. O corpo além da sua própria estrutura individual e que transcenda seu próprio corpo ou outros corpos narrados, corpos plurais, corpos trans, corpos da resistência, o corpo grotesco dentro do realismo de Bakhtin se tornando linguagem subversiva nas manifestações na praça pública.

Ora, se eu tivesse me expressado anos atrás, nos meus 11 anos, ao narrar meus sentimentos, num realismo grotesco no campo da escola (“praça pública”) e me converter no mundo grotesco daquelas pessoas, não por meio da violência revestida nos dejetos da sociedade que julga com olhos explosivos e urinados do dia a dia, mas por meio da transcendência e da voz dos oprimidos, seria transgredir a ordem social e normatividade.

Nesta ótica de sobrepor as regras da sociedade ou o papel social, destaco uma das características do realismo grotesco, o ato da inversão social, no sentido de naturalizar o que não é comum e transgredir as ações.

Nesta de transgredir, revolucionar, recordei-me na leitura da festa popular uma lembrança, por volta dos meus 20 anos de idade, eu e minha amiga na graduação nos expressamos: “Prefiro ser uma bosta do que uma merda, pois a bosta pelo menos serve para alguma coisa, adubar, já a merda não serve para merda nenhuma”, gargalhamos e seguimos na aula de filosofia jurídica nos vendo como bostas felizes e adubando nossas narrativas por meio das nossas histórias de

vida, saímos da leitura jurídica que era colocada com um ar de superioridade, só faltou a gente se vestir de cocô como uma forma de renascer e nos libertar das aulas enfadonhas e normativas, seria uma festa carnavalesca certamente (risos).

Eu já não era a menina “feia” que sofria bullying. Continuava magra, mas isso virou sinônimo de beleza. Fazia curso de Direito, tinha vários amigos e me dividia entre o estudo, estágio e festas. A formação nesta área guiou a minha trajetória profissional, a maior parte dela, por 10 anos, foi vivenciada em um hospital de médio porte, onde atuei principalmente na área jurídica e em compliance. Como gostava de estudar, fiz algumas especializações e fui criando coragem para fazer uma nova graduação, Psicologia. Depois dos 30 anos, fui me reinventando e me descobrindo. No ano passado passei a dar aulas em um curso de pós-graduação e, neste ano, entrei no Mestrado em Educação da Unicamp. As pessoas trans são meu sujeito de pesquisa e busco estudar as violências no trabalho que elas sofrem. Acredito que suas narrativas importam e quero tornar visível seus sofrimentos, dando

subsídios para a sociedade ser transformada, ouvindo suas narrativas e problematizando o nosso mundo.

Por fim, digo que a narrativa é uma manifestação de vida, é o um ato de resistir e existir. Se a narrativa é fiel a sua própria expressão, a história narrada poderá refletir fantasias ou ilusões, que podem ser não reais, porém vividas de alguma maneira. E se dita como narrativa de vida, quem poderá contrapor sua própria história vivida e sentida? Isso me permite pensar na complexidade da narrativa e analisar as formas que foram expressas, junto com suas variações de emoções, entonações, enunciados e composição semântica. Em suma, a narrativa é a fenomenologia dos acontecimentos, é trazer ao público o que sabemos de nós e do próprio mundo. É o indivíduo enquanto ser no mundo e em sua subjetividade existencial, possibilitado de lidar com os demais indivíduos, por meio de sua própria narração de vida e interação social.

Sobre narrativas, teias e incertezas

Luciene Alves Peccin

Certa de que pouco sei sobre as narrativas, sigo tentando narrar, incentivada pela professora Liana no decorrer das aulas, quando nos aconselha sabiamente: “escrevam, coloquem no papel”. E assim como aprendiz, vou me arriscando, percorrendo minhas incertezas, minhas teimosias e tentando me encher desta coragem de escrever ou narrar.

A única certeza que tenho neste momento é que alguma coisa terá mudado em mim ao terminar esta narrativa, ou não? Talvez? Será que é isso mesmo? Ou ainda, como nos alerta de maneira provocativa o professor Guilherme quando nos diz: “depende”, diante das aproximações ou desvios que eu e meus colegas traçamos durante nossas discussões em aula.

Por hora, vou optar por seguir aqui com as incertezas, acho que é uma excelente escolha para este momento, afinal sigo procurando os fios que deram início a “teia” que me trouxe até aqui, penso que foi a pergunta lançada: “O que são narrativas?”

Confesso que continuo sem saber, penso que talvez seja essa tentativa de ousar e me permitir vivenciar os diferentes momentos que me acontecem, ou então me arrisco pensar que as narrativas são esses fios que se entrelaçam à medida que enredos são apresentados pelo eu-outro, na tentativa de compreender que há uma conexão entre o eu” e o “outro”, em que o sentido se pauta no sujeito e na palavra, através dos diálogos que se estabelecem de maneira assimétrica. Talvez os fios dessa teia sejam capazes de aproximar ou nos afastar daquilo que conversa ou não com nossos sentimentos, percepções e sentidos múltiplos que buscamos na tentativa de tecer o que chamamos de vida. Sobre a perspectiva do eu-outro Bakhtin diz que “Eu vivo em um mundo de palavras do outro. E toda a minha vida é uma orientação nesse mundo; é reação às palavras do outro [...]” (Bakhtin, 2017, p.38).

Tenho pensado muito sobre o “poder” das palavras, tenho observado mais cuidadosamente a potência criativa que há nelas, algumas vezes me sinto tocada, outras me sinto provocada pelos diferentes modos de narrar de meus colegas, talvez as palavras evoquem o desprendimento necessário para

narrar em praça pública e permitem a potência de ser, sentir e olhar a vida por diferentes perspectivas. Volóchinov (2019) ao apresentar possibilidades para pensar a palavra e a vida, destaca que a palavra na vida não é autossuficiente, mas que a palavra é completada pela própria vida. Então, talvez narrar possa ser essa tentativa de tecer teias e sentidos no emaranhado da vida.

Lembrei-me de um outro fio na tentativa de pensar sobre as narrativas, quando Bakhtin descreve as funções das formas e fenômenos do grotesco carnavalesco, sobre a obra de Rabelais, ele destaca alguns pontos que ousou dizer que consigo observar na potência narrativa de meus colegas:

[...] ilumina a ousadia da invenção, permite associar elementos heterogêneos, aproximar o que está distante, ajuda a libertar-se do ponto de vista dominante sobre o mundo, de todas as convenções e elementos banais e habituais, comumente admitidos; permite olhar o universo com novos olhos, compreender até que ponto é relativo tudo que existe, e, portanto, permite compreender a possibilidade de uma ordem totalmente diferente do mundo (Bakhtin, 2013, p.30).

Talvez possa dizer que somos todos um tanto grotescos quando narramos, ou nos aproximamos disso em alguns momentos, que narrar está presente como manifestação da cultura popular.

Quando penso na teia e nos significados que ela é capaz de suscitar, torna-se praticamente impossível não pensar na teia da aranha, que se constitui em uma armadilha para caçar pequenos insetos e o quão tênue é a linha que se cruza entre ser o um meio de sobrevivência da aranha para se alimentar, ao mesmo tempo em que é o fim da vida para pequenos insetos. Será que essa mesma ideia poderia ser concebida ao pensar que narrar é alimentar a vida ao mesmo tempo em que é preciso lutar para resistir às tramas que nos atravessam?

Também posso pensar na teia como uma reunião de ações encadeadas, com uma sequência ou rede de acontecimentos. E neste caso as narrativas seriam um modo de agir sobre o que se vive? Não sei, mas lembrei neste momento de Paulo Freire, em **Pedagogia do Oprimido**, quando diz que: “Não é no silêncio que os homens se fazem, mas na palavra, no trabalho, na ação-reflexão” (Freire, 2005, p.78). Talvez pensar a

narrativa como possibilidade de ação que desencadeia a reflexão possa fazer algum certo sentido.

Há um outro significado que me parece interessante para pensar as teias, quando são entendidas como objeto de estrutura espacial, ou seja, entendida como parte que nas igrejas e tribunais, é usada para dividir, separar os fiéis ou espectadores. Como pode ao mesmo tempo que se entrelaçam as teias promoverem a separação? Me faz pensar que existem narrativas que podem contribuir para reafirmar a divisão de papéis sociais, promover relações hierárquicas, delimitar o poder e ampliar as desigualdades.

Sinto que caminho ainda mais nas incertezas, criando tentativas de narrar e de talvez nutrir alguns fios, nessas tramas incertas em que me encontro.

E para além das teias, faz algum sentido ir à Grécia e resgatar uma deusa titã, Theia, uma divindade feminina da mitologia grega, filha de Urano (o céu) e Gaia (a terra). Ela era conhecida como a deusa da visão divina, da luz brilhante e do brilho celestial, seu papel era personificar a luz divina e a visão clara, trazendo iluminação e sabedoria aos deuses e mortais.

Theia me faz retomar a ideia de Bakhtin sobre iluminar a ousadia da invenção. Quem sabe Theia possa iluminar as teias, os fios, os enredos, e as ações-reflexão nos modos de seguir tentando escrever e narrar em praça pública.

Serei eu mesma? Espero que não, ou talvez em partes sim...depende...

A insustentável leveza do ser. Uma Jornada de nomes e laços afetivos

Márcia Alves Guimarães

Como me chamam? Essa pergunta ecoa em minha mente, trazendo à tona não apenas um nome, mas uma história repleta de experiências, desafios e triunfos. Permite-me compartilhar minha jornada de vida e saúde, uma narrativa que transcende as limitações do tempo e do espaço. Escrevo no tempo que leio o clássico de Milan Kundera.

Nomes! Tudo na vida tem um nome. Eles nos conectam com nossa história. Nesse tempo reflito no que vivi e como fui marcada por uma série de eventos que moldaram quem me tornei. Cresci em meio a uma família amorosa, onde os valores de resiliência, determinação e compaixão foram incutidos em mim desde cedo. Meu nome, uma peça fundamental da minha identidade, é mais do que uma simples etiqueta; é um reflexo das minhas origens, das minhas raízes profundas que se estendem ao longo do tempo. Foi escolhido por meu pai.

A doce melodia dos nomes. Inicialmente, ecoavam os afetuosos chamados de "Marcinha", uma expressão de carinho

entoadada pelos braços acolhedores dos meus amados avós maternos. Cada vez que ouvia esse nome, sentia-me enraizada em minha linhagem, conectada às raízes que moldaram minha essência. A forma como sou chamada evoca memórias e vínculos afetivos. A entonação carrega e provoca em mim significados, afetos, emoções, intenções. Sou chamada por diferentes nomes, cada um, pedaço da minha história, uma teia de experiências entrelaçadas.

O nome "Márcia", escolhido com amor por meu pai, trazia consigo um significado mais profundo. Derivado do latim "Martius", ele representa coragem e determinação, refletindo não apenas uma identidade, mas também as esperanças e sonhos depositados em mim por meu pai.

A Doçura de um Apelido Especial: Japonesa. Dentro do emaranhado de nomes que compõem minha história, há um apelido especial que se destaca: "Japonesa". Esse termo, carinhosamente atribuído por um tio especial que também é meu padrinho, ecoa em meu coração até os dias de hoje, mesmo que a pequena que um dia fui tenha crescido.

Ao longo do tempo, esses nomes se entrelaçaram, criando uma teia de significados e memórias que moldaram minha jornada. Mas foi quando fui chamada de "mamãe" que descobri uma nova dimensão da minha identidade. Que bela adição à minha história. Esse título, carregado de amor e responsabilidade, trouxe à tona uma conexão profunda com minha essência materna. Cada vez que minha filha me chama de "mamãe", sinto-me envolvida por um manto de afeto e propósito, lembrando-me do poder transformador do amor e da maternidade.

Assim, essa jornada de nomes e laços afetivos revelou-se não apenas uma questão de identidade, mas também uma celebração dos vínculos familiares que moldaram quem sou. Dos suaves chamados de "Marcinha" aos poderosos laços de amor expressos em "mamãe", cada nome e cada vínculo me lembram da beleza e da profundidade das conexões humanas. E diante de história assim surge o conceito de Polifonia: está relacionado ao dialogismo e destaca a multiplicidade de vozes e pontos de vista que coexistem em qualquer texto literário ou discurso. Bakhtin argumentava que os textos são compostos por

uma variedade de vozes sociais, culturais e ideológicas que se entrelaçam e interagem de maneiras complexas.

E é assim escrever o que tenho vivido ao longo dos anos: vivi e experimentei e amadureci. Cada obstáculo foi uma oportunidade de crescimento, um capítulo adicional na história da minha vida. Lembro-me dos momentos de felicidade radiante, mas também das sombras da dor e da perda que cruzaram meu caminho. No entanto, em meio a todas as adversidades, sempre encontrei força para seguir em frente, para perseverar.

A questão da saúde sempre esteve entrelaçada com minha existência. Minha mãe se formou médica eu já estava entrando na faculdade. Não apenas como um aspecto físico, mas como uma teia complexa que envolve minha mente, meu espírito e minha conexão com o mundo ao meu redor. E assim escolhi profissionalmente cuidar de pessoas na promoção da saúde.

Daí vieram outros modos de ser chamada: Doutora, Dentista, Professora. Os encontros com pessoas se tornaram momentos de reflexão e conexão, onde minhas histórias de vida

se entrelaçam com minhas preocupações de saúde e com suas histórias de vida e necessidades de saúde. Cada palavra escolhida, cada pausa na narrativa, revela não apenas os sintomas físicos, mas também as emoções, os traumas e as esperanças que residem dentro de mim. À medida que avanço nesta jornada, meu objetivo é não apenas sobreviver, mas viver intensamente! Percebendo as estratégias para compreender as relações estabelecidas entre acontecimentos da vida e as questões de saúde, acessar os sentidos e significados atribuídos ao adoecimento pelo paciente.

E é assim, narrativa como uma forma de comunicação que relata uma sequência de eventos ou experiências, geralmente apresentada em forma de história. Ela pode ser transmitida através de diversos meios, como texto escrito, oralidade, imagens, música, filmes, entre outros. Uma narrativa geralmente inclui elementos como personagens, enredo (ou sequência de eventos), ambiente ou cenário, e uma mensagem ou tema subjacente. As narrativas têm o poder de cativar, entreter, informar e emocionar o público. Elas podem ser ficcionais ou baseadas em fatos, e podem ser contadas de várias

perspectivas, dependendo do narrador. Além disso, as narrativas desempenham um papel importante na transmissão de valores culturais, na preservação da história e na construção de identidades individuais e coletivas. Em resumo, uma narrativa é uma maneira poderosa e versátil de compartilhar histórias, experiências e ideias, conectando as pessoas por meio da arte da contação de histórias.

Narrativas nos convidam a sonhar, uma boa prosa a explorar, a sentir, a ser, a nos encantar. É como se as palavras ganhassem vida própria, nos transportando para terras distantes e nos envolvendo em tramas emocionantes. Perceber, nos encontros, como o sujeito conta sua história de vida: as palavras escolhidas, o modo como se refere a si mesmo e aos grupos/coletivos de que faz parte, as rupturas no fio narrativo que podem expressar sofrimento, mas também alegria.

E aqui cabe incluir a produção de narrativas de histórias de minha vida, destacando como me chamam, lembrando não apenas os desafios enfrentados, mas também os triunfos e as lições aprendidas ao longo do processo de envelhecimento. Pensar nisso de narrativa me leva para tantas leituras que já fiz.

Gosto tanto de falar e escrever e estou também pensando em saber me calar e ouvir. Revisitei Ruben Alves falando sobre a escutaria. Volóchinov nos convida a repensar a natureza da linguagem, destacando sua dimensão social e ideológica. Em suas teorias, ele argumenta que as palavras não são estáticas, mas sim fluidas e moldadas pelo contexto social e histórico em que são utilizadas. Essas narrativas são fundamentais para promover uma compreensão mais completa e empática da velhice, permitindo que as eu reveja minhas experiências de forma autêntica e significativa.

Além disso, busco explorar questões de saúde relacionadas ao envelhecimento de maneira abrangente e inclusiva. Isso envolve não apenas abordar as doenças e condições médicas comuns nessa fase da vida, mas também examinar as dimensões emocionais, sociais e espirituais do bem-estar da minha vida. Ao fazer isso, espero rever à luz de uma visão mais ampla e positiva do envelhecimento, reconhecendo a importância da saúde física e mental, bem como da qualidade de vida e do sentido de propósito. A saúde ganha concretude no modo de viver de cada um e se constitui

de forma diferente a depender das marcas sociais, culturais, familiares, das crenças e experiências políticas, do que é ofertado pelos serviços de saúde e de muitos outros elementos.

Por mais simples que seja o problema de saúde, ele estará sempre relacionado às condições de vida e a suas múltiplas dimensões: social, biológica, ético-política. Momento do encontro entre o trabalhador e quem demanda atenção (Merhy, 2000). Envolve escuta, abertura, espreita, disponibilidade, atenção, certa sensibilidade, tateamento, movimentos de proximidade e distanciamento, implicação, confiança, uma multiplicidade de elementos que não se resume à aplicação de técnicas e protocolos (Deleuze, 2009).

O encontro com quem demanda cuidado, e para estabelecer relações entre as condições de vida e de saúde; a história do sujeito e dos seus adoecimentos; as práticas de saúde e a organização dos serviços, por exemplo. Perceber os diversos modos de vida da população e suas implicações para o processo saúde-doença-cuidado: histórias singulares de vida e de saúde.

Assim, as narrativas não são simplesmente contos isolados, mas reflexos da sociedade em que são criadas, carregando consigo as vozes sociais e ideologias que permeiam nosso mundo. Desde os primeiros momentos de consciência neste vasto mundo, fui envolvida por uma teia complexa de experiências, desafios e triunfos que moldaram quem me tornei.

Minha história continua revisitada sempre com o suave murmúrio de meu nome, um eco familiar que ressoa através das gerações: Marcinha.

**Dominada como dominante: apoiando-me no “nós”
escrevo para me realizar na palavra**

Maria Natalina de Oliveira Farias

Tenho uma filha crescida, que ainda estuda, embora já tenha estudado muito. Um dia disse-me que a Terra é redonda. Por fora é toda verde, e lá no fundo tem um centro vermelho. Como o melão. Que a terra é a mãe da natureza e tudo suporta para parir a vida. Como a mulher. Os golpes da vida a mulher suportam no silêncio da terra. Na amargura suave segrega um líquido viscoso como o melão. Quem já viajou no mundo da mulher? Quem ainda não foi, que vá! Basta dar um golpe profundo, profundo, que do centro vermelho, explodirá um fogo mesmo igual a erupção de um vulcão. (Chiziane, 2003, p. 12).

A estética da ancestralidade de Paulina me ajuda a pensar na formação como mulher e pesquisadora, uma vez que ela traz uma escrita marginal, que referência a luta das mulheres que em sua invisibilidade, se faz ouvir um coro delas comigo e para mim. Marco essa posição e com ela passei a perceber outras interpretações. Esse texto procuro refletir as contribuições dos estudos e discussões na disciplina *Teorias Narrativas em Educação*, que não por coincidência conferem

princípios que comungam com compromissos inerentes a cada vida que me relaciono; reflexões circulares e respeitosa na diversidade de frentes de trabalho da turma, de um tempo vivido entre os meses de março a julho do 1. Semestre de 2024. Durante os encontros fiz registros diários das aulas no diário de pesquisa, para promover elaborações de compreensão do vivido com a turma, auxiliando na construção do texto tese.

Explicito trechos dos registros que compõem um itinerário revisitado para esse trabalho:

O que é narrativa? Depois de uma “balbúrdia” amorosa nessa tarde, a largada foi dada, o que é narrativa. Senti o gosto dela no exercício em escrever “Me chamam de quê”. Estávamos em 25 pessoas, cada um contou peculiaridades, memes, piadas que se fazem com uma situação determinada de nos chamar...A atividade do encontro possibilita a extensão a mim de imagens que chegaram ao meu pensamento, lembrei da poética de Aristóteles, muito embora a poética discute estética pelo prisma de conhecer o que os gregos faziam em relação às expressões em linguagem. Entretanto, quando narramos, queremos contar algo a alguém, de algo ordinário e comum aparentemente, e que ao contar ocorre o que chamamos de dar-se-

conta. Por que lembramos? Acredito que nas interações orais, visuais, corporais seja com objetos, sejam com pessoas reais, o acontecimento emerge. Surge aquele ímpeto, preciso contar! (DP¹⁵, 08/03/2024)

.....

Esse trecho revela o impacto que senti no contato com a diversidade das pessoas da disciplina, que atuam em campos de conhecimentos diversos. Ler a narrativa do outro e ouvir a própria da boca do outro, trouxe sentidos antes não percebido. Outro trecho abaixo referente as impressões do estudo do capítulo do livro traduzido por Sheila Grillo, do Volóchinov,

Palavra na vida e palavra na poesia:

Fiquei chocada com o adensamento e possibilidades que Volóchinov oferece nos 7 itens desenvolvidos por ele. O que ele me diz do que vejo nas minhas narrativas? Um primeiro ensinamento e puxão de orelha senti quando me dei conta que não damos conta dos efeitos do tom e do não dito nas pessoas com quem converso em situações do cotidiano. O não dito no cotidiano escolar corre no circuito discursivo e se estabelece realizando-se nas ações dos docentes, dos estudantes e da coordenadora pedagógica. Precisa dizer? Não

¹⁵Diário de Pesquisa.

precisa dizer! Faça-se! Um não dito realizado numa certa pragmática escolar. Significa que quando uma avaliação é de fato condicionada pela própria existência da coletividade em questão, ela é reconhecida como dogma, algo evidente e que não precisa ser discutido...entraram na carne e no sangue de todos os representantes... “A palavra na vida surge da situação cotidiana extraverbal e mantém uma relação muito estreita com ela. Mais do que isso, a palavra é completada diretamente pela própria vida e não pode ser separada dela sem que o seu sentido seja perdido” (Volóchinov, 2019, p. 117). Mais contundente que o enunciado cotidiano se faz com a parte verbalmente realizada e a subentendida, ou seja, o que não é dito, mas subentendido. O cotidiano escolar é lugar de espaço/tempo no qual são imperiosas as relações estabelecidas pela oralidade. Os papéis que circulam na escola são derivados para calar quem fala, quem é avaliado, e muito pouco para expressões singulares. “As avaliações subentendidas são os atos socialmente compartilhados (...)” “o “eu” pode se realizar na palavra apenas apoiando-se no nós”. Como escapo dessas armadilhas, senão escrevendo situações em que estou envolvida? Como escapo das armadilhas das relações de poder inscritas na corrente verbal?

Relações de poder de uma mulher em atuação hierárquica na escola?

Dominada que atua como dominante? (DP, 22/03/2024)

.....
As possibilidades de reflexão no movimento de narrar na escrita após os encontros, ler, conversar com as colegas, promove o adensamento de escuta dos próprios pensamentos.

Os registros realizados entre os meses de maio a julho possibilitaram a escrita de parte das considerações iniciais do texto tese em construção, que apresento em seguida:

Conexões

Uma segunda questão que apresento refere-se ao papel de formulação nos meus pensamentos a respeito das motivações quanto ao ato de pesquisar no viés da investigação narrativa. O texto com o título *Como me chamam* oportuniza trazer indagações dialogadas com *Grada Kilomba* (2019), em *Memórias de Plantação*.

Com o texto *palavra na vida e na poesia* de Volóchinov (2019), entraram no meu horizonte os meus conhecimentos que considerava inválidos. Ajudada pela leitura de memórias de plantações, que muito me impressionou, a ideia de *outridade* passa a fazer parte dos meus questionamentos. O texto que

escrevi abaixo está na íntegra na época em que foi escrito no contexto da disciplina e discussões com o grupo.

Como me chamam?

Dependendo de como me chamam, suponho se é informal ou formal. Outro dia uma colega que está desenhando um trabalho voluntário que pretendo fazer parte, em todos os momentos chamava de Natalina. Eu pedi a ela que Natalina me soava formal, que não precisamos de formalidades. A aproximação/distanciamento com quem me comunico revela ausência ou presença de uma relação amorosa. Isso serve quando alguém ao me chamar, usa Maria Natalina, ou Maria, porque não me conhecem. Pior mesmo quando minha mãe me chama por natalina. Nesse caso, estratégias para uma reconciliação será preciso. Mas pior, pior quando ouço tia por parte dos estudantes. Mas muito delicioso quando ouço mamãe. O plano axiológico da pessoa diz da forma como me chamam, para cada um tom, para cada situação outro tom. Mas a resposta quem dá sou eu! Eu que leio e interpreto o tom! Eu avalio e reajo respondendo, ficando chateada, incomodada etc.! A chateação, o incomodo e fala são respostas que condiz a um ato que só eu posso fazer! Entretanto como diz Volóchinov, na palavra na vida e na poesia, “toda palavra realmente

pronunciada ou escrita é a expressão e o produto da interação social entre autor, leitor e aquele sobre quem o que se fala – o personagem”.

Conclui afirmando que a palavra é um acontecimento social. Quando me chamam, o que sinto interpretando o tom do outro é o que ele diz do subentendido, um personagem portanto da relação. Mas ainda diz que o homem ao entonar e gesticular ocupa uma posição social ativa em relação a determinados valores condicionados pelos próprios da existência social. Minha chateação e meu incomodo acontece podendo ser que meu horizonte avaliativo não é o mesmo que do outro. Penso que essas questões pode ser a chave para percebermos nossos posicionamentos avaliativos diante de situações que vivemos ou que escrevemos nas nossas narrativas que precisamos compreender.

Percebo que quando duas pessoas falam a mesma coisa, mas de gêneros diferentes, o outro quem ouve, sendo homem ou mulher, hierarquiza. Outro dia, questionei os exercícios colocados na academia, porque tinha visto um erro, e o professor disse que eu estava “causando”. Em seguida um aluno fez o mesmo questionamento, e o professor entendeu o problema. Para mim está explícito a relação de gênero. Minha voz é desqualificada graças a um sistema machista, o

que eu digo é considerado inválido, como traz Grada Kilomba em Memórias de Plantação, quando narra sobre a questão do racismo. Gênero e raça são dois temas que se alinham. Grada Kilomba diz que essa situação faz parte e é decorrente de uma ideologia colonial, colocando a mulher negra, em condição de marginalidade, e colonizados não podem falar, se posicionar, a sua fala é negligenciada. Qual conhecimento é reconhecido como conhecimento, e qual não é, pergunta Grada Kilomba. “O fato é que nossas vozes, graças a um sistema racista tem sido sistematicamente desqualificada, consideradas conhecimento inválido, ou então representadas por pessoas brancas que ironicamente tornam-se especialistas em nossa cultura, e mesmo em nós”.

Sinto o mesmo em outros ambientes, em casa, na faculdade. O que significa isso tudo quando preciso, desejo e quero falar, e querer e desejar que minha voz seja considerada válida? Me chamaram de coordenadora também. Houve uma construção na escola de reconhecimento de alguém que por sua função necessita realizar coisas. Quando me chamavam normalmente atrelava a resolver, alguma tomada de posição em relação ao que me era demandado. Há um reconhecimento social da profissão. Como a compreensão de que o

descolonizar o conhecimento, reconhece o outro independente do gênero, da raça e recursos materiais? Como essa compreensão possibilita a construção de relações horizontais na escola? Mas o que é narrativa? Narrativa é uma prática discursiva.

Para Bakhtin, o discurso sobrevive na boca dos sujeitos em forma de enunciados vivos concretos e singulares, situados em determinada esfera da comunicação humana. Concordando com Grada Kilomba, um discurso como ato de descolonização no qual quem o profere se opõe a posições coloniais tornando-se uma voz validada e legitimada, ao reinventar a si mesmo. (Acervo pessoal, 04/04/2024).

A outridade na temática antirracista conforme argumenta Grada Kilomba, é a pura negação do outro, no contexto das condições sociais, de gênero, raça e etnia. Grada Kilomba, expõe que a partir da sua própria experiência de exclusão/dor/trauma, de negação de tornar-se sujeito, que no conceito branco, o sujeito negro é considerado ruim, coincidindo com ameaça, perigo, violência, possibilitando à branquitude seja entendida como a moralmente ideal, civilizada. Desse jeito, o *diferente em relação ao “eu” da pessoa*

branca é medido, mas também “Outridade”, personificação de aspectos repressores do “eu” do sujeito branco (p.38). Continua ela a dizer que “nós nos tornamos a representação mental daquilo com que o sujeito branco não quer se parecer...expressão dedessemelhança(idem).

Como Fanon expressa que o que é chamado de alma negra é uma construção do homem branco. O outro torna-se outro por meio de um processo de absoluta negação. Pior disso, o sujeito negro estar presa/preso nessa ordem colonial, corroendo-se em dores e traumas, onde é retirado de qualquer expressão identitária que possa ter.

Para mim, Bakhtin intervém no campo das relações humanas quando em sua filosofia moral em linguagem propõe radicalmente a equipolência das consciências. Parece absurda essa ideia, mas irracional é alguém ser considerado objeto, um não sujeito por ser diferente, incompatível, incomum, portanto, um estranho de mim. Grada Kilomba chama isso de uma *violenta barbaridade do mundo branco, que é a irracionalidade do racismo que nos colocam sempre como Outro* (p. 40). Bakhtin oferece uma outra possibilidade humana de se relacionar,

colocando outra imagem de homem no centro da discussão. Qual imagem de homem?

Se sou constituída de todo mundo, menos eu mesma, a tese irracional e absurda do racismo não se encaixa, ao contrário, é ressachada com veemência. A ética, a estética e o conhecimento passam a ser realizadas como unidade no/do ato humano. Há uma transposição de uma ordem colonial, de exploração, de um não conhecimento para relações alteritárias, onde no jogo de uma pista que rodopia só o outro me enxerga, me vê e me responde, e eu a ele/ela; portanto o discurso feminino representa um desejo duplo: de se opor aquele lugar de outridade (negação do outro), e de se reinventar. Portanto, posição e reinvenção, conforme grada ilustra com a imagem da Anastácia com a máscara tapando a boca. Quem pode e quem não pode proferir discursos. Em que medida as minhas ações consideraram os conhecimentos dos outros, válidos ou não válidos nos distintos campos de trabalho?

Escolhi fragmentos, dentre vários que escrevi da minha coleção de narrativas que se tornam representativos do desenvolvimento e aperfeiçoamento dos conhecimentos que

adensaram meu percurso metodológico da pesquisa. As palavras que demonstram esse percurso sejam *estranhamento*, a segunda *vontade de escutar*, e *aprender na diversidade*. Na certeza de quanto mais conheço maior é a minha desintegração, é uma das lições dessa disciplina.

Uma das páginas do diário de Frida Khalo foi uma das minhas descobertas em que a escrita se dilui na imagem, descortinando véus entre uma e outra realidade.



Diário de Frida Khalo



Como me chamam.

Reflexões sobre identidade e Narrativa

Maria Teresa Cruz de Moraes

Maria Teresa da Cruz, esse é o nome que me foi dado no dia em que nasci. E nesse momento, quando me coloco a olhar para os contextos de como me chamam, transportei-me para o ontem de minha vida. Nesse revisitar que o ato de narrar nos permite, é possível relembrar e ressignificar, acionando sentimentos e sentidos como imagens, sons, sabores, odores e até os toques.

Fiquei refletindo sobre o quanto é prazeroso encontrar nossas memórias na tecitura de uma narrativa.

Cada chamado, cada entonação, revela não apenas um nome, mas um reflexo das relações e dos contextos que moldaram quem eu sou. Desde minha infância, fui Maria Teresa para meus pais, uma homenagem à melodia do chamado de uma vizinha que ressoava pelos corredores do tempo. Sua filha se chamava Maria Teresa e meus pais se encantaram com a melodia do nome. Minha mãe continua me

chamando assim, enquanto meu pai, até seu falecimento em 1998, carregava essa mesma entonação em sua voz.

Mas não apenas meus pais deixaram suas marcas em meu nome. Minha irmã mais velha, Emília, ao tentar pronunciar Teresa quando éramos crianças, transformou-o em um apelido afetuoso: "Eta". Ainda hoje, é um lembrete carinhoso de nossa ligação familiar, embora seja apenas a irmã caçula quem ainda me chama assim. Minha avó, sábia e amorosa, sempre preferiu o nome completo, Maria Teresa, argumentando que dois nomes devem ser usados juntos. Ouvir seu chamado era um bálsamo para minha alma, uma conexão com minhas raízes e com o passado que ela representava.

No entanto, nem todos usam o nome completo. No trabalho, entre colegas e conhecidos, sou Maria Teresa ou simplesmente Teresa, refletindo diferentes papéis que desempenho na sociedade. Para minhas filhas, sou Main, mãe, manhê, e até "véia", um apelido que só uma relação de amor profundo pode justificar. Elas até criaram um grupo no WhatsApp, com esse nome para facilitar nossa comunicação,

uma prova de como os nomes evoluem com o tempo e os laços familiares.

Ao casar-se aos 22 anos, adicionei o sobrenome Cruz de Moraes à minha identidade, marcando uma nova fase de minha vida. Durante os 24 anos de casamento, fui conhecida não apenas como Maria Teresa, mas também como "Peta" pelo meu ex-marido, um apelido que ainda ecoa carinhosamente mesmo após nossa separação. Para minhas ex-cunhadas e sobrinhos, sou Tia Te, ou simplesmente Tia Teresa, um vínculo que transcendeu as mudanças na estrutura familiar.

Poucas pessoas me chamam de apenas Maria, confesso quando chamam parece não ser comigo, depois de muito chamarem é que me lembro que também sou Maria.

Refletindo sobre esses nomes, encontro eco nas palavras de Volóchinov (2013) sobre a entonação como uma expressão das valorações sociais. Cada chamado não é apenas um som, mas uma história de pertencimento a grupos sociais, a uma época, a uma família. É através desses nomes que minha identidade se tece na tapeçaria da narrativa humana.

Recordar é também confrontar diferentes facetas de minha história. Desde a infância, quando apelidos cruéis na escola me forçaram a ver a mim mesma de uma maneira diferente, até hoje, quando revisito essas experiências com uma nova consciência. A Teresa menina, que aprendeu cedo sobre o peso das palavras e das percepções, carrega consigo não apenas lembranças dolorosas, mas uma compreensão profunda da construção social da identidade.

Ao trazer à tona essas histórias, não posso deixar de evocar Walter Benjamin, que nos lembra que narrar é mais do que simplesmente contar eventos; é um ato de troca de experiências. Em suas palavras, encontramos um chamado para preservar e compartilhar nossas histórias, não deixando que elas desapareçam no vácuo do esquecimento.

Assim como um caleidoscópio transforma fragmentos em imagens vibrantes, meu nome se multiplica em diferentes contextos e épocas, refletindo as múltiplas facetas de quem eu sou. Maria Teresa Cruz de Moraes, são tantas! Tudo depende de como o outro me viu ou me vê, me ouve, me sente! É nessa interação que as Teresas e o outro foram e continuarão se

relacionando, se posicionando frente as inúmeras experiências vividas.

Cada fragmento, cada nome, cada entonação é uma peça no mosaico da minha vida, uma história que continua a se desdobrar em novos capítulos, sempre conectada à essência de Maria Teresa da Cruz de Moraes.

A narrativa é uma linha com a qual costuramos a nossa história

Nadir Vidal

A narrativa é uma linha com a qual costuramos a nossa história. Essa linha apresenta cor, forma, movimento, textura, conteúdo e subjetividades que as experiências e vivências marcam em nossa história de vida.

A narrativa pode ser um dos conhecimentos humanos essenciais, pois faz parte da própria vida. Narrar traduz intencionalidades políticas, estéticas e éticas inseparáveis, pois faz parte dos acontecimentos que constituem nossa cultura nas interações sociais. O modo como outros indivíduos me chamam é uma forma de constituição que a narrativa tece nas relações humanas. Como me chamam diz muito sobre mim ao me constituir com outros “...a palavra é completada diretamente pela própria vida e não pode ser separada dela sem que o sentido seja perdido.” (Volóchinov, 2019, p. 117).

Lembro-me como se fosse hoje, na comunidade onde vivíamos, desde bem pequeno nos reuníamos à noite para ouvir histórias narradas por um ancião da localidade. Naquela época,

não tínhamos acesso a televisão, crianças e adultos se sentavam ao redor da lareira nos dias frios de inverno para apreciar histórias narradas que passavam de geração em geração. Eram histórias que nos encantavam e nossa imaginação transbordava, histórias dos reis, rainhas e até de lobisomem, contadas com riqueza de detalhe. Nosso amigo ancião, com mais de 80 anos, narrava e fazia questão de mencionar que seus avós contavam. Ressoava a voz da experiência, do vivido, da verdade, da essência humana que contava com a voz trêmula do tempo. “O saber, que vinha de longe – do longe espacial das terras estranhas, ou do longe temporal contido na tradição –, dispunha de uma autoridade que era válida mesmo que não fosse controlável pela experiência.” (Benjamim, 1994, p 201-202). Tempo distante que se presentifica na entonação do contador. Eram literaturas orais que não estavam em livros, mas tinham sentido e significado para aqueles que contavam e encantavam seus ouvintes, pois falava daquelas pessoas, daquele lugar que se transformou com o passar dos anos, mas estava vivo na memória do narrador. “A entonação criativamente produtiva, segura e rica é possível apenas com

base em um “coro de apoio” pressuposto. Já quando esse apoio não existe, a voz perde a força,” (Volóchinov, 2019, p. 124).

Nesse sentido, as narrativas me constituem, pois, logo após ouvir, eu também contava para meus colegas aquelas histórias coletivas. “Contar histórias sempre foi a arte de contá-las de novo, e ela se perde quando as histórias não são conservadas. Ela se perde porque ninguém mais fia ou tece enquanto ouve a história.” (Benjamin, 1994, p. 205). Para quem nasceu no sul do Brasil, era muito comum, na década de 1980, as pessoas se reuniam durante a noite na casa dos vizinhos para contar e ouvir histórias até altas horas. Essas reuniões tinham um propósito claro que os unia, um nome popular para a narrativa chamado de “contar causos”. O que o outro diz tem valor, suas histórias não podem ser anuladas

A narrativa aproxima a relação do eu com os outros, que ressignificam o discurso narrado por mim para o outro, que diz, quem sou. “Por conseguinte, o enunciado se apoia no fato de eles pertencerem real e materialmente à mesma parcela de existência, o que atribui a essa comunidade material uma

expressão ideológica bem como um desenvolvimento ideológico posterior.” (Volóchinov, 2019, p. 119-120).

Narrar faz parte da vida, talvez seja o movimento cultural mais importante, pois “como me chamam” na voz dos outros transforma o meu modo de sentir, olhar e expressar na vida e na palavra. Narrar pode ser um dos movimentos que sai da vida e entra na poesia, no diálogo com os outros para transformar a percepção de se constituir. “Parece-nos que percebemos o valor do objeto junto com sua existência, como uma das suas qualidades, assim como, por exemplo, junto com a luz e o calor do sol nos damos conta do quanto ele é valioso para nós.” (Volóchinov, 2019, p. 122).

Desta forma, neste momento, a narrativa para esse narrador é o conhecimento que vem de dentro, tem sentido, intencionalidade e valor cultural. Narrar passa a fazer parte de uma dimensão pessoal que se relaciona com aspectos constitutivos de uma sociedade no seu tempo e espaço. Narrar é o resultado do relacionamento entre os sujeitos e o contexto vivido. Esse resultado possui forma e conteúdo indissociáveis, não é possível separar a forma do conteúdo; a prática da teoria,

o ensino da aprendizagem, pois quando separados, haverá uma lacuna.

Ao narrar marcamos e explicitamos o contexto e nosso posicionamento em uma tríade composta dos sujeitos, lugares e culturas. “Na entonação, a palavra entra em contato direto com a vida. E inicialmente o falante entra em contato com os ouvintes justamente por meio da entonação” (Volóchinov, 2019, p.123). Aquele que ouve entra na história, não é apenas ouvir o outro, mas se ouvir nesse diálogo. A narrativa é um modo de nos acolhermos em constituição com os outros, nos entendermos, nos compreendermos e nos constituímos. Precisamos dos outros para afirmarmos quem somos, por isso, como os outros me chamam continua o caminho com outras vozes.

Sendo assim, a narrativa na vida só tem sentido se convocar eu e outros para significar e ressignificar possibilidades outras de existência, de existir e resistir na vida e no mundo.

A narrativa é um testemunho que marca o tempo e determina o sujeito, bem como a posição do narrador e do

ouvinte. Narrar é reconhecer sentidos ao que antes passava despercebido pelo anestesiamiento do cotidiano.

“Como os outros me chamam” foi uma experiência de narrar o vivido. Aquilo que somos é a partir da constituição de muitos outros, pois só nos vemos pelo olhar do outro. A narração na voz de outro desperta lampejos em minha memória, pois temos a entonação do outro em diálogo conosco. A entonação pode ser o aspecto mais sensível e estético das narrativas. “Ao entonar e gesticular, o homem ocupa uma posição social ativa em relação a determinados valores, condicionada pelos próprios fundamentos da sua existência social. (Volóchinov, 2019, p.127).

Talvez nesse momento, ao dizer o que é narrativa tenho mais perguntas do que respostas. Ao narrar minhas verdades, sinto que a transformação acontece de dentro para fora, essa transformação acontece pelo eco que ressoa em mim ao lançar aquilo que digo nos ouvidos de outros sujeitos. Narrar não é uma verdade pronto, fechada e absoluta, é a história de alguém a partir do narrado. Essa história tem valor e não pode ser anulada.

Narrar é a troca de experiências de acordo com Walter Benjamin no texto “O narrador.” Esse eco não é ouvir o outro, mas é tomar consciência de si e se ouvir. O ouvinte está imerso na minha narração e produz um discurso a partir dela, essa ação reverbera a minha intencionalidade ou não, mesmo assim, transforma meu existir.

Um grande aprendizado sobre e com narrativas

Patricia Martins de Oliveira

Ao produzir diferentes narrativas, tive a oportunidade de refletir no momento da escrita sobre várias questões: como me chamam, a importância dos outros, a minha relação com os outros, vozes, entonações, produções cotidianas, coro de apoio, entre outros.

É importante me situar como ser humano, antes mesmo de continuar minha escrita. Sendo que por meio da escrita é possível transmitir os sentidos desse diálogo ontológico – posto que, segundo Bakhtin, ser é comunicar-se dialogicamente – e não um meio autônomo que organiza sentidos próprios, muitas vezes contraditórios, e frequentemente em conflito com as supostas "intenções" dos sujeitos que escrevem, como acontece nas teorias da desconstrução dedicadas à escrita.

Chamam-me de Patricia, Chefa, Pati, Amor, Amiga, Pá, Mãe, Manhê! Tudo depende do contexto e local em que ocupo, com isso foi um momento de pensar sobre a presença do outro no trabalho e na vida pessoal, foi um exercício bem significativo, ao narrar me forçar a pensar, pensar comigo

mesma, eu com o outro e eu com o mundo. As diferentes maneiras de como sou chamada refletem as múltiplas facetas da minha identidade e como ela se manifesta em diferentes contextos. Essa multiplicidade de identidades mostra como estamos sempre em relação com o outro, moldados por nossas interações e pelos significados que compartilhamos.

Ao fazer essa narrativa sobre como me chamam, foi possível fazer um processo de olhar para questões simples do cotidiano, simples, porém não simplista. Ao ouvir a leitura da minha narrativa feita por outra colega, vi o quanto a narrativa ganha um sentido ainda maior e as leituras compartilhadas por outros colegas, permitiu-me participar das narrativas sobre o vivido e escolhidos por eles e elas para compartilhar conosco. Sendo a narrativa mais uma possibilidade para se fazer pesquisa.

O mundo que nos rodeia, segundo Bakhtin, está povoado de vozes de outras pessoas. Ao ouvir as narrativas de outras pessoas, fui tocada de várias maneiras: emocionei-me, indignei-me, revoltei-me ao ouvir tantas situações tristes que as pessoas passaram e alegrei-me ao ouvir relatos de superações,

aprendizados e ensinamentos. Dessa forma, relaciono com o que Bakhtin propõe pensar na natureza dialógica da própria vida humana: a vida é um diálogo inacabado; o homem participa deste diálogo tanto por meio da palavra como por meio de todo o seu corpo (olhos, lábios etc.). O homem participa neste diálogo como totalidade, mas o homem é completamente expressivo para o exterior, e expressa com toda sua posição no diálogo – e em relação com o último sentido, e em relação com o outro, em toda expressão para fora está a atitude para o outro, o interno se encontra com o "outro" (1996, p. 362).

A tardes de sextas-feiras do primeiro semestre de 2024, foram de extrema importância para a minha vida. Apesar de minha participação silente, não deixei de me atentar a cada detalhe da aula e de realizar as leituras – essas bem desafiadoras para mim. Foi um espaço fértil para reflexão e crescimento, onde a troca de narrativas e a discussão coletiva trouxeram novas perspectivas e entendimento as discussões foram regadas de múltiplos sentidos e significados trazidas por

diferentes pessoas, articuladas com os diferentes metiês dos envolvidos.

Ficou nítido nesses encontros a importância do coro de apoio, tal como Volóchinov nos diz, “quando esse coro não existe, a voz perde a força, a sua riqueza entonacional é reduzida” (2019, p.124). E como esse coro de apoio aconteceu, porque em cada narrativa lida, o autor ou autora recebia dos colegas contribuições riquíssimas.

Da minha primeira narrativa, precisei me distanciar e fazer um processo de decantação. Mas, a materialidade do texto não me permitiu mais apagá-lo e sim ressignificar a minha escrita. Todas as discussões sobre narrativa, vida, palavra na vida e a palavra na poesia, eu, o outro, eu com o outro, são questões que foram ganhando um lugar especial em meu coração e em minha mente. Para Bakhtin, a palavra sempre está direcionada a alguém, dialogicamente orientada ao exterior, ao outro. Trata-se da palavra que quer ser ouvida e entendida, e, sobretudo, respondida. Assim como o bem de um livro consiste em ser lido, o bem de uma palavra é ser ouvida e respondida.

Bakhtin propõe pensar na natureza dialógica da própria vida humana:

a vida é um diálogo inacabado; o homem participa deste diálogo tanto por meio da palavra como por meio de todo o seu corpo (olhos, lábios etc.). O homem participa neste diálogo como totalidade, mas o homem é completamente expressivo para o exterior, e expressa com toda sua posição no diálogo – e em relação com o último sentido, e em relação com o outro, em toda expressão para fora está a atitude para o outro, o interno se encontra com o "outro" (Bakhtin, 1996, p. 362).

A palavra é ato ético, ação sobre o mundo e o outro. Faz-nos contrair uma responsabilidade concreta e ontológica ao mesmo tempo para com o mundo e com o outro, e é nossa maneira de ser e existir neste mundo e na transcendência. Sendo assim ao se compartilhar narrativas e ouvir as dos outros, engaja-se nesse diálogo vital, onde cada voz contribui para um entendimento mais rico e complexo do mundo e de si mesmo.

O vocabulário da praça pública na obra de Rabelais, em **A cultura Popular na Idade Média e Renascimento**: contexto de

François Rabelais do Bakhtin lendo Rabelais, fiquei bastante reflexiva quanto ao uso de metáforas que uso no meu dia a dia. Sou uma pessoa, que faço pouco uso dessa figura de linguagem, por preocupar-me com meu interlocutor. Quero garantir que ele compreenda o que quero dizer, mas tenho consciência que tem uma distância entre o que eu digo e a compreensão que o outro terá daquilo que eu disse.

Para fazer minha pesquisa, compreendo o quão importante será considerar as discussões que tivemos nesses dias, principalmente que realizarei a pesquisa com pessoa humana e como falado “não basta questionar a palavra e sim observar o tom”.

Finalizo aqui, por ora, com a certeza da potência da narrativa, sendo que não é apenas um meio de transmitir informações, ou contar algo, mas uma maneira de ser e existir no mundo, de se engajar eticamente com os outros e com a realidade ao nosso redor. A narrativa como metodologia de pesquisa, especialmente em diálogo com a perspectiva bakhtiniana, onde a vida é vista como um diálogo inacabado e contínuo.

“Ser significa ser para o outro e, através dele, para si. O homem não tem um território interior soberano, está todo e sempre na fronteira, olhando para dentro de si ele *olha o outro nos olhos* ou *com os olhos do outro*”, Bakhtin.

**Carta para quem encontra similaridades e divergências
narrativas. Recortes de uma história de vida negra nas
praças públicas periféricas**

Raphael Cutis Dias

São Paulo, entre março e junho de 2024.

Para você que chega, começo com poesia:

O menino aprendeu a usar as palavras.
Viu que podia fazer peraltagens com as palavras.
E começou a fazer peraltagens.
[...] Você vai encher os vazios
com as suas peraltagens,
e algumas pessoas vão te amar por seus despropósitos!

Manoel de Barros

O menino que carregava água na peneira

Narrar pode ser a arte de usar as palavras para fazer
“peraltagens”, encher nossos vazios e nos aproximar da vida.

No primeiro encontro da disciplina "Teorias Narrativas e
Educação" na pós-graduação da Faculdade de Educação da

Unicamp, depois de um período de discussões sobre a temática da disciplina e uma breve apresentação individual, fomos provocados(as) a produzir uma narrativa que contemplasse o seguinte questionamento: "Como me chamam?"

De imediato, fiz memória de todos os encontros que tive ao longo da vida e comecei a destacar aqueles que provocaram sentimentos e memórias, que me emocionaram de alguma maneira e considere interessante compartilhar com as pessoas que estavam na sala, escrevi:

Na infância, minha avó Liette era quem passava mais tempo na minha casa e ela me chamava, sempre gritando: "RAFAÉOOOO, vem cá menino!"

Meus pais, Adilson e Elizer, sempre me chamaram de "Fael, meu filho", com tom de voz terno e amoroso.

Meu irmão Emanuel costuma me chamar de "Negão e Phael", quando pequenos, me chamava de "irmão".

Natalia, minha esposa, me chamava de "Pretinho" no namoro e início do casamento, hoje me chama de "Amor" e quando fica nervosa, é "Raphael" mesmo.

Maria, Henrique, Elisa e Pedro, que são os meus filhos, me chamam de "PAPAI"! E como é doce ser chamado assim...

Enquanto professor, já fui "Prô", Prof, Professor, sensei Raphael (por causado Karatê) e mestre.

No movimento escoteiro eu sou o "Chefe Cutis".

No ambiente de trabalho eu sou o "Rapha" ou o "Cutis".

No grupo de pesquisa eu sou o "Rapha", a mesma forma como sou conhecido entre os amigos...

Em todos os formatos me sinto reconhecido, contemplado e amado, pois reconheço que cada uma dessas pessoas são parte fundamental da pessoa que hoje sou.

Ao escrever tais palavras tinha interesse de partilhar fragmentos da minha história de vida a partir da questão disparadora (Bragança, 2018) dos nossos estudos e me aproximar do grupo em que estava me inserindo. Acredito que a narrativa seja a partilha, de diferentes modos, das experiências e conhecimentos que envolvem determinada temática. No caso da proposição da disciplina, um pouco de "como me chamam".

Acontece que ao escrever, coloco nas palavras parcela da minha história de vida, o que dá sentido para aquilo que escrevo. Provavelmente, se as palavras que escrevi fossem apenas "ficção" não despertaria o mesmo cuidado ao ser compartilhada, pois se trata de algo que eu vivi, senti, desejei e amo (Volóchinov, 2019). Nenhuma pessoa presente, até que a leitura fosse feita, tinha conhecimento da narrativa, uma vez que ela é própria da minha história, mas quando compartilhamos nossas experiências coletivamente ela passa ser de interesse das pessoas que ali estão e ganham novos significados (Connelly; Clandinin, 2015).

Ao escrever a minha narrativa estava imerso na minha própria realidade e revisei episódios com pessoas importantes para minha história de vida, mas que não puderam vivenciar o momento da escrita comigo. Porém, quando começo a ouvir as narrativas das outras pessoas, conexões passam a ser feita com a história que é narrada e, simultaneamente, passo a revisitar mentalmente o que escrevi no desejo de complementar, acrescentar, modificar a narrativa compartilhada, momento constante na vida de quem narra.

Crédito tais desejos ao que Volóchinov (2019) escreve sobre o papel da entonação de colocar palavra e vida em contato. Escutar o que escrevi me conecta de maneira diferente com a história que narrei escrevendo. A pessoa que tomou conhecimento da minha narrativa para fazer a leitura, se tornou cúmplice do que produzi e a entonação que utilizou ao ler o texto, fez com que cada ouvinte se tornasse testemunha, de diferentes maneiras, da mesma história. Trazer a própria voz, história, cotidiano para a pesquisa é uma característica importante das narrativas, elas são feitas “com” e não “para”.

É uma pesquisa tecida no diálogo, exatamente como aconteceu no primeiro encontro, que provoca deslocamentos, que se relaciona com outras pessoas e suas histórias (Bragança, 2014). Talvez por isso que a cada história que escutei, a cada palavra pronunciada durante a leitura da minha narrativa, me coloquei em diferentes papeis: de falante, de ouvinte e sobre quem se fala (Volóchinov, 2019) e fui provocado a refletir sobre maneiras outras de narrar "como me chamam".

Como seria se eu tivesse escrito sobre as maneiras preconceituosas que me chamavam na infância? E se tocasse

nos aspectos do racismo que me atravessam durante toda a vida? Quais os sentimentos provocados pela entonação usada por quem leu minha narrativa? Que tipo de conexão a história de vida das outras pessoas gerou? Qual a minha responsabilidade perante aquilo que foi partilhado?

É interessante perceber, nas narrativas, a importância do exercício de revisitar, constantemente, nossas memórias e a liberdade que temos de interpretar os acontecimentos por novas perspectivas.

Para Bolívar et al. (2001, p.22) "a narrativa é uma estrutura central no modo como os humanos constroem o sentido", algo percebido durante a produção. O sentido dado, durante a escrita, ao que foi produzido, não era mais o mesmo ao relacionar com quem fez a leitura do texto, com quem escutou e narrou outras histórias, e com os novos significados proporcionados pela escuta da minha própria história e das demais pessoas. "O poeta escolhe as palavras não do dicionário, mas do contexto da vida" (Volóchinov, 2019, p.131).

Narrativas "são textos que mobilizam o necessário diálogo entre os conhecimentos, saberes e experiências",

registro do que fazemos, pensamos, pensamos sobre o que fazemos, do que nos inquieta, nos emociona, nos inspira, nos desafia a produzir (Prado, Cunha, Nogueira, Soligo, 2008). As narrativas são algo real para quem narra, passa pela interpretação particular das experiências vividas no mundo, provoca (auto)reflexões, estão inseridas no contexto sócio-histórico que mobiliza e expressa verdade.

Nesse caminho, durante a disciplina sobre as teorias narrativas, fomos alertadas(os) sobre as particularidades nos escritos de Bakhtin, escrita que desperta em mim um misto de curiosidade e preocupação. Um desejo de conhecer mais das produções do autor e insegurança cada vez que leio o mesmo parágrafo, 10 vezes, e sinto como se não tivesse entendido nada. Quando aprofundamos nos seus textos, eu senti dificuldade para produzir nova narrativa, talvez por não entender o texto mesmo e conectar com o que penso e escrevo sobre narrativas. Mas o cenário da aula do dia 17 de maio, as considerações do professor Guilherme no início da aula e a provocação da professora Liana para a escrita das narrativas, me levaram a

chegar em casa determinado a escrever a partir do vivido e do sentido em sala.

Daí a importância dos nossos encontros, das nossas discussões em sala, das reflexões que cada fala nos provoca, o que segue me encantando nos estudos das narrativas, emocionando e provocando maneiras outras de pensar minha própria maneira de pensar, estudar, escrever, dialogar.

Iniciei a leitura do livro **A cultura popular na Idade Média e Renascimento. O contexto de François Rabelais** pelo capítulo "O Banquete em Rabelais", movido pelo discurso e entonação presente nas falas de quem já havia tido contato com o texto. Eu estava em um dia de muito cansaço físico, mas disposto a cumprir meu compromisso pessoal com os estudos..., mas, sabe aqueles momentos em que você lê inúmeras páginas no módulo automático? Aquele dia que parece que não está absorvendo nada do que lê? Pois é, foi o que aconteceu comigo e decidi parar na metade do capítulo.

No encontro seguinte experimentamos um novo formato para as discussões, lendo trechos do capítulo e discutindo acerca do que nos despertavam. Segui com dificuldades no

entendimento do livro, mas ouvir as(os) colegas acrescentava novas possibilidades de dialogar e foi a partir narrativa oral de algumas pessoas, que consegui desenvolver a proposta de diálogo presentes na continuação desta carta narrativa.

Enquanto discutíamos as "praças públicas em Rabelais", surgiu um desejo de refletir sobre "como seria se eu tivesse escrito sobre as maneiras preconceituosas que me chamavam na infância? E se tocasse nos aspectos do racismo que me atravessam durante toda a vida?" Muito provocado por narrativas de histórias de vida de pessoas negras presentes na turma, que me levaram para pontos importantes da minha própria história de vida, atravessamentos fundamentais das narrativas.

Os questionamentos em diálogo com alguns trechos do capítulo "O vocabulário da praça pública na obra de Rabelais" e seus desdobramentos em sala de aula, me levaram até minha adolescência, na periferia da Grande Vitória, no Espírito Santo.

Na leitura do capítulo entendi que as praças públicas descritas eram do povo, que tinha a última palavra num espaço do que "não era oficial, de certa forma gozava de um direito de

"exterritorialidade" no mundo da ordem e da ideologia oficiais" (Bakhtin, 2010, p.132).

Fui adolescente entre o final dos anos 90 e início dos anos 2000. Em alguns domingos, após participar da missa, era comum pedir meus pais autorização para ir até a praça do bairro junto com alguns amigos. O interessante é que "ir com alguns amigos" significava fazer um breve trajeto de maneira coletiva e quando chegávamos na praça cada pessoa se juntava aos diversos grupos: a turma que ia direto para a lanchonete comer o *hambúrguer*, o grupo só das meninas e o formado só por meninos que ficavam ali "babando pelas meninas", os conhecidos casais de namorados que andavam abraçados ou de mãos dadas pelas ruas próximas a praça, assim como outros coletivos que também iam e voltavam sem destino certo, como se estivessem numa espécie de passarela social. Ainda tinha aqueles jovens que desfilavam com suas motos ou carros com som alto, aqueles que estacionavam, colocavam o "paredão" para tocar alto e reúnem em volta do carro as pessoas para conversar (ou seria gritar?) e em alguns momentos dançar, ali mesmo em praça pública. Tinha ainda as pessoas que se

reuniam em volta dos seus diferentes vícios e, na mesma praça, em algumas ocasiões aconteciam eventos religiosos e esportivos, o que reunia diferentes públicos "desfazendo" os pequenos grupos do cotidiano ao atrair curiosas(os) para conhecer o que estava acontecendo...

Enfim, certamente você deve ter lembrado de episódios similares que aconteceram ao longo da sua história de vida. Será que encontramos similaridades com trechos do livro? A praça pública do meu bairro era um território tão plural, tão diverso e tantas experiências que eu desconheço... Eu passava, quando ia, no máximo 1h ou 2h ali, tinha hora para chegar em casa, afinal no dia seguinte, logo cedo, precisava ir para escola. E, provavelmente, ao ler o que narrei, você deve ter imaginado, lembrado de diferentes episódios da sua história de vida.

Quando me veio a memória a necessidade de voltar para casa porque no dia seguinte precisava ir para escola, me recordei de quão similar a praça do meu bairro era do pátio da escola, na entrada e no recreio. Grupos diversos também se formavam no pátio da escola todos os dias, os lugares dos grupos pareciam socialmente demarcados, as linguagens eram

diversas, os corpos se manifestavam de diferentes formas dentro desses grupos e é curioso como isso volta para minha memória ao escrever esta narrativa. Isso me leva para o trecho em que o autor escreve: "um tipo especial de comunicação humana dominava então: o comércio livre e familiar. [e segue] Discursos especiais ressoavam na praça pública: a linguagem familiar, que formava quase uma língua especial, inutilizável em outro lugar..."(Bakhtin, 2010, p.133).

Não é interessante pensar que isso também acontecia nos cenários que narro? Por exemplo, por mais que tivesse proximidade das meninas que se juntavam no pátio da escola e depois retornavam para a mesma sala que eu, nunca soube o que era manifestado entre elas porque quando voltamos para a sala de aula a linguagem – nas suas diversas possibilidades – muda. Nas narrativas acredito que seja similar, elas mudam conforme o cenário ou contexto, o que torna necessário refazer. Não é tarefa fácil!

Até mesmo aquelas pessoas que ficavam "sozinhas", na sala e no pátio, tinham diferentes manifestações conforme a

influência dos ambientes. Fico pensando como seria a presença delas na praça pública...

Voltando para o texto e para a praça pública, quando li o trecho com reflexões sobre o superlativo presente na forma de escrita que "é exagerado, inflado, não sem ironia ou aleivosia; é o superlativo do realismo grotesco. É o avesso (ou melhor, o direito) das grosserias"(Bakhtin, 2010, p.139), li pela primeira vez a palavra "aleivosia" - no google: traição ou crime cometido com falsas demonstrações de amizade; perfídia, deslealdade. Qualidade de quem engana, atraiçoa; dolo, fraude.

O trecho a seguir pode ter influência do livro "Olhos D'Água" da Conceição Evaristo.

Ao ler o significado da palavra, me lembrei de um episódio vivido próximo de uma praça pública no bairro vizinho ao que eu morava. Quando eu tinha 15-16 anos, fui com meu irmão Emanuel, que tinha 10 anos, para um aniversário de uma vizinha. O combinado com os meus pais era que quando fosse meia noite precisávamos voltar para casa e assim fizemos. Um colega, de pele branca, resolveu que ia embora com a gente. A rua estava totalmente escura, não havia um poste com

lâmpada acesa, a rua tinha formato em "L". Quando viramos, identificamos pelos giroflex que no final da rua havia policiais (algo muito comum no nosso bairro), inclusive receber as abordagens, eu já sabia como me portar diante deles, mas meu colega e meu irmão não...

Meu colega se assustou com a cena e gritou: "corre!" Meu irmão assustado correu, mas na direção dos policiais e eu corri atrás dele, no meio do caminho havia uma escadaria e subimos correndo. De repente, escutamos o barulho de pneu cantando, da sirene das viaturas e a luz do giroflex aproximando do beco, pronto! Desespero! Meu irmão começou a chorar, estávamos cercados nas duas pontas da escadaria e escutamos o tradicional: "Parado aí neguinho, mãos na cabeça! Desce bem devagar..." As armas eram enormes, meu irmão e eu fomos abordados por mais de 10 policiais, depois de toda pressão, de vasculharem toda escadaria atrás de entorpecentes, (re)orientação para "não correr de polícia" para não levar tiro, um dos policiais disse que sabia quem era meu pai, que podíamos voltar para casa... Ah, meu amigo branco, correu no

sentido contrário, voltou para a festa, a polícia não foi atrás dele...

Seriam as narrativas a oportunidade de sensibilizar “academicamente” a sociedade com a realidade das diversas histórias de vida? De aproximar a pesquisa da vida em acontecimento? Não posso cravar, mas é um potente caminho viável.

“Regina”, “Gininha”, “Gina”, “Rê”

Regina Maria Nascimento de Souza

Me chamam “Regina”, “Gininha”, “Gina” “Rê” ...

Em qual delas eu me percebo?

Eu nasci no município de São Gonçalo – Rio de Janeiro, fui batizada com o nome de Regina, mas logo me transformaram em “Gininha”. Fora do ninho acolhedor eu me percebi para um grupo de amigos, “Gina”, passado um bom tempo, a vida me trouxe até Campinas e conheci a “Rê”.

Cada um desses nomes tem uma representação para mim. Todos falam de mim, mas cada nome carrega uma entonação ao me chamar. E ao ouvi-los percebo a diferença, e atribuo valor a cada um dos nomes. E consequentemente isso interfere no tipo de relação que poderia desenvolver com cada pessoa que escolhesse me chamar por um dos meus nomes. Na minha opinião eu me personalizo com cada um dos nomes, pois a maneira que me chamam vai dizer quem eu sou na relação.

Gininha, pronunciada pelos meus familiares e amigos íntimos sempre esteve carregada de afetos e representações que afagam meu ego de pessoa querida. Essa palavra “Gininha” é

totalmente incompreensível para o outro que não a consegue pronunciar. Porém, seu sentindo afetivo foi atribuído no lugar que ela foi criada, com as pessoas que a constituíram como uma palavra carregada de valores. Ao que parece esse “subentendido” faz parte do horizonte extraverbal que se relaciona com a palavra “Gina”.

O peso que eu colocava nesses nomes era tão grande que certa vez na minha juventude, iniciei um namoro com um rapaz que no meu entendimento da época, tinha algum problema: não conseguia me chamar de Gina. E quanto mais os encontros se seguiram mais eu ouvia “REGINA”. Chegava aos meus ouvidos de maneira tão desagradável ao ponto de me causar irritação. Nunca pedi para que ele me chamasse de Gina, mesmo porque isso acontecia naturalmente com as pessoas que me conheciam. Então percebi que da boca dele eu jamais ouviria “Gininha”. E, por essas e outras questões finalizei essa relação. Confesso que me assustava a ideia de conviver com alguém que me chamaria de Regina resto da vida.

A palavra “Regina” quando ouvida por mim, me chega desprovida de intimidade, ela é vazia. Na verdade “Gina” e

“Regina” tem valores distintos na minha compreensão. Ah! sem esquecer que eu agora sou “Rê”, sim, os campineiros me chamam assim, como estou fora da minha terra e emprestada à cidade de Campinas os meus reguladores internos se adaptaram com facilidade a esse novo nome.

Essa narrativa que acabei de produzir faz uma reflexão da percepção que tenho e da relação que faço com cada pessoa ao ouvir o nome Regina. Que na verdade é o meu nome de batismo. Isso se deve ao fato de eu ter crescido em um lar de absoluto “gueri-gueri”. Parte da minha infância me acostumei a acordar ouvindo acorda Gininha! E as pessoas que eram do nosso convívio acompanhavam essa forma de tratamento. Inclusive as irmãs que nasceram antes de mim. Eu era a Gininha delas também.

Conto que quando adentrei ao mundo lá fora, recebi outros nomes, além, é claro, do meu nome próprio. Aquele – Regina. Você pode até pensar que eu não gosto desse nome, mas, gosto sim. Ele soa forte, cheio de personalidade. Porém, ele é para ser usado em um outro contexto. – Chamada na escola, na sala de espera de um atendimento etc. a questão de

tudo isso é que quando alguém se tornava parte íntima da minha história, ouvir o nome real me causava estranheza.

Ao longo do tempo fui me adaptando as outras formas de me chamarem e através dessa narrativa tive a oportunidade de contar uma das passagens de minha vida, como um recorte de todas as coisas que já vivenciei. Desse modo, na minha opinião, a narrativa escrita é uma forma de se poder expressar de maneira direta e o mais possível, quando possível, do original de um relato de vivência, sem constrangimento do que se possa pensar sobre o fato. Quando narramos um acontecimento, temos a possibilidade de nos colocar em dois lugares, o do narrador e personagem. Isso faz com que o ato de narrar seja único intransferível e pessoal, só eu posso contar de mim, o meu vivido.

E até hoje ainda, quando ouço – Regina – preciso de microssegundos para encontrá-la e responder ao chamado. Decerto que, a Regina nunca sobrevive muito tempo, na medida que as relações com as pessoas ficam estreitas ela convoca a “Rê”. A “Gina” e a “Gininha” nunca encontraram coro aqui na cidade de Campinas.

As diversas formas de dizer o simples¹⁶

Ruy Braz

— Ui!

— Oi, querida? Ah! Você quer a chupeta? Não pode ser depois, na hora de dormir?

E assim enrolo a Malu, que quer ficar de chupeta o tempo todo.

— Uieeeeê!

— Oi, Miguel?! Espera um pouco, eu já volto pra sala! Desce do portãozinho senão você vai se machucar!

Vou ao banheiro e volto correndo para continuar a brincar.

—Ruivo?

—Oi? Ha, ha, ha...

Não aguento e rio forte do jeito como esse menino da sala onde substituí, de crianças mais velhas (4 e 5 anos), me chamou.

¹⁶Narrativa Exercício Como me chamam? 15/03/2024

— Tio?

— Tio, não, cara! Professor!

— Pofessô?

Ou fessô, do jeito mais genérico, de acordo com minha profissão, de minha relação com elas e eles.

Hoje, menos de um mês longe desse lugar, já sinto saudade, já choro, já fico com o coração apertado.

Hoje, já me chamaram de diretor. Dirijo nada. Mas vejo novas direções.

A não-explicação¹⁷

Se fosse a primeira vez que me faço essa pergunta, talvez fosse mais fácil de responder... Porém, ao longo dos dois anos de Doutorado, é uma das perguntas mais recorrentes que me vem à mente – tanto que estou pensando em fazer um capítulo da tese só sobre isso. E mesmo antes disso, nos anos que estudo com o GEPEC, essa pergunta aparece com frequência, seja por curiosidade de alguma colega mais recente, seja por provocação do nosso coordenador para re-refletirmos sobre o assunto.

¹⁷Narrativa Exercício O que é narrativa para você? 24/03/2024

Aí, a tarefa fica hercúlea. Quando te pedem para falar sobre algo que você já pensou muito, normalmente a resposta é bem longa, traduzindo um emaranhado de referências, de correntes discursivas, de imagens, de flexões e de deferências...

Eu quis até me esquivar da longa meditação e da longa digitação usando como sortilégio a fixação na contextualização “para você” que a proposta do exercício registra. Aí, diria que, para mim, a narrativa é uma forma de registrar e expressar minha vida e meu trabalho de uma maneira que me é cara e próxima. Iria pelo caminho de dizer da liberdade e do alcance que esse tipo de escrita – sim, iria me fixar, por força do hábito, na escrita – proporciona. Iria falar de como vejo que escrever e ler na comunidade de profissionais da educação narrativas sobre educação – sim, também por força do hábito, falaria mais sobre as narrativas do cotidiano escolar – é forte e bonito, de como promove integração, reconhecimento, empoderamento e ações de superação ou de suporte das dificuldades.

Porém, infelizmente, não consigo... A pergunta roda – como na música de Gonzaguinha sobre a vida – e passa por pessoas amigas, colegas, mestras e inspiradoras. Quando volta,

vem cheia de respostas mais próximas do que eu quero responder... então, vamos lá!

Narrativa é um gênero discursivo com elementos muito característicos. Curiosamente, a maioria das pessoas que constituem o que para mim é narrativa não se debruça sobre esses elementos. É como se já houvesse uma clareza do que se é narrativa e, por isso, explicá-la formalmente é meio desnecessário. Essas pessoas falam mais sobre como a narrativa atua nas relações, como ela é forte em algum campo específico da vida humana, como é surpreendentemente forte em promover mudanças, e outras tantas coisas importantes sobre a narrativa. Mas, não exatamente sobre o que ela é.

Isso torna minha tarefa um tanto mais difícil, não é? Sinto que sim, penso que sim, mas não me sinto acuado, e sim entusiasmado pelo desafio.

Vou começar dizendo que os elementos fundamentais de todas as narrativas são: narrador, tempo, espaço, enredo e personagens. Isso nos é dito em alguma aula do ensino médio. Isso não é fraco, porém... reconhecer isso é tomar consciência

do que estamos fazendo ao ler e ao escrever – ou ao contar e ao ouvir – uma narrativa.

Quando narramos, seja oralmente ou por escrito, imbuímos o discurso desses elementos. O quanto cada um deles se faz presente é variado, dependendo da intenção e do destino da narrativa. Se queremos uma narrativa mais imersiva, o narrador e talvez os personagens se recolham um pouco dando mais visibilidade ao tempo e ao espaço. Se temos uma relação mais direta com quem vai receber a narrativa, talvez seja o contrário: espaço e tempo podem se tornar secundários, enquanto o narrador e os personagens aparecem mais.

O que acontece com menos frequência, porém, é o enredo ser secundário. Se outros elementos se referem mais à forma, este se refere mais ao conteúdo. O enredo não é sobre como contar, mas o que se vai contar. É, de uma certa maneira, a história em si.

E, nesse ponto, eu fico horas e horas pensando... aliás, fico horas pensando em cada um desses elementos..., mas talvez o enredo seja o maior segredo, o mais hermético, para mim. Com quem, onde e quando a história acontece, e mesmo

como o narrador atua, fica secundário ao se deparar com a pergunta principal da narrativa: o que contar?

Narrar é contar uma história. Mas, que história escolher? O que há de mais forte em algumas histórias? O que nos conecta a ela?

Não, não quero responder essas perguntas de maneira geral. Pelo menos não hoje. Também não quero respondê-la de uma maneira mais singular, como já tentei algumas vezes. O que me importa agora é dizer que há algo especial em o que se quer contar. Saber o que contar é libertador, inspirador, nos conecta com a vida e com as pessoas.

Narrar é contar histórias. As histórias têm detalhes. Os detalhes são – por definição – pequenos. Narrar, então, talvez possa ser dito como identificar algumas pequenezas e mostrar isso aos outros.

Como me chamam

Samantha Larissa Oliveira

Como posso captar os aspectos de uma narrativa??? O que é uma narrativa?? Se considerar uma construção de signos (palavras) sinalizados graficamente (acentuação) usando certa entonação para tentar expressar e transmitir o significado e o sentido esperado num dado contexto. Também poderia considerar uma forma para descrever a visão de vida e adentrar na realidade das pessoas. Entretanto, como descrever sem isolar os elementos de uma narrativa?

Quando me apresento, cito características que acredito estar presente em mim, na minha percepção e na percepção que acredito que o outro tenha, porém assim como uma fotografia registra uma fração de segundo e mesmo que registradas centenas de fotos em poucos minutos, ainda há uma lacuna de experiência entre uma e outra que não foi captada, parece que o mesmo acontece na forma de me apresentar e do outro me perceber.

Temos semelhanças e diferenças mesmo estando nestes microgrupos, volto ao exemplo da foto, as emoções evocadas em cada um que estava naquele registro podem ser diferentes e ter

diferente grau de importância, assim como cada pessoa que ver esta imagem perceber determinado recorte da imagem.

Muitos questionamentos permeiam minha busca para compreender a complexidade de uma narrativa. Volóchinov descreve a complexidade de se perceber apenas elementos ou partes isoladas, sem a comunicação social para inter-relacioná-las à poética sociológica. Mas afinal, o que é uma poética sociológica??

Na atividade da narrativa “me chamo” poderia ter escrito de variadas formas para me expressar e contar um pouco sobre mim, sobre meus apelidos, vínculos, lembranças, experiências, sendo tanto a redatora dando o tom quanto o ouvinte/leitor. Depende de seu próprio julgamento e afinidade quanto ao contexto, identificação e experiência compartilhada.

Para escrever uma narrativa, poderia usar mais acentos gráficos a fim de alterar a entonação. Poderia também mudar o sentido que busquei transmitir na minha escrita? Será que se tornaria mais afetiva ou intensa? Ou depende do interlocutor e da representação prévia que se tem sobre mim e a que tenho do outro? Nada tem de simples em comunicar para além de um

objeto físico ou da linguística. Seria possível ou utopia a credulidade de ser capaz de perceber o todo sem escapar algum elemento??!!

O autor afirma que o contexto social parece intrínseco em qualquer perspectiva de tentativa de descrever uma experiência por meio da sua estética, seu método formal, seu aspecto psicológico e a inter-relação entre estes elementos. Assim como a palavra na vida pode não ser autossuficiente, os gestos e sinais gráficos também não contemplam o todo e a soma destas partes tampouco.

O significado do todo vai além dessa simples equação? De forma consciente busquei expressar uma experiência com elementos que pareciam inconscientes até o momento de minha escrita. Quão potente é a narrativa? Consegue até tornar consciente uma experiência longínqua.

Essa experiência pôde ser compartilhada considerando o contexto amplo no qual estamos. O autor ressalta a expansão do contexto estreito, tanto no espaço quanto no tempo, na medida que se amplia o horizonte geral. Desse modo, se tivesse dito que alguns parentes me chamam de “Sazinha” por ter sempre sido a

mais baixinha seria subentendido o afeto desse apelido? Seria mais contextualizado do que apenas dizer que me chamam como querem e escolhem fazer, independente de quem sou?

Pensando nisso, lembrei-me que já fui chamada de Amanda, Sabrina, Samara e formas que nada tem relação comigo, mas sim com quem fala. Para a entonação, é subentendido que os interlocutores compartilham o mesmo contexto, mesmo que em forma de um amplo horizonte. Então a narrativa seria ir além da linguística e da análise de seus aspectos morfológico, fonético e semântico?

As palavras, a entonação, o contexto seriam suficientes para expressar a singularidade de cada experiência? A narrativa vai além do que é subentendido do psiquismo de forma isolada, tentando conceituar um todo que não consigo perceber senão por algumas partes isoladas.

A narrativa seria então um todo mais complexo do que a simples soma da palavra, a sua forma de ser acentuada, entonação, dentre outros elementos. Porém ainda reflito sobre o quanto é possível se perceber e transmitir determinada experiência pela palavra, entonação e situação extraverbal.

Matrioska

Thiago Antonio Felipe

Pensar a narrativa em sua gênese, pode ser um baita desafio, outro dia, por exemplo, eu estava lendo uma obra que trata de ateliês, pois quero entender mais como aplicar a abordagem na educação infantil. Em determinado momento da leitura, me deparei com uma citação que me chamou e muito a atenção: “(...), é muito provável que a forma mais natural e imediata de organizar nossas experiências e nossos conhecimentos seja de forma narrativa”. O autor da frase é do psicólogo estadunidense Jerome Bruner, e me tocou profundamente, já que narrar é contar a vida e viver e, a rigor, narrar para nós mesmos o que fomos, o que somos e o que podemos ser.

Nas leituras sobre ateliês, o que mais me chamava a atenção foi, certamente, o potencial de transformação dos materiais, isto é, as materialidades, e como elas se expressavam em uma nova matéria. É que essa transformação expressa uma narrativa do que foi e do que se tornou. Me fez pensar o

constante movimento da mudança, e as histórias que surgem disso.

Outro dia afirmei o mesmo ao ler sobre a origem do meu nome, Thiago, e como ele é uma derivação de Jacó (o google e suas peripécias). Impressionantemente, poderia eu ter sido Jacó, mas fui Thiago, e Thi, e Tio Thiago e filho e migo e amor e enfim...

O tempo é implacável com a inalteração: aparentemente, meu nome é resultado de uma série de outros processos, uma baita narrativa, certamente, que se repete em meu corpo e mente.

Passado esse primeiro nível, fui tentar colocar a mão na massa, já que ateliê, segundo Stela Barbieri, é um estado (de espírito, ou o que achar melhor) e não apenas um espaço para produção artística, me inscrevi naquelas oficinas do Sesc para viver e ter mais o que narrar.

A proposta da oficina era simples, dar forma plástica aos poemas que nós gostamos e sugerimos para a leitura. Escolhi o poema psicografia, de Ana Cristina Cesar, e retomo seu percurso caótico às primeiras lidas, sagaz às meias e

contemplativo às últimas. Por muito virtude do viver, narrar (fingir ou versificar) por vezes é pouco, acho que entendi o poema, mas não tenho tanta certeza, não.

O resultado foi uma tela engraçada, com uma bonequinha russa, e nessas que lembrei que tive um professor que nos explicou como interpretar o texto poético – que por sinal foi bem útil para a oficina – se referindo a ele como um percurso. Percurso figurativo, o termo que ele utilizou. “Vocês têm que observar os percursos que as imagens podem gerar, esses percursos produzem sentidos? Sensações? Emoções? Quais caminhos esse poema te oferece?” Gosto da noção, até porque de todo percurso se infere uma narrativa: um percurso de figuras também, tal como em um praxinoscópio, mas como um filme infinito, com diferentes imagens e situações, ou... finito, efêmero, tal como um corte lacaniano, para que nunca saibamos o final e que fiquemos pensando nas possibilidades.

Se para Ana C. funcionava, imagine minha surpresa ao notar que nunca ouvi autor algum significar narrativa como percurso figurativo. Há algo mais figurado que a narrativa?

Bem, a rigor encontramos diferenças entre figurado e figurativo, contudo, a raiz das palavras: figura, é o que mais me interessou na explicação do professor, e o que mais me interessa para dar ao meu texto verossimilhança. O primeiro significado de figura, segundo o google, é “qualquer representação visual (esculpida, pintada, gravada etc.) de uma forma inspirada na realidade ou na imaginação; imagem, ilustração, figuração.” A clara referência à poesia, ao artístico, não é banal, fato.

Pode ser a figura, a realidade? Segundo o google, não. Veja bem, concordo com o site, e entendo que figura é uma realidade outra, tal como um sonho, ou uma matrioska: menor, porque não tão grande quanto a primeira, mas que pode ser parecida, ou não...

...de fato, os detalhes da pintura das bonequinhas russas são muito delicados, dizem tanto com tão pouco. Não sei o motivo, mas sinto que esse ornamento deveria ser o símbolo da fofoca, algo tão público e particular, não sei bem, deve ser a sensação de que sempre pode sair algo a mais de lá de dentro, potencial materialidade. Todos conhecemos a superfície, mas e as camadas interiores? Quais segredos habitam tais níveis?

Quais transformações? A rigor sabemos que as bonequinhas se repetem, mas nem sempre, não é mesmo.

Meu professor provavelmente não concordaria com a minha narrativa – como também olhou meio torto quando sugeri uma aula menos expositiva e mais participativa – diria que é conversa fiada, essa definição, digna do estado de ateliê, me inspira: No livro “O fim do homem soviético”, a jornalista Svetlana Alexijevich relata, a partir de suas entrevistas..., vejam só, o fim do homem soviético...

Não é desconfiando da idoneidade dela, nem nada, mas, para ser bem sincero, como posso saber que as entrevistas são reais? Como dizer que todas as senhorinhas e senhorinhos e jovens pessoas pré e pós-soviéticas não são personagens da mente da ganhadora do nobel? Como afirmar que tais vozes não são as bonequinhas de uma única voz?

Fato é que a polifonia inerente à obra não contribui muito para a resposta desta pergunta... Apesar de que, bem..., nada mais polifônico que o cotidiano: é evidente que ali, temos a matéria em seu apogeu de materialidade e transmutação..., mas estamos falando de narrativa, né.

Então, para a nobel bielorrussa, as vivências dos “entrevistados” são uma figuração da realidade, ou um percurso vivencial que expressa a ruína de uma espécie de ethos soviético. É a realidade? Não. Pode representar a realidade? Pode.

É, como coloca Chauí, o mesmo que se faz outro no interior de si mesmo.

É metáfora: a figura é, mas é outra coisa, não o sujeito/objeto em si. Não é a vida, mas expressão figurativa dela, é sua representação, que a estrutura e a alimenta, como o sangue que alimenta o corpo... e por vezes a transborda, para além dos níveis superiores.

Juntando tudo: a narrativa final

Vanessa Elizabeth de Souza Rocha

O relógio marca a hora exata de não poder adiar mais nada. Já estamos às vésperas do prazo estourar e o coração bate num ritmo mais acelerado. Reviver tudo o que passou neste semestre, é abrir um baú de experiências.

Início mais esta empreitada relendo o texto “O que narrativa para você?” e trazendo essa escrita para a roda. Lembro-me das diversas vezes que eu com certeza estava aparentando cansaço, mas sem dúvida, compreendia o grupo dos assustados que o professor Guilherme mencionou em um dos encontros, tentando ler nossas expressões que dificilmente tentávamos disfarçar. Mas a real situação, foi que o exercício da leitura proposta foi um desafio bem desafiador.

Tudo começou com a escolha do texto do Volóchinov, com o título **A palavra na vida e a palavra na poesia**: para uma poética sociológica. Tínhamos que ter realizado a leitura prévia e logo me deparo com a caixa de isolamento da compreensão. Qual a relação nisso? A cada momento que se sentava para ler, munida de marca texto azul e caneta para anotações, mais me

sentia longe da essência que estava registrada à minha frente. E então, a caixa do isolamento da compreensão foi exatamente o cativeiro que me colocava na relação da distância com este conhecimento.

Chegou nosso encontro e enquanto muitos explanaram suas impressões e anotações, eu anotava enlouquecidamente para, após esse momento, revisitar o texto e as anotações. Estava ainda de cabeça baixa escrevendo, quando ouvi em alto e bom som, a professora Liana:

Gente, não precisa entender tudo! Este texto é para não entender na primeira vez, vai precisar de muitas leituras.

De repente, um barulho dentro da caixa que me prendia. Uma fresta, uma rachadura, um feixe de luz. E aos poucos, como uma casca de ovo que se quebra ao tocar sem delicadeza uma superfície dura, a caixa lentamente foi se rompendo.

O primeiro feixe de luz ofuscou com carinho meus olhos, convidando-me gentilmente a sair deste lugar isolado, porque é na relação com o outro que vou me constituindo, me formando, e consolidando. São as vivências que me permito viver que afetam significativamente meu modo de falar e viver.

Atravessam-me ao ponto de serem organizadas no campo da memória. Assim, cada vivência intensa e carregada de sentido afetivo e afetante me compõem em experiências que decido compartilhar.

Neste momento, já muito à vontade fora da caixa, lembro-me do nosso primeiro texto, “Como me chamam?”. Literalmente uma imersão rápida no mundo da identidade. Entretanto não era sobre mim, mas sobre a relação que estabeleço com os outros que me cercam.

Comecei a lembrar sobre a listagem de nomes elencados para a escolha do meu. Nada mal para uma primeira filha que tinha várias opções sugeridas pelos meus pais. Porém, foi com o nome Vanessa Elizabeth que iniciei minha jornada neste mundo.

E enquanto eu lembrava das inúmeras recordações que envolviam meu nome, minha identidade, minha história, retomei como as pessoas me chamam. Muitas, somente pronunciam “Vanessa”. Outras, até tentam um “Van”, mas é mais íntimo e quando é pronunciado por alguém fora deste âmbito, soa quase como um desrespeito. Minha sobrinha, me

chama de Eliza. Minha mãe, de filha ou ainda pequenininha. Meu marido, me chama de Amor e quando não se dirige a mim assim, alguma coisa tem. Recordo com alegria da maneira como me chamam de apenas Vanessa, mas também do codinome “Creusa” que levo em missões de parcerias pedagógicas e empreitadas de café com a querida Creusa Flávia, que omiti naquela escrita. Pensar que a narrativa que escolho fazer hoje é um encontro do meu “eu” com o outro “eu”, uma materialidade que ainda que parada, reverbera para além do que escrevo, dando oportunidade para o leitor ressignificar minhas palavras. Vivo, então narro, escolhendo o quero falar, contando minhas experiências vividas, valorizando a temporalidade, carregada de sentidos. Escolho o signo, mas coloco significado, trazendo vida à escrita inerte. Pela entonação, aproximam-se ou distanciam-se, escrita e leitor, num jogo simbólico sem fim de modo que ao escolher minhas palavras, atribuo a elas valor e às expresso quando trago a entonação da minha escrita. Estranho e redundante? Pode ser, mas o movimento de espiral fica claro em minha mente enquanto escrevo estas linhas.

Ainda que Ruy, nosso colega de turma, nos fale que a narrativa e vida são diferentes, quando narramos contamos nossas histórias, da nossa própria vida, que se aproximam do real, das lutas, dos desafios, das dificuldades, da dor, mas também das vitórias, das superações e alegrias. E nesse diálogo, dançamos pela pista da vida, às vezes solitários, às vezes acompanhados, às vezes trocando os pares, às vezes só contemplando a bela canção parados. Não importa como estejamos, se decidirmos contar o que vivemos, narramos e pronto.

A narrativa evocada dentro de mim e transbordada para o mundo físico, estabelece trocas comunicativas significativas, onde não há um certo e errado, há somente uma captura do narrador (no caso eu) em contar algo em movimento, de modo circunstanciado. Estabelece-se uma tensão nos diálogos e conflitos que se movimentam rapidamente.

E na sequência dos fatos, fomos apresentados ao Rabelais. fiquei um pouco em débito nestes encontros, pois fiquei doente e a energia foi bem baixa, me apropriando pouco das discussões.

No meu retorno, já estávamos discutindo sobre as contribuições da professora Inês Bragança sobre a metodologia de pesquisa narrativa. É importante destacar que uma vez que materializamos nossas experiências em narrativas públicas, deixamos que elas dialoguem com quem as lê e ao mesmo tempo, possam recriar imagens e opiniões, interagindo com o texto.

Dialogando com Bakhtin, a relação do eu com o outro, me faz e refaz, adicionando mais significados, em uma ampliação do tema e sentido. Não é apenas algo monológico, mas dialógico em sua essência. Ao mesmo tempo que contribui e coopera, tensiona e propõe conflitos, nos forçando gentilmente a termos posicionamentos que nos retiram definitivamente da zona de conforto. Essa relação de consciência, sempre haverá, proporcionando uma relevante movimentação.

Tal diálogo, corrobora para a minha contribuição pessoal na escrita que faço, e conseqüentemente, causa um impacto. E entre escritas impactantes, materialização do vivido e visibilidade das memórias, contínuo na caminhada, não tendo

respostas prontas, mas buscando as justificativas que me faz hoje, para amanhã se tornarem novos desafios e questionamentos.

A arte da capa

Baile, 1989

A região sul do Brasil é marcada pela autoria cultural, conhecida pelas roupas, danças e músicas típicas. O baile era uma das festas populares muito comum em meados da década de 1980. Ao final da colheita, aconteciam nas comunidades os bailes com comidas e bebidas regadas com muitas músicas e danças nas noites frias de inverno e seguia até o sol raiar. Um acontecimento que não passou despercebido aos olhos de uma criança de 10 anos envolvida pela arte de desenhar. Resolvi registrar cada detalhe desse grande evento social e cultural ao acompanhar meus pais às festas, observava cada detalhe das roupas, até os sapatos e comportamentos das pessoas. Em casa, passava horas e horas, entre linhas, formas e cores, imaginando e representando cada personagem. As pessoas representadas tinham um nome e características próprias, geralmente, indivíduos que frequentavam a comunidade e os conhecia pelo nome. Cada personagem com sua história inventada na

imaginação, criatividade e brincadeira. Por vezes, inventava até nomes. Hoje, olho para o desenho e lembro de cada detalhe, mas, depois de 36 anos, não me recordo quais nomes inventei para o baile de 1980. Espere, não eram pessoas, são representações e cabia muito mais em minha imaginação.

Nadir Vidal

Referências

BAKHTIN, Mikhail. **A cultura popular na Idade Média e no Renascimento**: o contexto de François Rabelais. Tradução de Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec; Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1987.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. Tradução de Paulo Bezerra. 6. ed. São Paulo: Editora 34, 2020.

BAKHTIN, Mikhail. **Fragmentos dos anos 1970–1971**. In: BAKHTIN, Mikhail. Notas sobre literatura, cultura e ciências humanas. São Paulo: Editora 34, 2017. p. 21–56.

BAKHTIN, Mikhail. **Os gêneros do discurso**. Organização, tradução, posfácio e notas de Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2011.

BAKHTIN, Mikhail. **Reformulação do livro sobre Dostoiévski**. In: BAKHTIN, Mikhail. Estética da criação verbal. 4. ed. Introdução e tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2006. p. 337–357.

BARROS, Manoel de. **Livro sobre nada**. 7. ed. Rio de Janeiro: Record, 2010.

BENJAMIN, Walter. **O narrador**: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: BENJAMIN, Walter. Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história de cultura. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. p. 197–221.

BOLÍVAR, Antonio; DOMINGO, J.; FERNÁNDEZ, M. **La investigación biográfico-narrativa en educación: enfoque y metodología**. Madrid: Editorial La Muralla, 2001.

CASTRO, Eduardo Batalha Viveiros de. **Araweté: os deuses canibais**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1986.

CHIZIANE, Paulina. **Balada de amor ao vento**. 2. ed. Lisboa: Editorial Caminho, 2003.

CLANDININ, D. Jean; CONNELLY, F. Michael. **Pesquisa narrativa: experiência e história em pesquisa qualitativa**. Uberlândia: Editora da UFU, 2015.

FERRAÇO, Carlos Eduardo; ALMEIDA, Valeska Nahas Janikian de; KASTRUP, Virgínia. **Michel de Certeau e as pesquisas nos/dos/com os cotidianos em educação no Brasil**. Revista Brasileira de Pesquisa em Educação em Ciências, v. 17, n. 2, p. 12–31, 2017.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. 11. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 34. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 60. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2019.

GONZALEZ, Lélia. **Primavera para as rosas negras**: Lélia Gonzalez em primeira pessoa... São Paulo: União dos Coletivos Pan-Africanistas, 2018.

KAHLO, Frida. **O diário de Frida Kahlo**: um autorretrato íntimo. Tradução de Mário Pontes. Introdução de Frederico Morais. 3. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2015.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação**: episódios de racismo cotidiano. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

KOYAMA, A. C.; FREITAS, L. C. G.; FERNANDES, G. M. **Diálogos entre sujeitos no tempo**: Uma experiência no parquinho da Vila Marieta – Campinas. In: KOYAMA, A. C.; PARRELA, I. D. (Org.). Arquivos e temporalidades: o tempo nas práticas em educação e arquivos. Belo Horizonte, Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, 2020. BARROS, Manoel de. Livro sobre nada. 7. ed. Rio de Janeiro: Record, 2010.

LEE, Rita. 100%. In: LEE, Rita. **Rita Lee 3001**. Rio de Janeiro: Universal Music, 2000.

MALDONADO, Teixeira Daniel et al. **Educação física escolar e justiça social**: experiências curriculares na educação básica. Curitiba: Editora CRV, 2022.

MORAES, Maria Teresa Cruz de. Abraçando as diferenças. In: CAMPOS, Cristina Maria; PRADO, Guilherme do Val Toledo (Orgs.). **Pipocas pedagógicas III**: narrativas outras da escola. São Carlos: Pedro & João Editores, 2015. p. 79–81.

PETIT, Sandra. **Pretagogia**: pertencimento, corpo-dança afroancestral e tradição oral africana na formação de professoras e professores: contribuições do legado africano para a implementação da Lei nº 10.639/03. Fortaleza: EdUECE, 2015.

PONZIO, Augusto. **Linguagem e ideologia**. São Paulo: Contexto, 2010.

PRADO, Guilherme do Val Toledo. **Narrativas e percursos investigativos em educação**: uma narrativa pedagógica do Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação Continuada – GEPEC. In: ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto et al. A nova aventura (auto)biográfica: tomo III. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2018. p. 179–210.

PRADO, Guilherme do Val Toledo; CUNHA, Renata Cristina Oliveira Barrichelo; SOLIGO, Rosaura. **Memorial de formação**: uma narrativa pedagógica de profissionais de educação. Campinas: [s.n.], 2008.

RIOS, Flavia; LIMA, Marcia (org.). **Por um feminismo afro-latino-americano**: ensaios, intervenções e diálogos. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

ROBINSON, Cedric James. **Marxismo negro**: a criação da tradição radical negra. São Paulo: Perspectiva, 2023.

RODRIGUES, Vera. **A matriz estadunidense do feminismo negro**. 8º CCD: Curso de Curta Duração – Feminismos Negros e a Luta Antirracista. 2020. Disponível em:

https://www.youtube.com/watch?v=3y_TsIF068c&t=5060s.
Acesso em: 01 nov. 2020.

SERODIO, Liana Arrais. et al. **A metanarrativa e a relação inextricável entre o “mundo” da vida e da cultura**: uma aproximação entre Bakhtin e a educação. Revista Aleph, Niterói, n. 25, p. 207–221, maio 2016. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/revistaleph/article/view/39148>. Acesso em: 20 fev. 2025.

SHAKUR, Assata. **Assata**: uma autobiografia. Rio de Janeiro: Pallas, 2022.

VOLÓCHINOV, Valentin. **A palavra na vida e a palavra na poesia**: ensaios, artigos, resenhas e poemas. Organização, tradução, ensaio introdutório e notas de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Editora 34, 2019.

VOLÓCHINOV, Valentin. **Marxismo e filosofia da linguagem**. Tradução de Carlos Alberto Faraco e Cristóvão Tezza. 4. ed. São Paulo: Editora 34, 2017.

VOLÓCHINOV, Valentin. **Marxismo e filosofia da linguagem**. Tradução de Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec, 2019.

WOODSON, Jacqueline. **Um outro Brooklyn**. São Paulo: Todavia, 2020.

Sobre os(as) autores(as)



Alexandre José de Melo Neto

Possui graduação em Medicina pela Universidade Federal da Paraíba (2003) e Residência em Medicina de Família e Comunidade pelo Grupo Hospitalar Conceição de Porto Alegre (2005-2007), além de especialização em Terapia Familiar e de Casal pelo Instituto da Família de Porto Alegre (2007-2010). Concluiu o Mestrado Profissional em Saúde da Família (PROFSAÚDE) pela UFPB (2017-2019) e está cursando o Doutorado em Educação na Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) com ingresso em 2024. Atualmente atua como Professor Adjunto do Curso de Medicina no Departamento de Promoção da Saúde, do Centro de Ciências Médicas da Universidade Federal da Paraíba - UFPB, tendo ingressado na instituição desde 2011. Atua ainda como Supervisor do Programa Mais Médicos pela Secretaria Municipal de Campinas-SP desde maio/2024 e como Tutor da Especialização em Medicina de Família e Comunidade da UNASUS/UNIFESP desde maio/2024.



Anita Burth Kurka

Possui graduação em Serviço Social pela Universidade Federal Fluminense (1981), mestrado em Serviço Social pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (1985) e doutorado em Serviço Social pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (2008). Atualmente é professora aposentada da Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP) campus Baixada Santista, no Instituto Saúde e Sociedade, e professora

colaboradora da Faculdade de Ciências Médicas da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Sou avó, professora, pesquisadora e narradora.



Aparecida Célia dos Santos

Sou Aparecida Célia dos Santos. Filha de Célia Aparecida e Sebastião. Ele ferroviário da Companhia Mogiana de Estradas de Ferro e ela ex-fianadeira de seda na indústria Matarazzo. Fiz Magistério e depois Pedagogia pela UNESP. Fui professora do Ensino Básico da rede estadual de São Paulo. Tenho Especialização em Cultura Africana e Afrobrasileira pela UFSCAR. Atualmente sou Mestranda na Faculdade de Educação da Unicamp.



Breno Carneiro de Menezes

Psicólogo, doutorando pela Faculdade de Educação da UNICAMP, Mestre em Psicologia Clínica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUC-SP, Bacharel em Gravura pela Faculdade de Belas Artes de São Paulo - FEBASP, Licenciado Pleno em Educação Artística pela Faculdade de Belas Artes de São Paulo - FEBASP. Filiado ao Instituto Brasileiro de Psicanálise Winnicottiana - IBPW. Atende em consultório particular e online, leciona psicanálise no CEFAS - Centro de Formação e Assistência à Saúde. Pesquisa interseções entre artes, clínica, educação e cultura.



Carlos Alexandre Spunchiado

Professor de Educação Física pela UNICAMP e mestrando em Educação Física e Sociedade também pela UNICAMP, no Programa de Pós-graduação em

Educação Física da Faculdade de Educação Física da UNICAMP. Pesquisador da Saúde Mental e Ginástica para Todos, amante das ginásticas e suas expressões artísticas.



Carlos Eduardo Cavalcante Barros

Administrador e pesquisador de envelhecimento LGBT do LEPIE-LGBT60+, estudante de memes e das histórias que as pessoas contam. Experienciar a vida é um propósito diário. Amo estar andando, as ideias e os pensamentos fluem e se resolvem, principalmente se estiver em meio a natureza. Viciado em assistir filmes e séries, cinéfilo demais. Move-se para a música pela música boa. Adoro me perder para me encontrar. Atualmente é doutorando do Programa de Pós-graduação em Gerontologia pela Faculdade de Ciências Médicas da Unicamp.



Carol Nobrega

Afroprofessora e afrogestora na educação básica. Escritora e ilustradora. Mestre em Educação (Antirracista) pela Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP), Doutoranda em Educação (Amefricana) pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Integrante do Grupo de Trabalho para a escrivência da política de Educação Antirracista na rede municipal de Campinas (SP). *Educar é um ato revolucionário, e em sua responsabilidade reside o reconhecimento e a relevância da luta das Negras Mulheres na Educação!*



Danyella da Silva Barrêto

Professora da Universidade Federal da Paraíba, médica de família e comunidade, terapeuta de famílias e casais, mãe de Emanuel, Petrus e Luna, baiana daquelas que roda a baiana, entra na roda, joga capoeira, ama percussão e apaixonada por dendê.

Aprendendo a dançar samba de gafieira e ama remar, mas quase nunca rema. Filha de um amante da pescaria de peixe com uma amante da pescaria de marisco e, por isso, ama o mar e tudo que vem dele. Curte o silêncio cortado pelo canto dos pássaros, pela voz das crianças e pelo abraço do seu amado. Atualmente é doutoranda no Doutorado Acadêmico do Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp).



Edna Aparecida Beatto

Edna Beatto, Educadora Social e psicopedagoga, coordenadora da Pastoral Afro.



Francisco Jonnathan Santos Freitas

Advogado, Orientador bolsista na Univesp, Contador de Histórias e Contista. Com muita saudade de estar na escola, decidiu se perder na filosofia da educação para se encontrar novamente como educador. Atualmente é mestrando no Mestrado em Educação do Programa de Pós-Graduação da Faculdade de

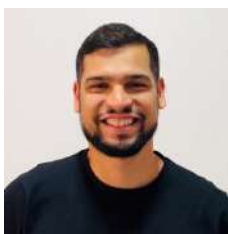
Educação da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp).



Gabriel Spolaor

Mestre e licenciado em Educação Física pela FEF/UNICAMP. Atualmente é professor de

Educação Física e coordenador de área/disciplina na Educação Básica do município de Campinas/SP. Coordena o EscolaR (Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação Física Escolar) da FEF/UNICAMP. É membro do GRUBAKH (Grupo de Estudos Bakhtinianos), subgrupo do GEPEC situado na FE/UNICAMP. Desenvolve pesquisas com os temas: Educação Física escolar, Brincar, Prática pedagógica e Formação docente.



Gustavo José de Santana

Sou Gustavo Santana, apaixonado pelo São Paulo Futebol Clube e por crianças. Atuo na Educação Infantil como professor de Educação Física na rede municipal de Louveira e sou mestrando em Educação Física e Sociedade pela FEF/UNICAMP.



Leandro Roberto Carneiro

Possui graduação em Pedagogia pela Universidade Estadual de Campinas (2018), graduação em Geografia pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (2009) e especialização em Gestão Escolar pela Universidade de São Paulo (2022). Atualmente é vice-diretor educacional na rede municipal de educação de Campinas, está realizando curso de formação em Psicanálise no CEFAS e mestrado em Psicologia e Educação na Universidade Estadual de Campinas.



Leiliane Oliveira Reimberg

Mestranda em Educação na Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Especialista em Gestão Estratégica de Pessoas pela Faculdade Focus (2023), em

Direito Contratual pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (2017) e LLM em Direito Penal pelo Centro Universitário de Bauru (2011). Graduada em Psicologia pela Universidade São Judas Tadeu (2023) e em Direito pelo Centro Universitário das Faculdades Metropolitanas Unidas (2008). Extensão universitária em Saúde Mental Relacionada ao Trabalho pelo Instituto Sedes Sapientiae (2018).



Luciene Alves Peccin

Professora, psicanalista e pesquisadora, vive entre palavras, gestos e pensamentos, é apaixonada pelo ser humano e pelas bonitezas da educação. Atua como docente na Divisão de Educação Infantil e Complementar (DEdIC) da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), busca ser uma ponte entre o conhecimento e a amorosidade, na qual cada olhar de curiosidade das crianças é um convite à descoberta. É mãe de duas meninas (Maria Fernanda e Ana Luiza), pequenas estrelas que iluminam seu caminho.



Márcia Alves Guimarães

Sou Márcia Alves Guimarães, mãe da Marina, filha, amiga, cidadã e motoqueira, movida por trajetórias que conectam pessoas, territórios e saberes. Sou dentista e pedagoga, especialista em saúde da família, em educação cristã e em saúde pública, mestre em saúde pública e doutora em gerontologia. Diante da convicção inabalável na missão de amar e cuidar da diversidade que compõe nossa sociedade, dedico-me à educação permanente para qualificar as práticas em saúde, ao fortalecimento do SUS e à pesquisa sobre o envelhecimento em contextos vulneráveis, com foco no cuidado e autocuidado na perspectiva bakhtiniana.



Maria Natalina de Oliveira Farias

Professora, pesquisadora, narradora. Aprendendo ser corredora de meia maratona. Atuante do Grubakh e Grucop vinculado ao Gepec. Estudante de letras.

Adorando trabalho na docência num cursinho popular com adolescentes do 9. Ano. Doutoranda na PPGE, Faculdade de Educação, Unicamp.



Maria Teresa Cruz de Moraes

Mestranda em Educação na Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), com especialização em Coordenação Pedagógica pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCAR), e formação em Psicopedagogia pela FAC Campinas e Pedagogia pela FIMI Mogi Guaçu. Possui ampla experiência

na área de Educação, com ênfase em Ensino-Aprendizagem e Gestão Escolar. Atuou como formadora de professores em Linguagem e Educação Matemática nos Anos Iniciais e foi formadora do Curso de Extensão Universitária do Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa (PNAIC), desenvolvido pelas Universidades Estaduais UNICAMP, UFSCAR e UNESP. Foi Professora Coordenadora do Núcleo Pedagógico de Matemática dos Anos Iniciais da Diretoria de Ensino Campinas Oeste e formadora do curso de Formação de Leitores para professores alfabetizadores, promovido pela Escola de Extensão da UNICAMP (EXTECAMP).



Nadir Vidal

Mestrando do Programa de Mestrado Profissional em Educação Escolar da Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP. Orientador Pedagógico na

Prefeitura de Campinas. Possui graduação em Artes Visuais pela Universidade Comunitária da Região de Chapecó (2004) e graduação em Pedagogia pela Universidade Federal de São Carlos (2012). Pós-graduação em Coordenação Pedagógica - UFSCAR (2014).



Patrícia Martins de Oliveira

Itatibense, mãe da Isis, filha da Teresa e do Renato, atua na área da educação há 25 anos, colaboradora do Sesi-SP. Viaja pelo estado de São Paulo ministrando formações para professores gestores e analistas. Atualmente é mestranda da Pós-Graduação da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp).



Raphael Cutis

Pai da Maria, do Henrique, da Elisa e do Pedro, com eles aprendo a ver o colorido da vida. Mestre e Doutorando em Educação, pela faculdade de Educação da Unicamp, tenho me dedicado a estudar o processo de humanização nas histórias de vida de professores(as) de Educação Física. Professor. Palestrante. Karateca. Gosto dos brinquedos cantados. Voluntário. Tenho me aventurando no karaokê. Estou coordenador pedagógico na escola de educação infantil do Sesc-SP



Regina Maria Souza

Professora, alfabetizadora, apaixonada por esse movimento de troca de saberes com as crianças, na escola e em todo lugar que elas estejam.

Recentemente Mestre em educação pelo programa de Mestrado Profissional em Educação Escolar na Faculdade de Educação de Campinas (Unicamp).



Ruy Braz da Silva Filho

Envolvido na Educação Infantil municipal em Campinas há mais de 17 anos, sou um diretor educacional recente, aprendendo, me constituindo e aceitando os desafios do cargo com entusiasmo. Quando posso, adoro fazer e ouvir música, assistir a filmes (de preferência no cinema) e jogar (qualquer coisa). Estudo — encantado — os sujeitos que estão nos primeiros anos de vida. Atualmente, estou no programa de doutorado na Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas.



Samantha Larissa Oliveira

Bacharel em Psicologia pela Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD) e especialista em Saúde da Família pela Prefeitura Municipal de Campinas - SP (PMC). Durante a graduação, atuei de forma voluntária tanto em projetos de ensino, pesquisa e extensão da universidade, quanto em serviços de Saúde Mental (Caps II, Caps Ad, Ambulatório e Residência Terapêutica) e no Laboratório Serviço de Psicologia Aplicada (LABSPA).



Thiago Antonio Felipe

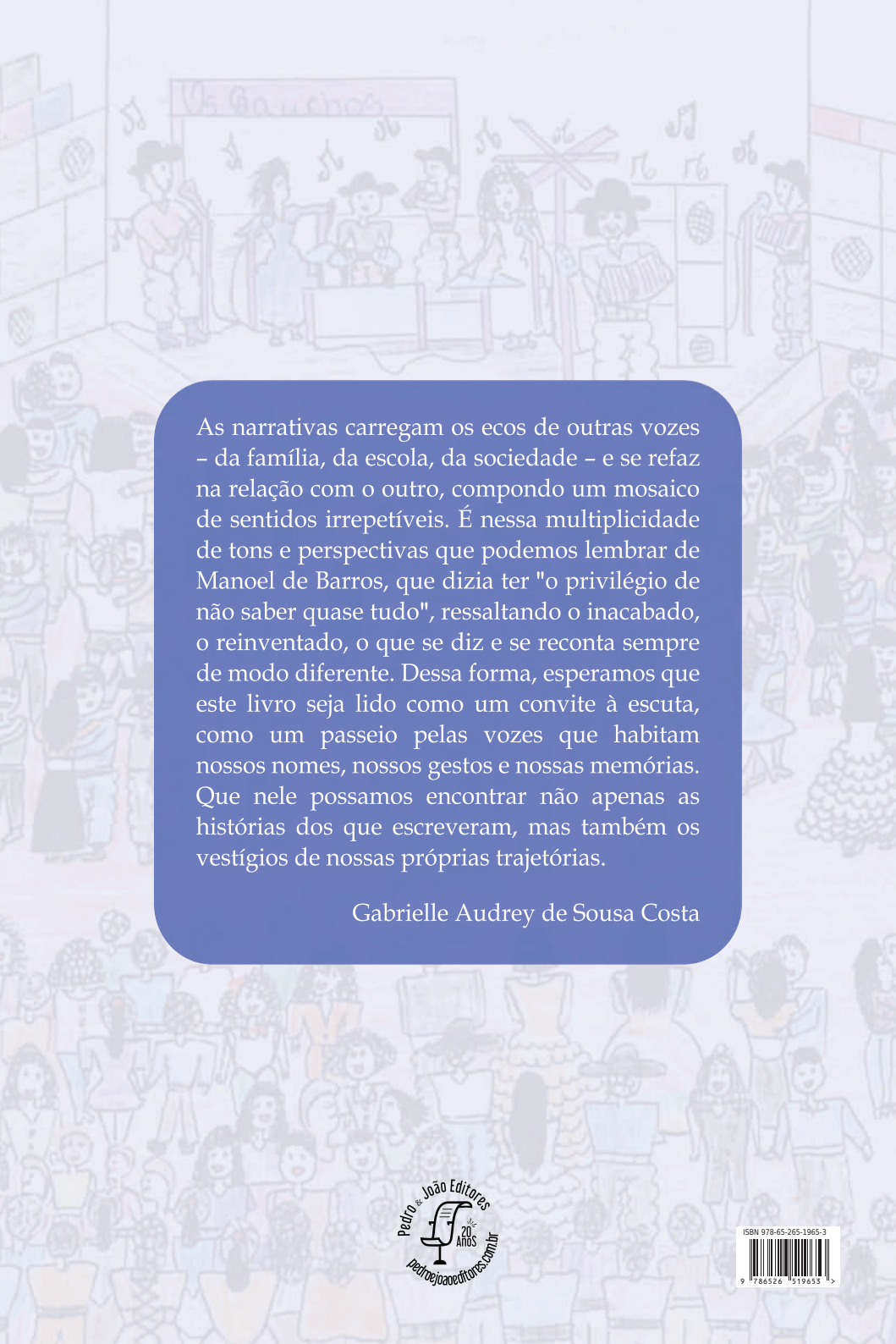
Graduado em Letras pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Mestrando em Linguística Aplicada pela Universidade Estadual de Campinas. É

professor de Educação Infantil da rede municipal de Campinas. Atualmente realiza pesquisas voltadas para a Interdisciplinaridade curricular no ensino superior e para as práticas de acolhimento linguístico na Educação Infantil.



Vanessa Elizabeth de Souza Rocha

Eu sou a Vanessa Rocha, uma mulher que ama chocolate com café, ler e cozinhar. Iniciou seus estudos em narrativas pedagógicas há pouco mais de dois anos e é pedagoga e professora de Ed especial na rede municipal de Campinas, atuando como professora de referência há cinco anos.



As narrativas carregam os ecos de outras vozes – da família, da escola, da sociedade – e se refaz na relação com o outro, compondo um mosaico de sentidos irrepetíveis. É nessa multiplicidade de tons e perspectivas que podemos lembrar de Manoel de Barros, que dizia ter "o privilégio de não saber quase tudo", ressaltando o inacabado, o reinventado, o que se diz e se reconta sempre de modo diferente. Dessa forma, esperamos que este livro seja lido como um convite à escuta, como um passeio pelas vozes que habitam nossos nomes, nossos gestos e nossas memórias. Que nele possamos encontrar não apenas as histórias dos que escreveram, mas também os vestígios de nossas próprias trajetórias.

Gabrielle Audrey de Sousa Costa